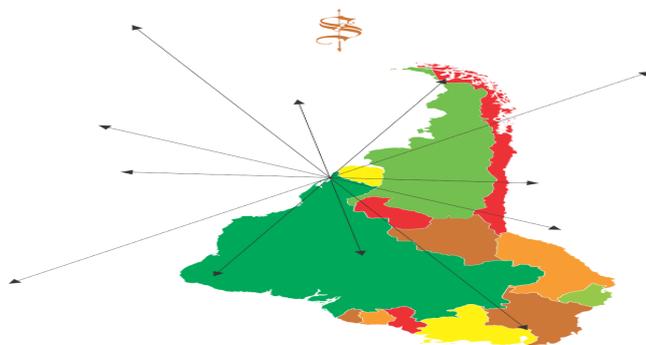


VII EXTREMOS DO SUL

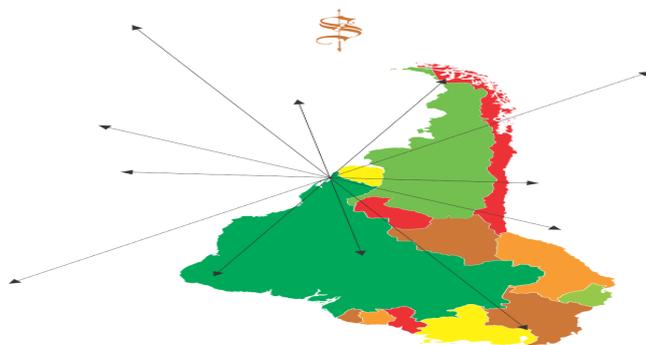
Resumos simples

<i>Título</i>	<i>Autoria</i>	<i>Página</i>
<i>QUEBRANDO BARREIRAS E CRIANDO ESPAÇOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE FUTSAL PARA MULHERES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE/FURG</i>	<i>Ana Laura Eckhardt de Lima</i>	1
<i>A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA E SUAS EXPRESSÕES – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DOCENTE</i>	Lucia Marques Furlanetto	2



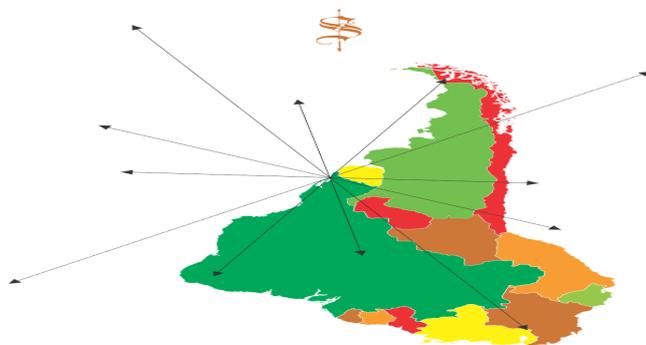
VII EXTREMOS DO SUL

<p>A COMPETIÇÃO ESPORTIVA COMO FENÔMENO SOCIOCULTURAL EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE URUGUAIANA/RS</p>	<p>Laura Helena Osorio Veloso David Roger Menezes Julia Garcia Gomes Jeferson Luís Rodrigues Salvador</p>	<p>3</p>
<p>A ESPORTIVIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS NA ATUAÇÃO DO PIBID</p>	<p>Symom Couto Hoffmann Cláudia Lima de Souza Lara Silva Schuerne Sherelise Alves Duarte</p>	<p>6</p>
<p>AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: MAPA SOBRE A PRESENÇA DO CONTEÚDO EM ESCOLAS DA CIDADE DO RIO GRANDE - RS</p>	<p>Paulo Sérgio da Gama Macedo Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves</p>	<p>7</p>
<p>EXPLOSÃO DE IDÉIAS: CONCEITO DE ALUNOS ACERCA DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL EM RIO GRANDE/RS</p>	<p>Leonardo de Souza Rodrigues Weslei Rodrigo Oliveira Bispo Denise Diogle André Luis Martins Pinto Vicente Machado Valero</p>	<p>9</p>
<p>IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO</p>	<p>Victor de Oliveira Amaral Weslei Rodrigo Oliveira Bispo Charles da Costa Bandeira Ana Laura Eckhardt Lima</p>	<p>10</p>



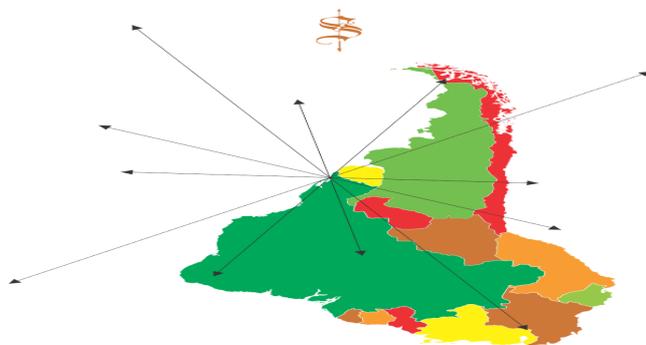
VII EXTREMOS DO SUL

FUNDAMENTAL EM RIO GRANDE/RS	Luciana Toaldo Gentilini Avila	
PRÁTICAS DE LAZER DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA UMA UNIVERSIDADE MINEIRA	Uila Castanheira Queiroz Ribeiro Alex Rosa de Santana Gabriela Machado Ribeiro	12
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA	Bruna Vitória de Almeida Luciana Toaldo Gentilini Ávila	13
PRÁTICAS DE LAZER DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	Alex Rosa de Santana Uila Castanheira Queiroz Ribeiro Gabriela Machado Ribeiro	15
GINÁSTICA PARA A COMUNIDADE, EXPERIÊNCIA PARA A FORMAÇÃO	Sherelise Alves Duarte Cláudia Lima de Souza Lucinara Pereira da Silva Symon Couto Hoffmann Gustavo da Silva Freitas	16
O ACAMPAMENTO COMO FATOR DE SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	Gisele Rillo Vasconcelos Bruna Herrera Vieira Rosane de Los Santos Henriques Álvaro Luís Ávila da Cunha	18



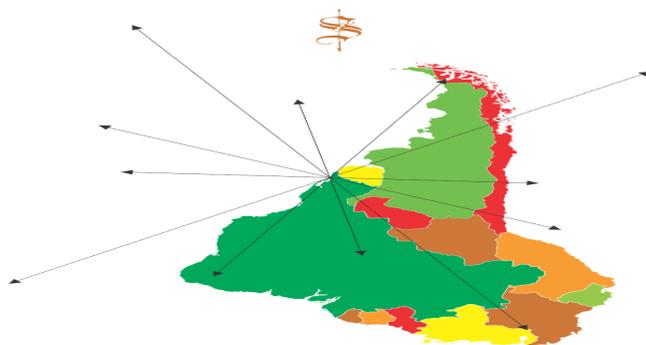
VII EXTREMOS DO SUL

<i>Resumos expandidos</i>		
A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM UMA ESCOLA PÚBLICA: EDUCAÇÃO FÍSICA E DESIGUALDADE SOCIAL	Leonardo Lemos Silveira Giovanni Felipe Ernest Frizzo	20
TRANSGÊNEROS NO ESPORTE E AS PREMISSAS DO FAIR PLAY	Breno Berny Vasconcelos Andrize Ramires Costa	26
Formação continuada de professores: mobilização dos saberes a partir da extensão universitária	Mariângela da Rosa Afonso Fabiana Celente Montiel Leontine Lima dos Santos Franciele Ross da Silva Ilha Patrícia da Rosa Louzada da Silva	32
EDUCAÇÃO FÍSICA E CINEMA: A FIGURA DO COACH TEACHER E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA EM RIO GRANDE – RS	Charles da Costa Bandeira Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves	39
Percepções sobre imagem corporal de pessoas submetidas à cirurgia de confecção de estoma	Jéssika dos Santos Garcia Daniela Barsotti Santos	44
GINÁSTICA PARA COMUNIDADE:	Lara Silva Schuerne Priscila Fontes Gularte Gustavo da Silva Freitas	50



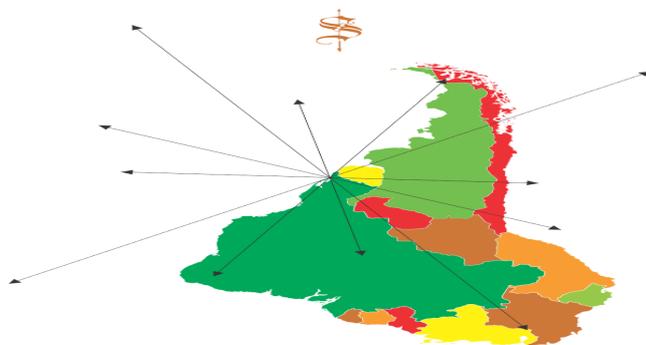
VII EXTREMOS DO SUL

<p>CONSTRUINDO A HISTORICIDADE DO PROJETO</p>		
<p>As Influências da EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO PERFIL DE ADESÃO DOS PARTICIPANTES DA MODALIDADE HANDEBOL DOS JOGOS DA UFPEL</p>	<p>Gabriela Diel de Arruda Marcelli Corrêa de Ávila Mariângela da Rosa Afoso José Antônio Bicca Ribeiro</p>	<p>55</p>
<p>UNIDOCÊNCIA: PERCEPÇÕES SOBRE A QUALIFICAÇÃO PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</p>	<p>Marcelli Corrêa de Avila Gabriela Diel de Arruda José Antônio Bicca Ribeiro</p>	<p>60</p>



VII EXTREMOS DO SUL

Trabalhos completos		
FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PROBLEMATIZAÇÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE CURRÍCULO	Luciana Vitória da Silva	63
O PUNHOBOL NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS: DOS PRIMEIROS PASSOS À CONSOLIDAÇÃO COMO UM ESPORTE ESCOLAR	Leonardo Costa da Cunha Leontine Lima dos Santos	75
EDUCAÇÃO FÍSICA E OPRESSÕES: A CULTURA CORPORAL NO COMBATE À DISCRIMINAÇÃO	Thaís Mortola Dias José Alberto Coutinho da Silva Catiúcia Almeida de Souza Giovanni Felipe Ernst Frizzo Leonardo Lemos Silveira	89
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: O CORPO EM DESTAQUE 2012-2018	Alderise Pereira da Silva Quixabeira RuhenaKelber Abrão	100
A EDUCAÇÃO FÍSICA NA LENTE DE PERSPECTIVAS FOUCAULTIANAS: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES DA REVISTA MOVIMENTO NA DÉCADA 2008-2018	Vítor Tavares da Silva Catiúcia Almeida de Souza José Alberto Coutinho da Silva Natália Silveira Antunes Franciele Roos da Silva Ilha	113



VII EXTREMOS DO SUL

<p>ESPORTE E LAZER NA PRISÃO: REFLEXÕES DO NORTE DO BRASIL</p>	<p>Diego Ebling do Nascimento Wellington Macedo Coutinho Andre Augusto Luis da Silva Ruhena Kelber Abrão Ferreira</p>	<p>127</p>
<p>SPORT CLUB INTERNACIONAL: SOBRE O FUTEBOL DE MULHERES NO CLUBE DO POVO</p>	<p>Ana Laura Eckhardt de Lima Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer</p>	<p>140</p>
<p>MULHERES NO ESPORTE: O COMEÇO DO PORTAL ESPNW NO BRASIL</p>	<p>Fernando Godinho Lima JoanaliraCorpes Magalhães</p>	<p>152</p>



ANAIS

Resumos simples

QUEBRANDO BARREIRAS E CRIANDO ESPAÇOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE FUTSAL PARA MULHERES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE/FURG

Ana Laura Eckhardt de Lima¹

PALAVRAS-CHAVE: Futsal; Mulheres; Projeto de Extensão.

O Projeto de Extensão Prática de Futsal Feminino (P.E.P. Futsal Feminino) foi criado no ano de 2017 a partir da disciplina de Estágio Supervisionado I do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Para além de cumprir com os requisitos da disciplina, o projeto, desde sua constituição, buscou garantir um espaço de prática de futsal para as mulheres estudantes, servidoras e funcionárias da FURG, assim como da comunidade em geral. Mesmo com algumas modificações, neste ano de 2019 o P.E.P. Futsal Feminino está em seu quinto semestre de realização. Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo relatar como surgiu o projeto e comentar alguns desafios da prática do futsal de mulheres dentro da Universidade.

O P.E.P. Futsal Feminino, desde sua primeira edição, ocorre na quadra poliesportiva do Centro Esportivo da FURG, no período da tarde e com frequência variada, entre uma a duas vezes na semana, dependendo da disponibilidade do espaço. A cada semestre o dia e o horário da realização do projeto são alterados, pois busca-se melhor atender às participantes, procurando por horários que viabilizem a participação de mais interessadas em cada edição. Atualmente, o projeto conta com quatro estudantes voluntárias do curso de Educação Física, sendo uma já graduada, e estima-se que mais de 40 meninas passaram pelo projeto.

Nessa perspectiva, a necessidade de criar um espaço para a prática de futsal de mulheres foi sentida quando percebi a carência de locais que viabilizassem a inserção das mulheres nesse esporte de forma efetiva dentro da FURG. Como participante da Prática Desportiva Futsal

¹ Graduada em Educação Física Licenciatura, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, analaura_eck@hotmail.com.



(prática mista, mas majoritariamente masculina, ofertada a todos/as os/as estudantes da FURG), notei que muitas meninas desistiam da modalidade por frustrações e preconceitos que sofriam ao jogar com meninos. Conhecendo essa realidade e entendendo que a oferta de uma prática de futsal mista reforçava essa segregação, uma vez que o futsal ainda é visto como um esporte para homens, criar um projeto de futsal de mulheres me pareceu, naquele momento, quebrar uma barreira que impedia o fomento do futsal de mulheres universitário enquanto uma prática de lazer.

Dessa forma, o P.E.P. Futsal Feminino se consolidou como um espaço de prática de futsal, de socialização entre mulheres, de discussão sobre o futebol de mulheres e de homens e, principalmente, um espaço onde as mulheres são as protagonistas dessa prática ainda, como dito, majoritariamente masculina. Portanto, é perceptível a carência de espaços de prática de futsal de mulheres, sendo a criação do P.E.P. Futsal Feminino uma oportunidade de desenvolvimento e fortalecimento da relação das mulheres com o futsal, visando uma possibilidade futura de equiparação de espaços de prática de futsal/futebol para mulheres e homens, uma vez que hoje um espaço misto mostra-se insuficiente para as mulheres.

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA E SUAS EXPRESSÕES – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DOCENTE

Lucia Marques Furlanetto

PALAVRAS-CHAVE: Estágio docente; Educação Física no contexto escolar; Temas transversais.

Este resumo apresenta um relato de experiência que ocorre na disciplina de Estágio Supervisionado III, do curso de Licenciatura em Educação Física da FURG, sétimo semestre/2019 (em curso), na qual acontecem intervenções pedagógicas em uma turma de sétimo ano de uma escola do Município de Rio Grande, RS, visando a qualificação do corpo discente. As aulas foram realizadas sob a forma de aulas teóricas expositivas e reflexivas, em sala de aula, e atividades práticas, no ginásio e no pátio da escola.

Nos primeiros contatos com a turma percebeu-se uma preferência por esportes com bola, bem como bastante uso de celulares, elementos que poderiam, a princípio, dificultar o desenvolvimento do trabalho proposto. Sendo assim, foi necessário estabelecer um diálogo com a turma, lançando-se uma proposta de elaborar trabalhos escritos para tratar de temas transversais inseridos no universo da Educação Física, tais como gênero e inclusão.



O objetivo deste trabalho é narrar e registrar uma passagem significativa do Estágio docente, destacando-se a maturidade de um menino de doze anos ao responder as seguintes perguntas num trabalho escrito sobre futebol:

Pergunta: O que você acha do futebol feminino? Resposta: *“Acho tão importante quanto o futebol masculino, infelizmente ainda há preconceito ao gênero feminino, inclusive isso é percebido pelas diferenças de salário e de mídia. No entanto, a rede globo vai transmitir pela primeira vez a copa do mundo feminina.”*

Pergunta: Se tu tivesse uma pessoa amiga ou familiar com alguma limitação física ou mental que quisesse muito jogar futebol, como farias para ajudá-lo?

Resposta: *“Depende da limitação. O principal nesses casos é incluir o colega e fazer com que a brincadeira se adapte à sua limitação. Exemplo: jogar a bola com um saco com coisas que façam barulho. Na corrida tem atleta guia, colegas cadeirantes, fazer atividades com todos os sentidos, enfim, só basta adaptar à atividade”*(grifo do autor).

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na parte que trata da Educação Física no Ensino Fundamental, podemos encontrar competências pertinentes aos temas transversais, como o caso da nº 5, que propicia “identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes” (BRASIL, 2017, p.223).

A Educação Física na escola deve ser trabalhada na sua amplitude, atendendo aos anseios dos alunos, considerando suas limitações e possibilidades. A escrita sempre possuiu uma grande relevância, servindo tanto para refletir quanto para registrar questões relevantes, e, através dela, pode-se demonstrar que o universo dos adolescentes é dinâmico, inquieto, barulhento, questionador, expressivo, mas ao mesmo tempo desafiador, fascinante e surpreendente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC.2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em 18/05/2019.



A COMPETIÇÃO ESPORTIVA COMO FENÔMENO SOCIOCULTURAL EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE URUGUAIANA/RS

Laura Helena Osorio Veloso ²

David Roger Menezes ³

Julia Garcia Gomes ⁴

Jeferson Luís Rodrigues Salvador ⁵

PALAVRAS-CHAVE: educação-física escolar; escola; competição escolar;

INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar ao longo dos anos apresenta forte impacto na construção sociocultural da sociedade, trazendo inúmeras transformações para a integração coletiva, devido a mesma fornecer aprendizado para habilidades físicas e sociais, valores culturais, atitudes e normas (MEDINA,2018). Percebe-se que a cultura esportiva é significativa na EF escolar, fazendo com que os estudantes procurem, por afinidade de esporte, clubes específicos de treinamento para a participação da prática de Competições Escolares fora do horário da EF. A sociedade é competitiva o que reforça a necessidade de se buscar e trabalhar a mesma (BRACHT,1987).

OBJETIVO

O estudo procurou identificar quais são os impactos dentro da comunidade escolar ocasionados EF, buscando entender através de um relato da trajetória histórica, como o resultado das competições escolares reforça e valoriza o esporte como referencial das práticas corporais escolares.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi de caráter quantitativo, através de um questionário, respondido pelo diretor de uma Escola, na qual foi possível analisar e compreender a cultura da

² Discente, Universidade Federal do Pampa - Campus Uruguaiana lauraveloso48@gmail.com 1.

³ Discente, Universidade Federal do Pampa - Campus Uruguaiana davidmenezes2398@gmail.com 2.

⁴ Discente, Universidade Federal do Pampa - Campus Uruguaiana juliagarciagef@gmail.com 3.

⁵ Discente, Universidade Federal do Pampa - Campus Uruguaiana jeferson_lrs@hotmail.com 4.



participação em competições e os benefícios que trouxeram para essa comunidade, incluindo alunos, professores e também para EF escolar.

DISCUSSÃO

A Escola em questão atua na comunidade desde 1953, caracteriza-se com uma variedade de culturas composta atualmente por 2.121 alunos e 119 professores, sendo quatro de Educação Física, onde dentre esses além da profissão de professor, são treinadores de equipes dentro da Escola de modalidades específicas. A mesma participa de competições esportivas desde 1997 em diversas categorias, conquistando desde esse período 17 títulos estaduais e diversificados títulos em competições locais, adquirindo em média de um a dois títulos por ano. A educação física é muito presente nessa comunidade escolar e os alunos demonstram bastante interesse na procura de treinamentos específicos fora da EF, como o basquete, futsal, futebol de campo e handebol, maioritariamente na categoria infantil, contando também com a categoria juvenil. Internamente a escola realiza campeonatos entre turmas em todas modalidades. Externamente já participou do Guri Bom de Bola e dos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul (JERGS). Diante da percepção do diretor foi visto que os títulos trouxeram reconhecimento, visibilidade e valorização do trabalho da escola em nível de Estado por ter sido o maior vencedor esportivo do ano 2000 em diante. Um número significativo de alunos que passaram pelas equipes escolares acabou seguindo a carreira esportiva em futsal, basquete e futebol de campo em diferentes estados brasileiros.

CONCLUSÃO

Conclui-se que diante a cultura de competição escolar ser de forte condecoração na Escola em estudo, a mesma passou ter uma ampla visibilidade e reconhecimento no meio educacional. Através da forte construção de cultura esportiva presente em seu interior, acaba por beneficiar a comunidade escolar, principalmente a EF, entretanto passa a não receber recursos diferenciados para outras culturas corporais, devido a isso as mesmas passam a ser ofuscadas pelo esporte, acabando por não contemplar diferentes oportunidades socioculturais, não beneficiando parte desses alunos.

REFERÊNCIAS



BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. Revista Brasileira de Ciências do esporte, v. 7, n. 2, p. 62-68, 1986.

MEDINA, João Paulo S. Educação física cuida do corpo... e "mente". Papirus Editora, 2018.

A ESPORTIVIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS NA ATUAÇÃO DO PIBID

Symom Couto Hoffmann⁶

Cláudia Lima de Souza⁷

Lara Silva Schuerne⁸

Sherelise Alves Duarte⁹

PALAVRAS-CHAVE: PIBID; Educação Física; Esportivização;

O presente trabalho trata-se de uma análise elaborada em uma de nossas reuniões semanais do Programa de Iniciação a Docência – PIBID do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Buscávamos investigar se nossas atividades de aula atendiam aos propósitos almejados e qual seria o *feedback* dos alunos, tanto em relação aos conteúdos como nossa participação nas aulas. Decidimos que, para uma melhor elucidação acerca deste propósito, deveríamos ter conhecimento do que os alunos pensam acerca da Educação Física, do que compreende esta disciplina, quais os aprendizados que podem ser obtidos através dela, bem como os sentimentos e os anseios destes discentes.

Executamos então uma atividade na qual os alunos, de seis turmas do 6º e 7º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Rio Grande, pudessem livremente expor tudo aquilo que pensavam ser Educação Física e, até mesmo, obter uma avaliação indireta de nossa atuação e participação na construção das atividades. A atividade escolhida foi a “explosão de ideias” (OSBORN). Esta consiste em, a partir de um tema gerador, no caso “*Educação Física é?*”, estimular que os alunos expressem sua opinião acerca do tema. Neste caso, em um cartaz com o tema principal, cada aluno escreveu uma palavra.

Ao fazer a análise das palavras citadas pelos alunos o grupo do PIBID dividiu as mesmas em três categorias sendo elas: práticas corporais, palavras inusitadas e sentimentos e sensações. Nosso grupo ficou responsável pela sub-categoria práticas corporais. Foram citadas 34

⁶ Aluno, FURG, hoffmann_couto@hotmail.com.

⁷ Aluna, FURG, claudiasouza93@outlook.com.br.

⁸ Aluna, FURG, lara.schuerne@hotmail.com.

⁹ Aluna, FURG, sherelise.duarte16@gmail.com.



diferentes palavras, apresentando maior recorrência: futebol, basquete, voleibol e handebol. No geral as palavras mais repetidas, excluindo modalidades esportivas, foram: esporte, exercício, agilidade e corrida. A palavra dança foi citada em duas turmas, jogos e ginástica em uma e a palavra luta não foi citada.

Como já esperado, “percebe-se que, atualmente, a Educação Física vem sendo confundida com a prática desportiva, havendo uma desconsideração de seu conteúdo lúdico, cognitivo e social” (BARBOSA, MATOS, SAVÓIA ZANELLA, BELLONI, MAZINI Filho, 2009) o que é apontado mesmo na perspectiva dos alunos, levando em conta a predominância da palavra esporte ou de modalidades esportivas em detrimento de outras práticas corporais.

Após constatar a visão esportivizada dos alunos os bolsistas do PIBID, junto com o professor de educação física, tem a oportunidade de mostrar outras perspectivas e outros saberes que constituem as práticas corporais. Pode-se então desmistificar a atual visão dos discentes sobre a disciplina, produzindo aulas que os levem a refletir sobre sua corporeidade através de outras modalidades que constituem a cultura corporal, considerando que “a cultura humana é, de uma certa forma, a extensão cada vez mais ampla do corpo humano” (FREIRE, 1991, p 40) e tendo a Educação Física papel fundamental em sua constituição, sem a necessidade de dicotomizar o corpo ou enaltecer unicamente os esportes.

REFERÊNCIAS

FREIRE, João Batista. **De Corpo e Alma: O Discurso da Motricidade**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1991.

BARBOSA, Saulo; MATOS, Dihogo; SAVÓIA, Rafael; ZANELLA, André; BELLONI, Daniel; MAZINI Filho, Mauro. **La deportivización de la Educación Física en el ámbito escolar**. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 133 - Junio de 2009.

AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: MAPA SOBRE A PRESENÇA DO CONTEÚDO EM ESCOLAS DA CIDADE DO RIO GRANDE - RS

Paulo Sérgio da Gama Macedo¹⁰

Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves¹¹

¹⁰ Acadêmico do curso de Educação Física, FURG, psgmacedo13@gmail.com.

¹¹ Doutor em Educação em Ciências, Instituto de Educação FURG, arissonvinicius@yahoo.com.br.



PALAVRAS-CHAVE: Lutas; educação física escolar; cultura corporal.

As lutas consistem em práticas alicerçadas em um saber que é de interesse do campo de conhecimento pertencente a Educação Física desde sua emergência na modernidade. A exemplo disso, podemos mencionar a presença da esgrima nos currículos escolares entre o século XIX e início do século XX. Ou, como apontado por Tursz e Nunes (2007), o registro da abordagem do tema desde o início do funcionamento do curso de formação de professores da UFRGS em 1940, na condição de disciplina intitulada “Desportos de Ataque e Defesa”. Entretanto, ainda que a história nos aponte pertinência entre o tema e campo de conhecimento, visualizar a presença dessas práticas corporais na atuação docente em contexto escolar, não parece ponto pacífico, principalmente, quando levamos em consideração seu entendimento enquanto conteúdo. Segundo Cartaxo (2011), os cursos de formação em educação física têm dado conta do desenvolvimento de conhecimentos teóricos e práticos, necessários para trabalhar o tema no ambiente escolar. Diante do exposto surge um problema de cunho regional a ser esclarecido. Será que o tema Lutas está presente enquanto conteúdo das aulas de Educação Física nas instituições de ensino do município de Rio Grande - RS? Nesse sentido, este projeto de pesquisa tem por objetivo mapear e discutir a presença ou ausência das lutas nas aulas de Educação Física em escolas na cidade do Rio Grande - RS. A metodologia será desenvolvida em duas etapas: (1) mapeamento; (2) discussão e análise dos dados produzidos. No que diz respeito à primeira etapa, trata-se da produção dos dados da pesquisa através do mapeamento endereçado à utilização do conteúdo nas aulas de Educação Física de 61 escolas municipais, 31 escolas estaduais e 13 escolas na rede privada de ensino. Os dados serão produzidos através da aplicação de questionário on-line aos professores de Educação Física, atuantes nas séries finais do ensino fundamental. Para a efetivação do estudo já foram realizados os contatos com as respectivas secretarias responsáveis pelas redes de ensino básico da cidade e constatado a aceitabilidade da realização da pesquisa. Além disso, foi realizado estudo piloto com quatro professores da rede municipal de ensino para validação e ajustes necessários ao instrumento utilizado. No presente momento, o projeto aguarda aprovação do comitê de ética em pesquisa da FURG para seguir a produção de dados.

REFERÊNCIAS

TRUSZ, R.; NUNES, A. **A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS.** *Movimento*, Porto Alegre, v.13, n. 01, p. 179-204, jan./abr., 2007.



CARTAXO, CARLOS ALBERTO, **Jogos de combate: atividades recreativas e psicomotoras: teoria e prática.** p. 110 - 165, 2011. Petrópolis: Vozes.

**EXPLOSÃO DE IDÉIAS: CONCEITO DE ALUNOS ACERCA DA DISCIPLINA
EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
EM RIO GRANDE/RS**

Leonardo de Souza Rodrigues¹²

Weslei Rodrigo Oliveira Bispo¹³

Denise Diogle¹⁴

André Luis Martins Pinto¹⁵

Vicente Machado Valero¹⁶

PALAVRAS-CHAVE: Explosão de ideias; Educação Física; Anos finais do ensino fundamental.

Este trabalho apresenta um exercício realizado pelos bolsistas de Educação Física do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Rio Grande. O mesmo teve o intuito de compreender os pensamentos e concepções dos alunos de seis turmas do 6º e 7º anos do ensino fundamental de uma Escola Municipal acerca da Educação Física Escolar utilizando o método denominado “explosão de ideias” (OSBORN 1953).

O objetivo deste exercício foi verificar a percepção dos estudantes acerca da Educação Física e para isso, foi colado um papel pardo disposto sobre o quadro negro com a seguinte frase:” Educação Física é?” Assim, os alunos, individualmente se lançavam ao quadro para escrever seus conceitos formados a partir de suas vivências e observações da disciplina. O resultado dessa dinâmica gerou seis cartazes dispostos com diferentes palavras muitas delas ligadas ao conteúdo esporte. Após subdivididos as expressões escritas pelos estudantes em

¹² Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande,leonardosrds98@gmail.com

¹³ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande,weslei.rodrigo2001@outlook.com

¹⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande,denisediogle@gmail.com

¹⁵Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande, pintoandre1977@gmail.com

¹⁶Licenciado em Educação Física, Universidade da Região da Campanha, vicentesporte@gmail.com



distintas categorias, coube a nós descrever e apresentar, neste momento, as palavras elencadas como bizarras, elogios, críticas positivas e negativas.

Observamos que apareceram palavras distintas ao pré-conceito de esportivização dentre as quais compostas por gírias, memes, comidas e até mesmo sentimentos momentâneos que estão presentes em seus cotidianos escolar e não escolar dentre as quais se destacam “*nego Ney, correr igual abobado*”. Estas palavras nos chamaram atenção pois se diferenciam daquilo que acreditávamos.

A ideia de realizar o exercício surgiu em torno de um debate durante reuniões do PIBID. Alguns componentes do grupo acreditavam que as crianças tinham uma visão muito limitada e deturpada da disciplina, ficando somente dentro do contexto de competição e esportivização. Entretanto, podemos concluir que os alunos possuem um conhecimento bem vasto. Em alguns momentos as palavras surgiam como tom de brincadeira ou chacota mas por vezes o simples fato de poderem se expressar nos traz um importante elemento de discussão que nos força a problematizar os nossos preconceitos e trabalhar de forma a contribuir cada vez mais no processo de formação desses alunos e, porque não dizer, dos nossos também.

REFERÊNCIAS

OSBORN, Alex "**Applied Imagination: Principles and Procedures of Creative Thinking**" (1953); <http://www.criaviva.com.br/brainstorming.pdf>, acesso em: 15.06.2019

IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL EM RIO GRANDE/RS

Victor de Oliveira Amaral¹⁷

Weslei Rodrigo Oliveira Bispo¹⁸

Charles da Costa Bandeira¹⁹

Ana Laura Eckhardt Lima²⁰

Luciana Toaldo Gentilini Avila²¹

¹⁷ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande, amaralvictor96@gmail.com

¹⁸ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande, weslei.rodrigo2001@outlook.com

¹⁹ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande, charles.c31@gmail.com

²⁰ Licenciada em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande, analaura_eck@hotmail.com.

²¹ Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande, lutoaldo@msn.com



PALAVRAS-CHAVE: Base Nacional Comum Curricular; Educação Física; Anos finais do ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se trata de um projeto de pesquisa em andamento proposto pelo Grupo de Pesquisa e Formação em Educação Física (GRUPESF) da FURG. Desde que a Educação Física está presente nos currículos das escolas brasileiras diferentes propostas pedagógicas foram realizadas para auxiliar o professor na sua prática pedagógica. A mais recente delas reside no documento proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017).

OBJETIVOS

O objetivo deste projeto de pesquisa será o de mapear a implementação da BNCC da Educação Física no currículo das escolas municipais de ensino fundamental da cidade do Rio Grande/RS.

METODOLOGIA

Serão realizadas entrevistas semiestruturadas, individuais, com uma média de 15 professores (as) de Educação Física de escolas municipais da cidade do Rio Grande, os quais lecionam essa disciplina para turmas dos anos finais do ensino fundamental. Para a realização dessa entrevista será utilizado um roteiro, contendo blocos de perguntas. Esses blocos terão a finalidade de: (a) identificar as ações promovidas pela Secretaria Municipal de Educação do Rio Grande para a implementação da BNCC da Educação Física nas escolas; (b) verificar e analisar as percepções dos (as) professores (as) entrevistados (as) sobre a implementação da BNCC da Educação Física; (c) observar se esses (as) professores (as) estão adequando seus planejamentos de ensino aos conteúdos previstos nesse documento.

A duração da entrevista e a pertinência das perguntas realizadas para os (as) professores (as) serão verificados a partir de uma entrevista piloto com um professor de Educação Física da rede municipal da cidade do Rio Grande. A fase de coleta de dados desta pesquisa só terá início após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da FURG.

ANÁLISE DOS DADOS



Os dados coletados por meio das entrevistas serão transcritos e analisados a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Serão criadas categorias de análise de forma a alcançar o objetivo deste estudo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3 ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

PRÁTICAS DE LAZER DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA UMA UNIVERSIDADE MINEIRA

Uila Castanheira Queiroz Ribeiro ²²

Alex Rosa de Santana ²³

Gabriela Machado Ribeiro ²⁴

PALAVRAS-CHAVE: práticas de lazer; estudante universitário; Educação Física

As práticas de lazer representam a possibilidade de usufruir, de forma lúdica, as diversas práticas sociais que foram sendo estabelecidas culturalmente. Essa necessidade humana pode ser satisfeita de diferentes maneiras. O objetivo deste estudo é investigar quais são as práticas de lazer dos estudantes do último ano do curso de Licenciatura/Bacharelado em Educação Física de uma universidade pública mineira.

Participaram do estudo 64 estudantes (35 homens e 29 mulheres) regularmente matriculados no curso de Educação Física Licenciatura/Bacharelado de uma universidade pública mineira. Responderam um questionário com questões relacionadas a sua compreensão sobre o lazer, suas práticas de lazer no início e no final da graduação.

Segundo Marcellino (2012), considerar os aspectos tempo e atitude é fundamental para a compreensão do lazer. Ao responderem sobre o que é lazer 42,18% dos estudantes associaram a dimensão do tempo – destacaram que lazer é “o tempo disponível para realizar atividades fora do âmbito do trabalho/ estudo (estudante 10)” e 40,61% relacionam com dimensão da atitude/atividade – “Lazer é qualquer prática lúdica, em casa ou ambientes abertos, envolvendo

²² Graduando em Educação Física, Universidade Federal de Uberlândia, uila_queiroz@hotmail.com

²³ Graduando em Educação Física, Universidade Federal de Uberlândia, santanaaleex@gmail.com

²⁴ Doutora em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, gabimacrib@gmail.com



esportes ou não, que traga relaxamento físico e mental (estudante 47)” .

Em relação as práticas mais realizadas destacam-se dormir (62,5%), uso de redes sociais (59,4%), sair com amigos (54,7%) e assistir séries/filmes (54,1%), prática de esportes (53,1%). Sobre quais práticas realizavam no início do curso e quais costumam realizar atualmente, 81,3% dos estudantes responderam que praticavam esportes, entretanto, atualmente esse percentual é de 53,1%, evidenciando uma diminuição de 28,2%. Outras atividades que tiveram diminuição foram: frequentar bares e festas (14,1%); jogar videogame (10,9%); sair com amigos (12,5%); ler (4,7%). Entre as práticas que houve aumento destaca-se dormir (15,6%), uso das redes sociais (9,4%) e participação em atividades religiosas (4,7%). Percebe-se que houve um aumento de atividades que não demandam deslocamento do lar, não provocam cansaço e possibilitam o descanso

É importante pontuar que o curso em questão é em horário integral e, em virtude de contemplar conjuntamente as formações em Licenciatura e Bacharelado, totaliza uma carga horária de 4.310 horas, com média de 8 disciplinas distribuídas ao longo de 09 semestres. A extensa carga horária do curso somada ao fato de 73,4% dos participantes da pesquisa trabalharem, explica a falta de tempo e o cansaço apontados como limitantes para a realização das práticas que gostariam.

As práticas de lazer dos estudantes do curso de Educação Física investigado mudaram consideravelmente em virtude das jornadas de estudo e trabalho. O fato de muitos terem os três turnos comprometidos com obrigações profissionais/acadêmicas direcionou as práticas de lazer para atividades que possibilitem o descanso em detrimento de outras atividades.

REFERÊNCIAS

Marcellino, N. C. **Estudos do Lazer, Uma Introdução**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Bruna Vitória de Almeida²⁵

Luciana Toaldo Gentilini Ávila²⁶

²⁵ Acadêmica de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande, bru_a@hotmail.com

²⁶ Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande, lutoaldo@msn.com



PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Estágio Supervisionado; Formação de professores

O presente relato é baseado na experiência de Estágio Supervisionado II (ES) do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande. O ES foi realizado em uma turma de 4º ano de uma escola municipal do Rio Grande. Como objetivo principal, a experiência intencionava proporcionar práticas que incitassem o desenvolvimento de habilidades motoras variadas através dos jogos pré-desportivos. De forma específica, buscava desenvolver atividades para o desenvolvimento de capacidades motoras, habilidades sociais e afetivas. As aulas do ES na escola aconteceram no pátio, já que o ginásio poliesportivo estava em obras, e os materiais disponíveis eram bolas, bambolês, cones e coletes. Os encontros com os alunos aconteceram uma vez por semana com duração de 115 minutos. Na parte inicial da aula era feita uma conversa com os alunos sobre os objetivos e atividades. Na parte principal, os alunos realizavam atividades direcionadas aos conteúdos da aula. Na parte final, era proposta uma conversa para obter um feedback da aula. Na primeira observação da turma do ES, achei que seria difícil. Os professores da escola se referiam àquela como uma “turma problema”, uma vez que tinham dois alunos inclusos. Para essa turma, escolhi o conteúdo de Jogos pré-desportivos, pois são as atividades que domino e acredito que facilitaria minha aproximação com eles. Essa estratégia foi bem sucedida e acabei conquistando a turma. Destaco as conversas semanais com meus colegas da turma do ES. As discussões no grupo me possibilitaram a percepção de que estávamos passando por situações semelhantes, nos dando mais segurança para atuar. A professora orientadora do ES auxiliou por meio dos conselhos e correções, as quais eram feitas no sentido de melhorar a prática. Experiências como essas são importantes para a construção do conhecimento do futuro professor de educação física. Para TARDIF “o saber dos professores não provém de uma fonte única, mas de várias fontes e de diferentes momentos da história de vida e da carreira profissional” (p.18, 2004). O ES foi rico de aprendizagens, pois possibilitou as articulações entre a teoria estudada e a prática vivenciada. Esse momento torna-se o eixo central na formação acadêmica do futuro professor, pois é por meio desse que o educando tem acesso aos conhecimentos indispensáveis para a construção da identidade e dos saberes do cotidiano (PIMENTA; LIMA, 2004). Acredito que a atividade de estágio além de aproximar a teoria com a prática, revelou-se como oportunidade para responder vários questionamentos sobre a prática pedagógica do professor.

REFERÊNCIAS



PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L.. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004/2005.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PRÁTICAS DE LAZER DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Alex Rosa de Santana ²⁷

Uila Castanheira Queiroz Ribeiro ²⁸

Gabriela Machado Ribeiro ²⁹

PALAVRAS-CHAVE: práticas de lazer; professores; empecilhos do lazer

RESUMO

Em uma sociedade em que o trabalho é muito valorizado, olhar para outras dimensões da vida, tal como a lúdica, é muito importante. Considerando que as diversas ocupações profissionais têm configurações distintas e que a atividade docente tem suas particularidades, o objetivo desta pesquisa foi investigar as práticas de lazer de professores da Educação Básica de diferentes redes de ensino, além de identificar os principais empecilhos para vivência do mesmo na cidade de Uberlândia.

Participaram da investigação 40 professores do Ensino Fundamental, sendo 22 de uma instituição pública e 18 de uma instituição particular. As escolas escolhidas aleatoriamente respeitando o número de professores, que deveria ser igual ou aproximado. Foi aplicado um questionário abordando aspectos relacionados a caracterização dos participantes, rotina de trabalho e as práticas de lazer dos professores.

Dos respondentes, 36 são do gênero feminino (90%) e apenas 4 do gênero masculino (10%). A idade média dos participantes é de aproximadamente 36 anos, 50% dos respondentes possuem filhos. Quando perguntados sobre atividades que realizam fora da escola, as respostas foram, predominantemente, cuidar da casa (80%), organizar aula (77,5%), dormir (75%) e assistir séries e filmes (67,5%).

A predominância das respostas, *cuidar da casa e organizar aulas* no tempo livre, pode ser relacionada a dois fatores. O primeiro, a precarização e intensificação do trabalho docente, em que o tempo na escola não é suficiente para o desenvolvimento das atividades. A

²⁷ Graduando em Educação Física, Universidade Federal de Uberlândia, uila_queiroz@hotmail.com

²⁸ Graduando em Educação Física, Universidade Federal de Uberlândia, santanaalex@gmail.com

²⁹ Doutora em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, gabimacrib@gmail.com



precarização está ligada às condições de trabalho do professor que, além dos baixos salários, tem uma alta carga de trabalho que, na maioria dos casos, o tempo na escola não é suficiente para o cumprimento das demandas. Então a casa se torna a única alternativa para terminar suas obrigações (PEREIRA, 2014).

Outro fator é a dupla jornada de trabalho, que estaria ligado diretamente ao gênero, que historicamente tem efeitos diferentes para homens e mulheres. Além das obrigações no trabalho, as mulheres também, na maioria dos casos, são responsáveis pelo trabalho doméstico, fazendo com que elas tenham menos oportunidades de ter práticas de lazer (VICENTE, 2018).

Conclui-se que há uma homogeneidade nas práticas de lazer dos docentes das escolas pública e privada, que buscam práticas que possibilitem o descanso e que o lazer dos professores respondentes é afetado por dois fatores principais: a dupla jornada de trabalho e precarização do trabalho docente.

REFERÊNCIAS

VICENTE, Teresa. **As mulheres e seus tempos: dupla jornada de trabalho, cuidado de si e lazer na promoção de saúde**. 2018. 247 f. Tese (Doutorado) - Curso de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PEREIRA, Marcela. Eficácia do direito ao lazer do professor: elemento para manutenção da ordem econômica brasileira. **Revista Videre** – Dourados, v. 06, n. 11, p. 104-119, jan./jul, 2014

GINÁSTICA PARA A COMUNIDADE, EXPERIÊNCIA PARA A FORMAÇÃO

Sherelise Alves Duarte³⁰

Cláudia Lima de Souza³¹

Lucinara Pereira da Silva³²

Symon Couto Hoffmann³³

Gustavo da Silva Freitas³⁴

PALAVRAS-CHAVE: Ginástica, Saúde, Socialização, Comunidade.

“Ginástica para Comunidade” é um projeto de extensão existente desde o início dos anos 90 vinculado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio

³⁰ Graduanda, Universidade Federal do Rio Grande, sherelise.duarte16@gmail.com.

³¹ Graduanda, Universidade Federal do Rio Grande, claudiasouza93@outlook.com.

³² Graduanda, Universidade Federal do Rio Grande, lucinarampereira@hotmail.com.

³³ Graduando, Universidade Federal do Rio Grande, hoffmann_couto@hotmail.com.

³⁴ Doutor, Universidade Federal do Rio Grande, gsf78_ef@hotmail.com.



Grande (FURG). Após frequente rotatividade de coordenação, de público-alvo, intenções e formato, desde 2011 o projeto vem mantendo uma proposta em que oferta aulas constituídas de práticas ginásticas para a comunidade interna e externa da FURG, cujos objetivos estão no híbrido entre questões biológicas e sociais.

Em geral, o projeto objetiva: a) proporcionar a abertura de um espaço público que estimule a prática corporal regular enquanto um hábito de vida; b) trabalhar as valências físicas dos sujeitos participantes potencializando suas práticas de movimento e seus acervos motores; c) propiciar um ambiente de convivência em grupo que possa ampliar as relações sociais criando um sentimento de pertencimento e sociabilidade entre participantes.

Os encontros acontecem na Sala de Ginásticas do Centro Esportivo da FURG, duas vezes por semana (terças e quintas), das 16h às 17h. Neles são desenvolvidas práticas ginásticas intercalando atividades de condicionamento aeróbico, através de caminhadas e o que denominamos de ritmos; trabalho de fortalecimento muscular e estabilidade articular, com exercícios oriundos da ginástica localizada e treinamento funcional; bem como desenvolvimento da flexibilidade muscular com o alongamento. O público é composto predominantemente por mulheres, variando a idade entre 20 e 70 anos, o que tem implicação nos tipos de atividades a serem realizadas, assim como na regulação da intensidade das mesmas. As atividades são executadas por uma equipe de oito discentes do Curso de Licenciatura em Educação Física, bolsista e voluntários, sob coordenação e orientação do professor responsável, com avaliações periódicas acerca da ação em reuniões da equipe de trabalho.

A partir de um olhar atento e sensível do grupo de trabalho junto à comunidade participante, compreende-se àquilo que à toca: suas intenções, o que faz gostar ou recusar alguma atividade, as intensidades e afetos, os vínculos que fazem. O público passa a estar não só num local de alvo, mas de proponente na medida em que sugere, escolhe e organiza certas atividades. Vivenciar esse espaço com estas características é fundamental para a formação dos acadêmicos, uma vez que o sentido de prescrever uma atividade física toma novos rumos. O trabalho desenvolvido auxilia na ampliação das noções de saúde por parte dos envolvidos, promove a atividade física de forma acessível e gratuita, produz sentimento de pertença à comunidade participante junto ao espaço público da Universidade, colabora na formação acadêmica dos discentes do curso através da prática extensionista; e estimula a socialização e criação de vínculos do público entre si e dele em relação ao grupo proponente.



O ACAMPAMENTO COMO FATOR DE SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Gisele Rillo Vasconcelos³⁵

Bruna Herrera Vieira³⁶

Rosane de Los Santos Henriques³⁷

Álvaro Luís Ávila da Cunha³⁸

PALAVRAS-CHAVE: acampamento, ambiente, educação

INTRODUÇÃO

A problemática ambiental cada vez mais começa a fazer parte das realidades acadêmicas e escolares, e o profissional de Educação Física está em uma condição privilegiada para desenvolver a Educação Ambiental, pois nossa formação é voltada para o espaço aberto. Este relato busca apresentar o acampamento como estratégia na formação de professores e espaço tempo privilegiado para repensarmos ritmos acadêmicos e o tipo de socialização que os processos pedagógicos nos permite.

As práticas fora do ambiente em que se estuda proporcionam maior vínculo entre colegas e professores. Foi o que percebemos durante a viagem dos acadêmicos de Educação Física-UNIPAMPA à Nova Esperança do Sul/RS (reconhecida por suas grutas entre as maiores da América do Sul, cachoeiras e vale verdejante e local rústico para acampar); os mesmos relataram a prática das atividades propostas, com momentos de descontração e oportunidade de interagir com os professores, conhecendo-os fora da sala de aula. Com isso, observou-se que é possível gerar uma relação mais horizontal entre docentes e discentes.

OBJETIVO

O relato objetivou entender como as atividades fora do ambiente acadêmico podem influenciar as relações entre os alunos e professores, bem como os alunos entre si,

³⁵ Graduanda em Educação Física, Universidade Federal do Pampa- Unipampa- campus Uruguaiiana; gisele.rillovasconcelos@gmail.com

³⁶ Graduanda em Educação Física, Universidade Federal do Pampa- Unipampa- campus Uruguaiiana; brunaherrerav@gmail.com

³⁷ Graduanda em Educação Física, Universidade Federal do Pampa- Unipampa- campus Uruguaiiana; rosanedelosantos@gmail.com

³⁸ Doutor e docente do Curso de Educação Física Unipampa- Campus Uruguaiiana; alvaro.balas@gmail.com



estimulando a socialização.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado através de relatos dos acadêmicos de Educação Física que participaram do acampamento em Nova Esperança do Sul/RS durante os dias 17 e 18 de dezembro do ano de 2016, onde foram realizadas quatro trilhas durante o dia e a noite passando por rio e suas quedas d'água e as grutas localizadas abaixo de nosso acampamento.

DISCUSSÃO

Ao questionar os alunos que foram a esta viagem, relatou-se sobre como a convivência entre todos foi um aspecto positivo, pois possibilitou que os participantes se conhecessem, se divertissem e tivessem o tempo livre para esquecer as rotinas do dia-a-dia que muitas vezes torna-se corrido e estressante, e solicitaram que houvesse mais atividades nessa modalidade.

Cunha chama a atenção que:

No plano pedagógico andar é uma técnica que permite a imersão no ambiente ...;atividade que permite estabelecer um ritmo orgânico quase cíclico que favorece o relaxamento aumentando a receptividade entre os caminhantes (socialização);

Ao citar isso, o autor diz tudo sobre o quanto é importante à relação de professores e alunos, para que haja um vínculo de amizade. Foi exatamente isto que a viagem à Nova Esperança proporcionou aos acadêmicos de Educação Física, a prática que fez os mesmos conhecerem novos lugares e novos desafios, como trilhas noturnas explorando a natureza, e trouxe mais aproximação dos discentes com os docentes e dos discentes entre si.

CONCLUSÕES

As práticas ambientais naturais unem as pessoas, pois permite que todos se conheçam, interajam e trabalhem em conjunto. Não é cada um por si, mas um coletivo onde deve ter diálogo e são analisadas dificuldades e soluções, fazendo com que se tenha confiança uns nos outros.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Alvaro L.A. Corpo-Ambiente-Cultura na Formação de professores/as in In. SILVEIRA, M. I. C. M. DA; BIANCHI, P. (Orgs).Núcleo Interdisciplinar de Educação - Articulações de contexto & saberes nos (per)cursos de licenciatura da Unipampa. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2013.



Resumos expandidos

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM UMA ESCOLA PÚBLICA:

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESIGUALDADE SOCIAL

Leonardo Lemos Silveira 1³⁹

Giovanni Felipe Ernest Frizzo 2⁴⁰

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Desigualdade Social; Trabalho Pedagógico

INTRODUÇÃO

O presente trabalho⁴¹ tem a intenção de investigar como se organiza o Trabalho Pedagógico da Educação Física (OTPEF) em uma escola localizada em um contexto de desigualdade social. Para tanto, partimos da concepção que toda a estrutura social que envolve a escola irá de alguma forma condicionar o trabalho do professorado, independente de qual seja o contexto social que a envolva. Portanto, como afirmam Freitas (1995), Silveira e Frizzo (2017), os contextos sociais interferem de diversas formas no trabalho docente, e também acabam por condicionar os estudantes pobres a abandonarem a escola pública, por falta de perspectiva na efetivação dessa como formadora do alunado para a vida ou pela necessidade de complementar a renda em suas casas.

Igualmente, Freitas (1995) e Gadotti (2012) afirmam que a escola é elitista, ou seja, não é para todos, é uma “escola de classes”. Freitas (1995) observa também que a escola tende a diminuir o número de salas para determinadas séries/anos de ensino. Para visualizarmos isso bastaria observar o número de 2º anos e o número de 6º anos e, assim por diante, comprovando sua seletividade em um sistema, que o autor diz ser piramidal. Assim, essa “função social da escola capitalista é incorporada aos objetivos da escola, bem como às práticas de avaliação, e passa a fazer parte da própria organização do trabalho pedagógico” (FREITAS, 1995, p. 96).

³⁹Especialista em educação – IFSul – Campus Pelotas/ Licenciado em Educação Física – ESEF/UFPel: llsleonardolemossilveira@gmail.com.

⁴⁰ Professor da ESEF-UFPel, Doutor em Ciências do Movimento Humano da UFRGS: gfrizzo2@gmail.com

⁴¹ “O presente trabalho foi realizado com apoio - Código de Financiamento 001 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)”



Assim, a escola encontra-se sob uma perspectiva hegemônica e que incorpora uma função social de seletividade fazendo com que ela seja vista como um lugar de “[...] preparação para recursos humanos para os vários postos de trabalho existentes na sociedade” (FREITAS, 1995, p. 96). Nesse sentido, como afirma o autor, se não existir resistência, a escola auxiliará na reprodução das desigualdades sociais, traduzindo as desigualdades econômicas em desigualdades educacionais que são novamente traduzidas para desigualdades econômicas e nesse processo os alunos e alunas das camadas empobrecidas acabam, por necessidade, abandonando a escola para que possam complementar a renda familiar ou pela falta de sentido que a escola acaba por fazer em suas vidas.

Também, para o entendimento da importância da investigação desse tema, especialmente na escola pública, que aglutina em seu interior a maioria da população, que o Brasil no relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2016, com relação ao coeficiente de Gini⁴² (2010 - 2015), mostrou que o Brasil ocupa o quarto lugar nessa tabela, ou seja, sendo o quarto pior lugar da América Latina e do Caribe para os mais pobres, ficando atrás somente de países como Haiti, Colômbia e Paraguai (BRASIL, 2017). Desse modo, tendo o Brasil ocupado essa posição, é possível entender que, para as pessoas mais pobres, é necessário, para o provimento de sua subsistência, trabalhar mais e, muitas vezes, em condições que não são adequadas, o que ressalta a necessidade de, na maioria dos casos, os estudantes terem que abandonar a escola para auxiliar na renda familiar.

Dessa maneira, apresentamos nosso problema de pesquisa que trata de: compreender como se organiza o Trabalho Pedagógico (TP) da Educação Física (EF) em um contexto de vulnerabilidade social?

OBJETIVOS

Objetivamos, para esta pesquisa, analisar a OTPEF em uma escola pública municipal de Pelotas no Rio Grande do Sul (RS) que estivesse imersa em um contexto de vulnerabilidade social. Assim, para que possamos alcançar nosso objetivo geral, partimos para delimitar os objetivos mais específicos, portanto, demos conta, até o momento, de trabalhar esses objetivos: investigamos como é organizado o TP da EF; e problematizar a relação entre TP do professorado e do alunado de EF, perante a desigualdade social da região onde a escola se

⁴² “[...] Instrumento que mede o grau de concentração de renda em determinado grupo e aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos[...].” (BRASIL, 2017).



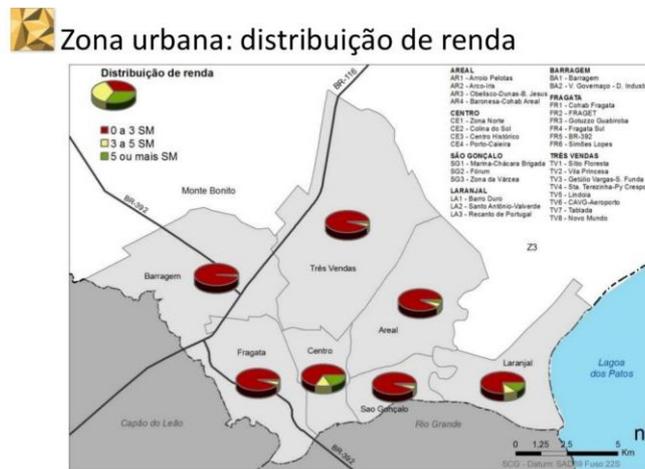
localiza.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é entendida como sendo do tipo exploratória (GIL, 2002) com caráter analítico interpretativo, assim sendo, tem como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”, podemos dizer que esse tipo de pesquisa tem como objetivo aprimorar ideias sobre o tema e o descobrimento de percepções (GIL, 2002, p.41).

Para a realização da a seleção da escola pública municipal da zona urbana de Pelotas no RS, necessitamos de seguir alguns critérios para isso, iniciamos com a escolha do bairro com maior vulnerabilidade social, assim, utilizamos o quadro de distribuição de renda por bairro do Planos Local de Habitação de Interesse Social de 2013 – PLHIS (Figura1).

Figura1 – Mapa de distribuição de renda por bairros de Pelotas-RS



Fonte: PLHIS 2013

Inicialmente, o bairro com menor concentração de renda era o bairro Barragem, porém a escola localizada neste bairro atende a educação infantil, sendo então descartada desta pesquisa, por optarmos pelos anos finais da Educação Básica. Seguimos então para o bairro Três Vendas, segundo bairro com menor renda, e que segundo a *site* da prefeitura de Pelotas, possui o maior número de pessoas beneficiadas pelo programa Bolsa Família, o que nos ajudou também na escolha desse bairro. Posteriormente, passamos a seleção da escola, assim,



utilizamos o Indicador de Nível Socioeconômico – INSE⁴³ – 2011/2013 (Brasil, 2015b). Assim, por meio do INSE, procuramos escolas da rede pública municipal de Pelotas da zona urbana, que oferecessem turmas do 6º ao 9º ano e as separamos em INSE alto, médio alto e médio, segundo a tabela do INSE, para selecionar a escola do referido bairro, utilizamos o INSE médio, sendo esse o menor da tabela, onde obtivemos quatro escolas. Para selecionar uma dentre as quatro escolas encontradas no bairro, partimos para a seleção da escola que obtinha o menor Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB de 2015, no qual foi encontrada a escola que serviu como local de pesquisa, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti.

Entramos, em contato com os órgãos públicos responsáveis para pedir autorização de realização da pesquisa e, posteriormente, entramos em contato com a escola. Realizamos, durante a pesquisa, 75 horas de observações⁴⁴ das aulas dos 6 docentes de EF (6º até 9º anos) e, também na Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas séries finais, foi aplicado questionários aos estudantes (145 frequentes) de 8º e 9º anos e da EJA (7º e 8º série) dos quais tivemos 62 questionários retornados para a análise, assim como, foram realizadas entrevistas com os docentes. Todos assinaram os devidos termos⁴⁵ para a realização da pesquisa. As análises dos dados foram realizadas por meios de procedimentos qualitativos (GIL, 2002). Realizamos as análises do diário de campo, das entrevistas dos docentes e dos questionários com os discentes, de maneira que estes elementos pudessem nos ajudar a compreender as relações que possam existir entre a OTPEF e o contexto de desigualdade social. Assim, esses dados analisados até o momento, nos permitiram inferir uma categoria de análise, já que o trabalho está em andamento e não podemos analisar, até o momento, os dados em sua completude. A categoria que trata o tema abordado aqui é o sentido que a EF possui em um contexto de desigualdade social.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Entendemos, que as condições efetivas de vida dos estudantes não ficam fora da percepção escolar, estas condições entram juntamente com os alunos e alunas e fazem parte da OTPEF. Observamos nas falas dos docentes que o contexto social interfere totalmente na

⁴³ Esse indicador através da utilização de dados sobre renda, bens, contratação de serviços e escolaridade dos pais do aluno, obtido através de provas como a Prova Brasil, tenta situar qual a condição dos alunos atendidos pelas escolas (BRASIL, 2015a).

⁴⁴ As observações ocorreram de julho até novembro de 2018.

⁴⁵ Termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE), assinado pelos docentes e o Termo de Assentimento do Menor (TAM), assinado pelos responsáveis dos estudantes.



relação que o aluno/aluna irá ter com o aprendizado. Um dos docentes explica que um discente que não se alimenta bem não irá render tudo o que poderia em uma determinada aula, segue explicando que devemos entender *“esse momento, e tu não pode querer que faça coisas que ele não está em condições físicas para fazer”* (P1). Observe, que as condições efetivas de vida vão direcionar a forma que os docentes vão aplicar e condicionar as aulas para atender os discentes.

Também, é importante salientar que, nessas condições de existências os alunos e as alunas se preocupam, primeiramente, em satisfazer suas necessidades básicas, aqui no caso, a de alimentar-se, a condição da escola enquanto ambiente de ensino pode acabar por ficar secundarizada pelo estudante, já que ainda não teve alguma de suas necessidades básicas atendidas. Sobre essas questões uma docente relata o seguinte *“acho que o ideal deles é vou ir pra lá para me alimentar, para ter um porto seguro pra ficar”* (P3). São elementos que estão diretamente ligados ao cotidiano escolar e se aprofundam na elaboração curricular, pois não podem deixar de ser pensados pelo corpo docente.

Um dos alunos no questionário, quando perguntado se sofre alguma dificuldade em relação as aulas de EF, como alimentação, roupa adequada entre outras coisas respondeu da seguinte forma: *“Não, porque a escola fornece alimento e roupas, habilidade nós temos* (Aluno 1). Então, compreendemos que a escola tenta de alguma forma amenizar os problemas sociais causados pela pobreza, para que possa desenvolver dentro do ambiente escolar o ensino desses alunos e alunas.

Durante as observações notamos que não são somente as condições relativas à alimentação, mas também a questões de vestimenta e assiduidade dos alunos e alunas em aula. Os alunos e alunas, em sua maioria, não tinham as roupas adequadas para a prática da EF e quando realizavam atividades que envolviam a utilização de membros inferiores, retiravam os tênis, pois não podiam estragá-los, uma vez que não teriam condições de adquirir outro. Também a questão das faltas dos estudantes, sua assiduidade em aula, um dos docentes diz que alguns alunos e alunas necessitam complementar a renda familiar e acabam faltando por estarem trabalhando no horário de aula, ou por terem que ficar cuidando de os irmãos menores para os pais poderem trabalhar.

Os dados iniciais, mostram-nos que a OTPEF é afetada pelos problemas estruturais do sistema. As condições de pobreza dos estudantes fazem com que o docente tenha que reorganizar seu TP para melhor atender os discentes daquela região. Igualmente, trazendo limitações nas formas de ensino e aprofundamento dos conteúdos, como relatam os docentes,



em relação as demais escolas onde os mesmos lecionam, seja pelas condições materiais e estruturais da escola serem diferentes de outras escolas da mesma rede, ou pelas condições do corpo docente. Esses elementos constituem a OTPEF, podem ser agrupados em uma categoria de análise, que denominamos: o sentido que a EF possui em um contexto de desigualdade social. Nesse caso, o de acolhimento dos discentes para uma realização de um TP que possa auxiliá-los em sua aprendizagem, levando em conta seu contexto social.

CONCLUSÕES

Compreendemos que é necessário um maior aprofundamento nas análises dos dados, porém é possível perceber que as condições de existência dos estudantes interferem na OTPEF, de modo a esta não conseguir aplicar os conteúdos da EF da mesma forma que faz em outras escolas, como relataram os docentes nas entrevistas, devido as condições e possibilidades dos estudantes de terem acesso ao conhecimento historicamente elaborado, seja na escola ou fora dela. Assim percebemos como o TP está fortemente condicionado pelas condições sociais da região onde a escola está localizada, trazendo um sentido para a OTPEF em um contexto de desigualdade social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Indicadores Educacionais. **Nível Socioeconômico 2011/2013**. INEP, 2015b. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Nota técnica:** Indicador de nível socioeconômico (Inse) das escolas. INEP, 2015a. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

_____. **Relatório do PNUD destaca grupos sociais que não se beneficiam do desenvolvimento humano**. 2017. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2017/03/21/relat-rio-do-pnud-destaca-grupos-sociais-que-n-o-se-beneficiam-do-desenvolvimento-humano.html>>. Acesso: 05 de maio de 2019.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**/ Luiz Carlos de Freitas. — Campinas, SP: Papirus, 1995. — (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). 288 p.

GADOTTI, Moacir, 1941 -. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório** / Moacir Gadotti. – 16.ed. – São Paulo: Cortez, 2012.



GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 a. ed., São Paulo, Atlas, 2002. 176 p.

PLHIS Pelotas. **Resumo do Diagnóstico Habitacional**. 7 de fevereiro de 2013. Disponível em: https://www.slideshare.net/3c_arq-urb/pel-est-resumodiagnosticov529abr2013?ref=http://plhispelotas.blogspot.com/. Acesso em: 09 de setembro de 2017

SILVEIRA, L.L.; FRIZZO, G. - A Contextualização do Trabalho Docente de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Pelotas: uma crítica ao sistema capitalista de ensino. **Revista Kinesis**, v.35 n.1, 2017, Jan - abr., p. 11 – 20.

TRANSGÊNEROS NO ESPORTE E AS PREMISSAS DO *FAIR PLAY*

Breno Berny Vasconcelos⁴⁶

Andrize Ramires Costa⁴⁷

PALAVRAS-CHAVE: transgêneros; fair play; inclusão.

INTRODUÇÃO

O esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que exige esforço físico e habilidades motoras complexas. Igualdade e justiça são preceitos do esporte, portanto, as competições devem ser justas e igualitárias, tendo todos os competidores as mesmas chances de vitória (BARBANTI, 2006).

O *International Fair Play Committee* (IFPC), uma organização não-governamental que promove o espírito esportivo em competições internacionais diz que:

“*Fair play* é um conceito complexo que compreende e incorpora valores fundamentais não inerentes apenas ao esporte, mas relevantes na vida diária. Competição justa, respeito, espírito de equipe, igualdade, esporte sem doping, respeito a regras escritas e não escritas como integridade, solidariedade, tolerância, cuidado, excelência e alegria são os pilares do *Fair play*, que podem ser aprendidos e vivenciados dentro e fora do campo.” (IFPC, 2015, n.p)

Pierre Bourdieu, em seu ensaio “Como é possível ser esportivo?”, diz que:

“*Fair play* é a maneira de jogar o jogo dos que não se deixam levar pelo jogo a ponto de esquecer que é um jogo, dos que sabem manter a ‘distância em relação ao papel’, como diz Goffman, implícita em todos os papéis prometidos aos futuros dirigentes” [grifos no original] (BOURDIEU, 1983, p. 139).

⁴⁶ Bacharel em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, UFPel – brenobvasc@gmail.com

⁴⁷ Pós-Doutoranda em Educação, Doutora em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, UFPel – andrize.costa@gmail.com



Disforia de gênero é uma condição na qual o indivíduo não se identifica com seu gênero designado ao nascer, ou seja, há uma incongruência entre identidade de gênero e gênero biológico. Pessoas nesta condição são chamadas de transgênero (VAL et al., 2010). Transgêneros são vítimas de preconceito e discriminação, possuindo taxas de homicídio, depressão e suicídio mais altas do que outras populações (CLEMETS-NOLLE et al., 2006), apesar disso, vêm conquistando espaço na sociedade civil. No esporte já existem atletas transgênero de elite, como as brasileiras Tifanny Abreu (vôlei) e Maria Joaquina (patinação artística), entre outros nomes internacionais como Chris Mosier (triátlon).

O Comitê Olímpico Internacional (COI), desde 2004, possui regulamentação permitindo a participação de atletas transgênero nos Jogos Olímpicos respeitando sua identidade de gênero, e sugere que outras organizações esportivas sigam esta normativa ou criem normativas próprias para que esta população seja incluída. Porém, em 15 anos nenhum transgênero chegou às Olimpíadas. Atletas transgênero que chegam ao esporte de alto nível viram notícia, e sua participação é sempre questionada pelo público e até mesmo por especialistas. A polêmica por trás da participação é a possibilidade de vantagem biológica que transgêneros podem ter sobre pessoas cisgênero (HEGGIE, 2010). É consenso que homens possuem desempenho esportivo superior ao de mulheres, e variáveis indiretas, como hormônios androgênicos, são comumente apontadas como causa (JONES et al., 2017). Seguindo esta premissa, teoricamente, mulheres transgênero, por terem nascido com uma “genética masculina”, teriam vantagem biológica ao competir contra mulheres cisgêneros. Já os homens transgênero, por terem nascido com uma “genética feminina”, teriam desvantagem biológica ao competir com homens cisgênero (REESE, 2005).

Ao mesmo tempo que, considerando verdadeira a teoria de vantagem biológica, parece racional impedir que transgêneros participem de competições esportivas respeitando suas identidades de gênero para manter as premissas do *Fair play*, uma vez que mulheres transgênero teriam vantagem e homens transgênero desvantagem, estas premissas parecem arbitrarias pois não questionam outras diferenças não inerentes a gênero e identidade de gênero que também podem ameaçar a justiça nas competições. Pessoas com condições genéticas e anatômicas diferenciadas, como uma jogadora de basquete mais alta do que a média, um nadador com braços mais longos e até mesmo pessoas com condições financeiras superiores, que tem acesso a estruturas e condições melhores de treinamento, não são questionadas.



Aparentemente, apenas algumas diferenças são levadas em consideração quando se trata de justiça e igualdade no esporte.

OBJETIVOS

Este estudo teve por objetivo discutir a inclusão de transgêneros em competições esportivas sob a ótica dos preceitos do *Fair play*.

METODOLOGIA

Este é um estudo qualitativo exploratório no qual utilizou-se o método de revisão bibliográfica. Foram analisadas as normativas do COI para atletas transgênero, a normativa do IFPC e foram buscados artigos científicos sobre a temática dos preceitos esportivos e da inclusão de transgêneros no esporte nas bases de dados PubMed, Science Direct e Scielo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A inclusão de transgêneros no esporte é regulamentada pelo COI, que lançou sua primeira normativa em 2004, atualizando-a em 2015. A última versão diz que homens transgênero podem competir em categorias masculinas sem nenhuma restrição. Já mulheres transgênero, para competirem em categorias femininas, devem: i) assinarem termo afirmando que, para fins esportivos, são mulheres, e este termo não pode ser revogado por um período mínimo de quatro anos; ii) mostrarem ter níveis de testosterona abaixo de 10nmol/L pelo menos durante todo o ano anterior à data da competição almejada, sendo este tempo analisado caso a caso e passível de aumento de acordo com a modalidade esportiva; e iii) manter os níveis de testosterona abaixo de 10nmol/L durante todo o período em que participarem de competições, sendo punidas com doze meses de suspensão caso falhem nos exames (IOC, 2015). Nesta atualização, exigências como cirurgia de redesignação sexual e reconhecimento legal da mudança de gênero foram retirados da regulamentação, mostrando uma maior preocupação do COI com os direitos humanos e com a inclusão no esporte, porém, a normativa ainda é pouco embasada em evidências científica. A normativa considera a teoria da vantagem biológica, uma vez que permite que homens transgênero participem de competições masculinas sem restrições e impõe condições às mulheres transgênero para que participem de competições femininas, mesmo não havendo evidência científica que sustente-a (CCES, 2016; JONES et al., 2017). O



tratamento hormonal mínimo de um ano e a concentração de testosterona exigidos também não são suportados por evidências científicas (JONES et al., 2017).

É consenso que homens são superiores a mulheres na maioria dos esportes, porém, nenhum estudo empírico identificou especificamente as razões disso (JONES et al., 2017). Baseado principalmente em pesquisas indiretas entre pessoas cisgênero, comumente acredita-se que hormônios androgênicos (especialmente testosterona) conferem vantagem atlética, e apesar dessa crença basear diversas normativas esportivas, a testosterona talvez não seja um marcador primário ou mesmo útil para determinar vantagem competitiva (KARKAZIS et al., 2012). Não existem evidências sugerindo que testosterona endógena seja preditora de desempenho esportivo (com exceção do doping), uma vez que existem variações entre como os corpos produzem e reagem a esse hormônio. Apesar de haverem estudos demonstrando correlação entre níveis de testosterona e medidas como quantidade de glóbulos vermelhos sanguíneos e massa muscular, essas variáveis podem ser consideradas apenas medidores indiretos de desempenho (GOOREN & BUNCK, 2004). Ainda não houve nenhum estudo que investigou a correlação entre níveis hormonais e variáveis objetivas de desempenho, como tempo de prova, peso levantado, número de gols, etc. (CCES, 2016). Testosterona é apenas uma parte da fisiologia humana, e existem outros fatores importantes (tanto biológicos quanto ambientais) que devem ser considerados se justiça (ausência de vantagem) é o foco no esporte competitivo.

Jones et al. (2017) realizaram uma revisão sistemática acerca dos transgêneros no esporte, analisando as normativas esportivas e o embasamento científico por trás delas. No estudo eles sugerem que:

“Organizações esportivas que queiram excluir pessoas transgênero de competições esportivas nas categorias de sua identidade de gênero deveriam ter que demonstrar que o esporte é afetado pelo gênero e que esta exclusão é necessária para uma competição justa e segura. Até o presente momento seria difícil que isto acontecesse, uma vez que não há evidências que sugiram que níveis de hormônios androgênicos consistentemente conferem uma vantagem atlética.” (JONES et al., 2017, p. 713)

O *Canadian Centre of Ethics in Sports* (CCES) lançou uma orientação para organizações esportivas sobre como desenvolver políticas esportivas competitivas inclusivas para transgêneros, na qual declara que todos tem o direito de competir no esporte, seja recreacional ou de elite, de acordo com sua identidade de gênero (CCES, 2016). Sobre a justiça e segurança das competições, o documento relata:

“A maioria dos esportes atualmente não regulamenta a participação dos atletas com base em seu tamanho, força ou peso para garantir segurança (isto é, uma jogadora de basquete cisgênero não seria proibida de jogar só porque ela é mais alta do que



qualquer outra no campeonato) e portanto, um esporte não deve fazer isso com participantes transgênero. Em esportes nos quais tamanho, força ou peso representem problemas de segurança, a autorregulação por meio de categorias baseadas nessas variáveis (por exemplo, categorias de peso no boxe) é uma opção” (CCES, 2016, p. 17).

Por fim, a recomendação da organização canadense para organizações esportivas que queiram impor restrições a atletas transgêneros é:

“Qualquer esporte que queira introduzir cláusulas de elegibilidade, como obrigação da terapia hormonal por período específico de tempo, deveria ser obrigado a fornecer evidências de que esta exigência é razoável e de boa fé.” (CCES, 2016, p. 20)

Para competir no esporte, especialmente mulheres transgênero precisam adequar-se à regulamentação do COI, que é a mais branda, ou à regulamentação de outras organizações, que podem exigir, além de cirurgia de redesignação de gênero, reconhecimento legal da mudança, o que é inviável e inclusive proibido em diversos países. Apesar de um percentual elevado de transgêneros fazerem terapia hormonal, muitos não estão dispostos. Portanto, para competirem, os atletas teriam que submeter-se a procedimentos bioquímicos e até cirúrgicos aos quais talvez não estejam dispostos para poderem finalmente ser aceitos no esporte na categoria de sua identidade de gênero.

Segundo Rubio e Carvalho (2005), *fair play* presume uma formação ética e moral daquele que pratica e se relaciona com os demais atletas na competição, e que este atleta não fará uso de outros meios que não a própria capacidade para superar os oponentes. O princípio da competição justa diz que “para desfrutar o sucesso, não basta vencer. O triunfo deve ser medido por meios absolutamente justos e honestos” (IFPC, 2015), e o princípio da igualdade diz que “competir em igualdade de condições é essencial, caso contrário, o desempenho não pode ser medido corretamente” (IFPC, 2015). Primeiramente, o conceito de igualdade no esporte sempre será arbitrário, pois atletas possuem perfis genéticos distintos e desenvolvimentos pós natais distintos que, se forem levados em consideração, nunca propiciarão uma competição justa (GOOREN & BUNCK, 2004). Além disso, o fato de exigir que pessoas mudem seus corpos para adequarem-se a valores hormonais e formatos corporais sem nenhuma evidência científica que justifique isto afasta-se do conceito de igualdade, afinal, atletas cisgênero com inúmeras outras diferenças não referentes a gênero e identidade de gênero não são questionados ou impedidos de competir por isso. Ainda assim, o esporte representa uma das formas privilegiadas de disciplinamento, domínio e potencialização do corpo, por meio de um conjunto de técnicas cientificamente elaborado, processo que conhecemos como treinamento esportivo. Trata-se de uma forma de educação do corpo. É sensato sugerir que, até que surjam dados científicos diretos



e consistentes provando que atletas transgênero possuem alguma vantagem, deveria ser permitido que os mesmos compitam de acordo com sua identidade de gênero sem restrições. A vantagem que mulheres transgênero talvez possam ter (baseada em evidências indiretas e ambíguas) não deverá ser maior do que as diferenças físicas (estatura, por exemplo), sociais (aceitação e incentivo) e financeiras (melhores oportunidades de treinamento) que atletas cisgênero possuem e são amplamente aceitas.

A temática dos transgêneros no esporte é polêmica e ainda há muitas perguntas sem resposta, especialmente referentes à teoria da vantagem biológica. As premissas do *Fair Play* advogam para que as competições sejam mais justas e igualitárias, porém estas premissas são utilizadas de forma arbitrária, especialmente as de justiça e igualdade, visto que as organizações esportivas baseiam-se nelas para limitar o acesso de transgêneros ao esporte, porém não se importam com inúmeras outras diferenças entre atletas cisgênero que podem comprovadamente interferir no resultado das competições. Estabelecer com clareza e sem distinção o que é considerado vantagem ou não no esporte competitivo facilitaria a inclusão de todos os atletas (independente de suas identidades de gênero) nas premissas da justiça e da igualdade.

CONCLUSÃO

Parece não haver motivo respaldado pela ciência para impedir ou impor condições à participação de pessoas transgênero no esporte competitivo, e esta participação pode inclusive ser embasada nos preceitos do *Fair Play*, porém, as organizações esportivas utilizam interpretações parciais destes preceitos para limitar o acesso de pessoas transgênero ao esporte.

REFERÊNCIAS

BARBANTI, V. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 11, n. 1, p.54-58, 2006. Disponível em: < <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RBAFS/article/view/833/840>>. Acesso em: 21.06.2017.

BOURDIEU, Pierre. Com é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

CANADIAN CENTRE FOR ETHICS IN SPORT (2016). *Creating inclusive environments for trans participants in Canadian sport*. Disponível em: <<http://cces.ca/sites/default/files/content/docs/pdf/cces-transinclusionpolicyguidance-e.pdf>>. Acessado em: 16.05.2019.



CLEMENTS-NOLLE, K.; MARX, R.; KATZ, M. Attempted suicide among transgender persons: The influence of gender-based discrimination and victimization. **Journal of Homosexuality**, v. 51, n.3, p. 53-69, 2006.

GOOREN, L.J.; BUNCK, M.C. Transsexual and competitive sports. **European Journal of Endocrinology**, v. 151, n. 4, p. 425-429, 2004. PMID: 15476439.

HEGGIE, V. Testing sex and gender in sports; reinventing, reimagining and reconstructing histories. **Endeavour**, v. 34, n. 4, p. 157-163, 2010. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3007680/>>. Acesso em: 16.05.2019.

INTERNATIONAL FAIR PLAY COMMITTEE (IFPC) (2015). **What is fair play?** Disponível em: < <http://www.fairplayinternational.org/what-is-fair-play->>. Acessado em: 16.05.2019

JONES, B.A.; ARCELUS, J.; BOUMAN, W.P.; HAYCRAFT, E. Sport and Transgender People: A systematic review of the literature relating to sport participation and competitive port policies. **Sports Medicine**, v. 47, n. 4, p. 701-716, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5357259/>. Acesso em: 21.06.2017.

KARKAZIS, K.; JORDAN-YOUNG, R.; DAVIS, G.; CAMPORESI, S. Out of bounds? A critique of the new policies on hyperandrogenism in elite female athletes. **American Journal of Bioethics**, v. 12, n. 7, p. 3-16, 2012.

REESE, J.C. Gender identity and sport: is the playing field level? **British Journal of Sports Medicine**, v. 39, n. 10, p. 695-699, 2005. DOI: 10.1136/bjism.2005.018119.

RUBIO, Katia; CARVALHO, Adriano L.. Areté, fair play and the contemporary Olympic movement. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Porto, v. 5, n. 3, p. 350-357, set. 2005. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232005000300011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 maio 2019.

VAL, A.L.; MELO, A.P.S.; GRANDE-FULLANA, I.; GOMEZ-GIL, E. Transtorno de identidade de gênero (TIG) e orientação sexual. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 32, n, 2, p. 192-193, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462010000200016&lng=en&nrm=iso>.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: MOBILIZAÇÃO DOS SABERES A PARTIR DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Mariângela da Rosa Afonso⁴⁸

Fabiana Celente Montiel⁴⁹

⁴⁸ Professora Titular Programa de Pós Graduação em Educação Física (PPGEF), UFPel, mrafonso.ufpel@gmail.com

⁴⁹ Doutoranda, PPGEF, UFPel, montielfabi@msn.com



PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada; extensão universitária; saberes

INTRODUÇÃO

Fomentar a formação continuada de professores é sem dúvida um papel importante quando pensamos sobre a responsabilidade social das universidades. Essa responsabilidade está assegurada nos marcos regulatórios, os quais estabelecem a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica (Decreto 8.752/2016), que concretizam o Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2016).

A formação docente pode ser entendida como o processo de construção do ser professor, que antecede até mesmo a formação inicial, essa última definida como etapa em que o futuro educador adquire no ambiente acadêmico, conhecimentos pedagógicos para profissão. Já a formação continuada passa a ser associada a todo processo de aprofundamento teórico e prático que ocorre após a conclusão da graduação (OST, 2012).

Acredita-se que as oportunidades de trocas de experiências no campo docente, corroboram para que os professores se sintam mais seguros e motivados a diversificarem as propostas pedagógicas. Ferreira, Santos e Costa (2015) explicam que as formações continuadas têm influenciado os professores, propiciando melhorias no seu desenvolvimento profissional, além de alterações na prática pedagógica, o que indica ser um excelente mecanismo quando o assunto é aprimoramento docente.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar uma experiência de extensão universitária realizada buscando contemplar as demandas dos professores da rede de ensino da educação básica. Outra questão importante foi potencializar a discussão dos possíveis desdobramentos para ressignificar a formação continuada de professores desta rede, a partir dos estudos produzidos no Grupo de Pesquisa em Educação Física e Educação (GPEFE) da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPel).

Ao longo destes 10 anos o GPEFE tem trabalhado no âmbito da pós-graduação a discussão de três grandes categorias. A primeira, vinculada à Formação Profissional, no que se

⁵⁰ Doutoranda, PPGEF, UFPel, leozinhaesef@hotmail.com

⁵¹ Professora Adjunta UFPel, francieleilha@gmail.com

⁵² Professora da rede particular de Pelotas, patricia_pris@hotmail.com



refere à formação inicial e continuada de professores (OST, 2012; SANTOS, 2014), as questões docentes com estudos sobre a profissionalização e esgotamento profissional (ANDRADE et al, 2010; SINOTTI et al, 2014; VEIGA et al, 2017; OLIVEIRA; RIBEIRO, AFONSO, 2018). Há ainda uma preocupação que para que as pesquisas apontem possibilidades para a melhoria do trabalho pedagógico na escola onde alguns elementos do processo formativo são trazidos (NASCIMENTO, 2011; ILHA; HYPOLITO, 2016; ILHA; HYPOLITO, 2017).

Percebemos, através das pesquisas e estudos realizados, que nesse processo de compreender a escola e suas interfaces havia uma lacuna de aproximação real com os professores da rede de Educação Básica na pauta de nossas ações.

Diante de tais necessidades acerca dos processos formativos de professores criamos o projeto de extensão “Ressignificando a Educação Física Escolar (REFE)”, vinculado ao GPEFE da ESEF/UFPel, o qual destina-se a trabalhar com a formação inicial e continuada, pelo intercâmbio de saberes, entre professores da Educação Básica e acadêmicos de graduação e pós-graduação em Educação Física.

MÉTODOS

O projeto de extensão REFE foi elaborado e submetido à apreciação da unidade acadêmica extensionista da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), tendo o seu registro no sistema institucional sob o número 362, para posterior envio dos certificados aos professores. A metodologia foi pensada de forma a interagir diretamente com os professores da rede e assim, primeiramente foi feito um contato com a secretária representante da Secretaria Municipal de Educação do Capão do Leão, no estado do Rio Grande do Sul (RS). Realizamos uma avaliação diagnóstica para a identificação dos temas sugeridos pelos professores, de forma que o planejamento pudesse contemplar as demandas destes professores.

Trabalhamos divulgado a realização e constituição deste projeto de extensão universitária (REFE) tanto com os professores da rede quanto com acadêmicos do curso de licenciatura da ESEF/UFPel com propósito de motivar os participantes. Foram realizadas duas edições de formação, conforme descrito abaixo nos resultados, e atrelamos aos encontros a entrega de materiais pedagógicos e um instrumento avaliativo para identificar a percepção dos mesmos sobre as formações,

RESULTADOS



Ao retornarem a avaliação diagnóstica, os docentes indicaram como temas de interesse: Cultura Corporal - dança e lutas; Atividades Físicas, obesidade e danças; Oficina de xadrez; Atividades recreativas pré-desportivas; Ginástica formativa; Educação física e saúde; Esporte com raquete; Atualização sobre as regras dos esportes.

Nesse primeiro momento observou-se a necessidade e carência desses professores em relação a espaços formativos, já que diversos temas foram citados, desde aqueles relacionados ao esporte (conteúdo mais frequente nas aulas de Educação Física), até temas vinculados a dança, atividade física e saúde. Então para a primeira formação elencamos o tema “Jogo” tentando contemplar aqueles que indicaram esportes na sua avaliação, e para a segunda formação optamos pelo tema “Atividades em espaços reduzidos”, buscando relacionar com atividades de ginástica, lutas e atividades recreativas.

Durante os encontros de formação para professores do município do Capão do Leão/RS, optamos utilizar e apresentar a metodologia do Esporte Educacional proposta pelo Instituto Esporte & Educação – IEE (ROSSETTO JÚNIOR et al, 2009; ROSSETTO JÚNIOR; COSTA; D’ANGELO, 2012; BROTTTO; ROSSETTO JÚNIOR, 2017).

A escolha pelo jogo, como ferramenta de ensino, dá-se pelo fato de que esse é repleto de imprevisibilidade, capacidade de adaptação, tomada de decisão, o que demanda aos alunos responderem de forma ativa as suas necessidades (BROTTTO; ROSSETTO JÚNIOR, 2017).

Os conteúdos propostos pelo REFE buscavam uma aproximação com as indicações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como expressa um dos objetivos gerais das competências específicas de Educação Física para o ensino fundamental: “Utilizar, desfrutar e apreciar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais e além disso, a avaliação final realizada com os professores apontou que a formação foi bastante produtiva e apresentou novas possibilidades de ensino dos esportes, assim como foi enfatizada a importância da troca de experiência entre eles e os acadêmicos, reforçando um dos objetivos do REFE, que é a troca de saberes.

Destacamos que mobilizar os saberes destes docentes é extremamente importante assim trazemos os depoimentos dos professores para este espaço: *“Os momentos de formação continuada são motivadores para alavancar nossa prática, oportunizando diversificar os métodos de ensino, para qualificar e justificar nosso trabalho como educadores. Além de possibilitar a troca de experiência entre formados e formandos, abrindo um leque de novas*



possibilidades. Acredito que através da prática de jogos, nossos objetivos foram atingidos pela troca de conhecimento e experiências adquiridas” (Professora TB, 2017).

Com isso, ressalta-se a importância “que os professores de Educação Física tomem consciência de que o seu saber-fazer didático-pedagógico não está dado a priori e sim em um contínuo processo de (re)construção” (CAPARROZ; BRACHT, 2007, p.33).

A segunda formação teve como tema “Atividades para espaços reduzidos” a qual foi realizada no dia 30 de novembro de 2017, também nas dependências da ESEF/UFPeI. Tal temática foi abordada de forma a amenizar a problemática levantada pelos professores, principalmente no que se refere às condições climáticas de nossa região no inverno, assim proporcionando a discussão referente a possíveis planejamentos a serem realizados através da seleção crítica de atividades e práticas corporais mais adequadas a serem realizadas em espaços reduzidos, considerados aqui toda e qualquer sala, salão ou saguão disponível na escola.



Figura 1. Registro de um dos momentos práticos da formação
Fonte: Os autores



Enfatizou-se que não é necessário alterar o planejamento e sim pensar estratégias, atreladas ao conteúdo que está sendo trabalhado, para desenvolver em dias onde não é possível utilizar o espaço externo da escola, normalmente destinado às aulas de Educação Física, enfrentando assim uma das problemáticas apresentadas por Bracht et al (2003).

Figura 2. Registro das atividades em espaços reduzidos



Fonte: Os autores.

Com relação às expectativas da segunda formação, os participantes disseram na roda de avaliação final que elas foram superadas, pois as ideias, exemplos de atividades possíveis de serem aplicados. Foi relatado pelos participantes que eles trabalharam os jogos, temática desenvolvida no encontro anterior, nas suas aulas e atribuíram o sucesso das práticas a participação dos mesmos na primeira formação: *“Para nós é muito bom estar aqui, ouvir propostas diferentes, porque renova as energias”* (Professor CL, 2017).

CONCLUSÃO

A partir desta experiência, espera-se poder colaborar com outros espaços-tempos de formação, incentivando discussões e análises das práticas neles realizadas, as quais merecem, sempre que possível, serem revistas e reconstruídas com os atores que compõe o processo. Nos documentos avaliativos pode-se perceber a adesão e mobilização dos saberes destes professores que usaram diferentes estratégias para modificar suas práticas na escola. Destaca-se a importância da universidade promover alternativas de pesquisa, extensão e formação, que apontem para a democratização do bem público universitário, com definições e soluções coletivas dos problemas sociais.



REFERÊNCIAS

- ANDRADE D. M.; RODRIGUES, C. N.; MONTIEL, F. C.; NASCIMENTO, F. M.; SANTOS, L. L.; BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E.; FONTE, S. S. D.; FRADE, J. C.; PAIVA, F.; PIRES, R.. Pesquisa em ação: Educação física na escola. Ijuí, RS. 3. ed. Editora Ijuí, v.10. 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_verseofinal.pdf> Acesso em 20 mar. 2019.
- BROTTO, B. M.; ROSSETTO JÚNIOR, A. J. (Org.). Estratégias de ensino do esporte educacional. 1. ed. São Paulo: Gráfica Paulo's, 2017.
- CAPARROZ, F. E.; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma Didática da Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 28, n. 2, p.21-37, 2007.
- FERREIRA, J. S.; SANTOS, J. H.; COSTA, B. O. Perfil de formação continuada de professores de educação física: modelos, modalidades e contributos para a prática pedagógica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 37, n. 3, p. 289-298, 2015.
- ILHA, F. R. S. A regulação curricular da Educação Física na escola e seus efeitos no trabalho de professores iniciantes. 2015. 197f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.
- ILHA, F. R. S.; HYPOLITO, A. Esportivização da Educação Física escolar: um dispositivo e seus regimes de enunciação. Movimento (UFRGS), v. 22, p. 173-186, 2016.
- ILHA, F. R. S.; HYPOLITO, A. Linhas de força de um dispositivo: os professores de Educação Física iniciantes e as relações de poder na escola. Movimento (UFRGS), v. 23, p. 1, 2017.
- ISAÍÁ, S. M. A.; BOLZAN, D. P. V. Formação do professor do ensino superior: um processo que se aprende? Educação (Santa Maria), v. 29, n. 2, p. 121-133, 2004.
- NASCIMENTO, F. M. Trajetórias e práticas pedagógicas no Ensino Superior: os docentes de dança dos cursos de licenciatura em Educação Física. 2011. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2011.
- OLIVEIRA, I. B.; AFONSO, M. R.; RIBEIRO, J. A. B. Satisfação com a profissão: um estudo com professores de Educação Física. Pensar a Prática, v. 21, p. 82-95-95, 2018.
- OST, M. A. A formação continuada em Educação Física: um estudo sobre as propostas de Educação e Desporto da Prefeitura Municipal de Pelotas-RS. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2012.
- ROSSETTO JÚNIOR, A. J.; ARDIGÓ JÚNIOR, A.; COSTA, C. M.; D'ANGELO, F. L. Jogos educativos: estrutura e organização da prática. 5. ed. São Paulo: Phorte, 2009.



ROSSETO JUNIOR, A. J.; COSTA, C. M.; D'ANGELO, F. L. Práticas pedagógicas reflexivas: unidade didática como instrumento de ensino e aprendizagem. 2. ed. Revisada. São Paulo: Phorte, 2012.

SANTOS, R. A. S. A dança como conteúdo das aulas de Educação Física: suas possibilidades a partir da formação continuada de professores do município de Bagé/RS. 2014. 175f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2014.

SINOTT, E. C.; AFONSO, M. R.; RIBEIRO, J. A. B.; FARIAS, G. O. Síndrome de Burnout: um estudo com professores de Educação Física. Revista Movimento (UFRGS), v. 20, n. 2, p. 519-537, 2014.

VEIGA, R. F.; AFONSO, M. R.; FARIAS, G. O.; SINOTT, E. C.; RIBEIRO, J. A. B. Qualidade de vida no trabalho: contexto de atuação profissional e carreira docente. Pensar a Prática, v. 20, p. 333-348, 2017.

EDUCAÇÃO FÍSICA E CINEMA: A FIGURA DO *COACH TEACHER* E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA EM RIO GRANDE – RS

Charles da Costa Bandeira⁵³

Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves⁵⁴

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; cinema; Coach Teacher; formação de professores.

INTRODUÇÃO

O presente resumo se refere ao projeto de tcc o qual possui como tema a relação entre Educação Física e Cinema, especificamente, aquelas produções vinculadas à cultura norte-americana com grande alcance mundial, as quais abordam o esporte em contexto escolar. Nesse sentido, é tomado como problema de pesquisa a relação estabelecida entre a figura do “*coach teacher*”⁵⁵, enquanto personagem marcante neste tipo de cinematografia, e suas supostas implicações na atuação docente de professores de Educação Física no contexto brasileiro, tendo em vista a seguinte pergunta: reconhecendo o considerável alcance de tais produções, são elas impactantes na constituição de professores de Educação Física brasileiros? Logo, esta proposta de pesquisa se justifica por dar visibilidade à potencialidade educativa do cinema entendido como artefato cultural que, como tal, acaba por acionar representações e produções de sentidos,

⁵³ Acadêmico do curso de Educação Física – FURG.

⁵⁴ Professor do Instituto de Educação – FURG.

⁵⁵ Nomeamos *coach teacher* aqueles personagens caracterizados pela atuação como professor-treinador de equipes esportivas das *high schools* norte-americanas e que, por efeito, se aproximam do contexto de atuação do professor de Educação Física escolar brasileiro.



por sua vez transpostas para diferentes contextos sociais. Sendo assim, se faz pertinente despertar o exercício de estranhamento acerca do *coach teacher* quando tomado como um agregado de características, entre elas, a demarcação de certa indissociabilidade da composição/fusão professor treinador. Fusão interessante de ser explorada, tendo em vista a Educação Física escolar como espaço predominante do desenvolvimento de práticas esportivizadas. Para Vago (1996, p.8) “o esporte é legitimado pela sociedade e é exatamente isso que garantiria legitimidade para o ensino de Educação Física na escola: ensinar esporte”. Esta afirmação leva a crer que “o esporte que penetra o espaço escolar é o esporte criado e praticado culturalmente na sociedade, com interesses diversos e conflituosos, certamente. Esse esporte é escolarizado e incorporado à cultura escolar” (Idem, p.11).

OBJETIVOS

O objetivo geral desta proposta se firma em descrever e problematizar os impactos de produções cinematográficas norte-americanas na constituição de professores de Educação Física brasileiros, especialmente, atuantes em escolas públicas da cidade de Rio Grande – RS.

Como objetivos específicos, destaca-se: produzir espaços de projeção de alguns títulos previamente escolhidos para professores e professoras de Educação Física atuantes no Ensino fundamental; promover espaços de discussão, entre os participantes da pesquisa, ancorada na exploração da figura do *coach teacher* como articulador de um *ethos* esportivo e sua interface com a atuação de professores de Educação Física no contexto escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa será realizada em duas etapas procedimentais, No primeiro momento, será realizado o processo de classificação e seleção dos filmes a serem exibidos. Em seguida, como próxima etapa, será constituído um laboratório de discussão onde o público alvo será composto por professores de Educação Física atuantes da rede pública de ensino básico.

Com a finalidade de estabelecer o laboratório de discussão, será preciso definir os métodos utilizados para a produção dos dados da pesquisa. Nesta perspectiva o fator delimitante para a formação do grupo que participará do laboratório de discussão seguirá os seguintes critérios: ser professor de Educação Física; atuar na rede pública de ensino no município de Rio Grande-RS; ministrar aulas para os anos finais do ensino fundamental. Após a formação do grupo, o laboratório se constituirá de sessões de exibições cinematográficas de obras que



apresentam a figura do *coach teacher* e a realização de grupos focais para a problematização da temática da pesquisa.

O modelo de grupo focal que será utilizado durante a etapa de produção dos dados, será caracterizado de maneira exploratória. Uma vez que, de acordo com Gondim (2003), o mesmo está direcionado ao processo de construção de dados e ao desenvolvimento e comprovação de hipóteses ou teorias, com ênfase em observar similaridades entre os indivíduos do grupo alvo. Diante disso, o modelo apresentado acima será utilizado como método para produzir dados que ajudem a compreender às supostas implicações da figura do *coach teacher*, representado na cinematografia norte-americana, no processo de formação de professores brasileiros.

O objeto de estudo que será utilizado durante a construção de dados serão obras cinematográficas que atendam aos aspectos indispensáveis para o processo de produção de dados. Desse modo, o processo de seleção dos filmes tomará como imprescindível a constatação de três elementos específicos nas produções: a presença da figura do *coach teacher*; o marcador escola; melhor índice no ranking do Internet Movie Database (IMDb)⁵⁶.

PRIMEIRAS ANÁLISES

Com o advento do mundo moderno, a tecnologia cada vez mais ocupa espaço no cotidiano social, uma vez que a sociedade está abarrotada de máquinas e aparelhos nos quais sistemas tecnológicos estão sempre presentes. A tecnologia mudou a maneira do indivíduo ver o mundo e, também, potencializou o modo como se conta histórias. O recente surgimento do cinema, tendo sua primeira exibição datada em 1895, contribuiu de maneira significativa com os métodos de se contar histórias e de se produzir conhecimentos.

As instituições relacionadas à produção de conhecimento historicamente utilizam-se de ferramentas distintas para atingir seus objetivos. Duarte (2002, p.13), diz que “Somos levados a admitir que o gosto pelo cinema, enquanto sistema de preferências está ligado à origem social e familiar das pessoas e à prática de ver filmes”. É preciso salientar que a academia, a escola e a família não são únicas detentoras do processo de educação do indivíduo, a instituições religiosas, assim como a mídia também contribuem na produção social e cultural de cada indivíduo pertencente a um contexto social. Estes fatores fazem com que as mensagens presentes em cada filme ajam de modos distintos e produzam diferentes significados de acordo com o local de percepção social do sujeito exposto a obra cinematográfica.

⁵⁶ IMDb se caracteriza por ser um sítio de grande procura digital, onde é possível verificar, pesquisar e dar notas para os filmes assistidos, conta atualmente com um giro de usuário mensal que supera os 250 milhões de perfis.



Entender o cinema como um local de produção de conhecimento oportuniza utilizá-lo para esta finalidade, uma vez que os filmes produzem significados a partir do olhar e do sistema social no qual o mesmo é reproduzido. Uma mesma cena de um filme pode produzir diferentes sentidos se analisadas por grupos sociais distintos. O cinema, entendido como uma prática cultural da sociedade moderna pode ser utilizado como uma potente ferramenta no processo de produção de saberes acadêmicos, artísticos e sociais.

Nesse sentido, quando consideramos a relação entre cinema e corporeidade, múltiplos aspectos presentes em obras cinematográficas podem ser colocadas como ponto de partida para análises referentes a este campo de estudos. Temáticas relacionadas aos âmbitos dos esportes, das lutas, das danças e fatores sociais ligados aos padrões corporais, raciais e de gênero. Diversas construções cinematográficas se utilizam de instituições e conceitos sociais como objetos componentes de seus enredos, sejam como temática principal ou como elemento coadjuvante. Aspectos ligados a Educação Física são comumente observados em produções norte-americanas, uma vez que é possível observar distintas obras onde segmentos da cultura corporal ganham destaques na cinematografia, entre estes segmentos está o esporte.

Em relação a esporte e cinema é notável uma variedade de obras cinematográficas que se caracterizam por estar ligadas a modalidades esportivas coletivas, nas quais é concebível observar comportamentos, acontecimentos que podem convergir uma gama de situações que comumente são ligados aos aspectos esportivos. Situações que apresentam o esporte como uma ferramenta capaz de agregar valores morais relacionadas a sociedade ocidental ou que, eventualmente, apresentam o esporte como uma instituição que salva seus praticantes das mazelas sociais. Nessa direção, é possível crer que há pouca relevância na modalidade esportiva presente em determinada obra, porém que é interessante problematizar o que podemos chamar por *ethos* (atitude) esportivo, predominante em alguns filmes que frequentemente se centralizam e se personificam na figura do *coach teacher*.

Desta forma, o cinema e o esporte se configuram como ferramentas de produção de conhecimentos que utilizadas de modo conjunto podem potencializar estudos acerca das duas temáticas. Quanto ao cinema e ao esporte como construtores de conhecimentos é possível dizer que “o cinema tem a seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados” (DUARTE, 2002 p. 33), e que o esporte “[...] é um fato social capaz de influenciar os costumes e hábitos das pessoas” (PIMENTA; HONORATO, 2010, p.497). Isto é, cinema e esporte são capazes de produzir inúmeras significações, assim como participar do processo individual do sujeito de



formação de opinião a partir das impressões deixadas por produções filmicas, relacionadas com o capital cultural de cada indivíduo exposto a determinadas obras cinematográficas.

O *coach teacher* é uma designação presente no estudo para denominar nas obras cinematográficas estudadas, personagens que através das significações presentes, agrupam interpretações que podem ser transpostas para o que se considera como parte do contexto de atuação de professores de Educação Física em ambientes escolares brasileiros. A utilização da expressão *coach teacher* é necessária, pois ancora uma noção de fusão entre a figura do professor e do treinador, exploradas por diversas produções norte-americanas. Além disso, tal noção dispara o exercício problematizador desta proposta de pesquisa, ao possibilitar o estranhamento frente ao entendimento que diversos docentes possuem das práticas realizadas na Educação Física escolar, as quais, muitas, resume-se ao caráter predominantemente esportivo, que por efeito, esportiviza a figura do professor, vinculando sua atividade a uma espécie de treinador de equipes competitivas no ambiente escolar.

“*Coach Carter*” e “*Remember the Titans*” são duas obras que representam a temática do esporte em ambientes escolares, visto que ambos em suas respectivas narrativas, possuem como plano de fundo a participação de equipes esportivas em campeonatos de basquete e futebol americano respectivamente. Em relação aos filmes citados, é possível retratar três personagens que caracterizam a figura do *coach teacher*. “*Ken Carter*” (“*Coach Carter*”), “*Herman Boone*” (“*Remember the Titans*”) e “*Bill Yoast*” (“*Remember the Titans*”). Estes personagens se caracterizam por criar um universo de significações que podem ser consideradas como área de atuação docente do professor de Educação Física brasileiro, uma vez que atuam em ambientes escolares, utilizando-se de um método de abordagem pedagógica e com um conteúdo que é considerado um dos pilares da Educação Física, o esporte, ainda considerado hegemônico entre as atividades realizadas na Educação Física Escolar.

CONCLUSÕES

Deste modo é preciso destacar que a relação da sociedade brasileira com o cinema, possui como característica principal o consumo de obras cinematográficas. Com Hollywood sendo a referência ocidental em cinematografia, o público brasileiro acaba consumindo aspectos da cultura norte-americana, podendo gerar impactos diretos nos contextos sociais do país. Em relação à Educação Física e ao cinema, é comum observar comportamentos, situações e atitudes às quais estão presentes nos filmes citados e no cotidiano escolar brasileiro. Dessa maneira, é



possível observar aspectos culturais norte-americanos ligados à figura do *coach teacher*, passíveis de aproximação ao contexto de atuação do professor Educação Física brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BOAZ, y. (diretor). (2000). **Remember the Titans** [Filme]: Walt Disney Pictures.
- CARTER, T. (diretor). (2005). **Coach Carter** [Filme] EUA: Paramount Pictures.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.
- PIMENTA, Thiago; HONORATO, Tony. Esporte moderno e mediação pedagógica nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s.l.], v. 24, n. 4, p.493-505, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1807-55092010000400007>.
- VAGO, Tarcísio. M. **Esporte da escola, esporte na escola: da negação radical à tensão permanente - um diálogo com Valter Bracht**. Revista Movimento, Porto Alegre, n. 5, p. 4-17, 1996.

PERCEPÇÕES SOBRE IMAGEM CORPORAL DE PESSOAS SUBMETIDAS À CIRURGIA DE CONFECÇÃO DE ESTOMA

Jéssika dos Santos Garcia⁵⁷

Daniela Barsotti Santos⁵⁸

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Social; Imagem Corporal; Estomia

INTRODUÇÃO

O estoma, ou ostoma, definição originária do grego “éstoma” que significa boca, ou abertura. Ele é o resultado da cirurgia de estomia que expõe ao ambiente uma parte específica do intestino ou de outra parte do corpo, desviando porções do trato intestinal, uretra ou vias aéreas ao exterior. Ainda, a estomia, pode ser realizada de modo definitivo ou reversível dependendo da sua gravidade e função (LIMA et al., 2018).

O presente estudo foi realizado com pacientes do Hospital Universitário Dr. Riet Corrêa Jr. – HU/FURG-EBSERH, usuários do Sistema Único de Saúde - SUS, que utilizam o Serviço

⁵⁷ Graduanda em Psicologia, FURG. jessikagarcia1@hotmail.com.

⁵⁸ Psicóloga, Doutora em Enfermagem, FURG. danibarsotti@gmail.com.



de Estomia. Os participantes passaram pela colostomia, procedimento cirúrgico realizado no cólon, ou intestino grosso e as ileostomias oriundas do intestino delgado. A cirurgia nestes locais ocorre devido a diversos problemas, como por exemplo, o câncer colorretal, diverticulites, anomalias congênitas, incontinência anal, doença inflamatória intestinal, polipose adenomatosa familiar, entre outros. A finalidade da cirurgia consiste na preservação do funcionamento intestinal, sendo para isso necessária a utilização da bolsa de estomia, que ligada ao estoma possibilita a evacuação das fezes, e em alguns casos da urina (SILVA; SHIMIZU, 2006).

Ao realizar a cirurgia de estomia o paciente necessita se adaptar a uma nova realidade física, social e psicológica. Por ser uma cirurgia que repercute na experiência da corporeidade, algumas pessoas demonstram dificuldades de adaptação ao manifestar baixa autoestima, isolamento social e da família, percepções corporais negativas e dificuldades na vivência da sexualidade de modo saudável e satisfatório. O processo de aceitação a este corpo modificado é extremamente variável e depende de muitos fatores psicossociais internos e externos ao indivíduo. Cada pessoa possui em sua subjetividade recursos capazes de auxiliá-la durante processos de reabilitação pós-cirurgia. Porém muitos aspectos podem ser desfavoráveis a essa readaptação, como a prestação precária de informações no pré-operatório, cirurgias de emergência devido a acidentes em que não seja possível explicar o procedimento previamente ao paciente, a falta de apoio da família no pós-operatório, dificuldades de ordem social como o desemprego, o estigma relacionado ao estomizado, a falta de condições satisfatórias de moradia, saneamento e atendimentos de saúde básicos (CETOLIN et al., 2013; LIMA et al., 2018).

Ressalta-se que a imagem corporal é profundamente afetada pela cirurgia de estomia, sendo vivenciada de modo peculiar por cada paciente que é submetido ao procedimento (CETOLIN et al., 2013; LIMA et al., 2018). O termo imagem corporal foi cunhado por Paul Schielder (1999), compreendendo-o como um conceito que envolve não somente questões fisiológicas, mas também sociológicas e psicológicas, já que a percepção de imagem corporal seria um fenômeno multifacetado em constante reestruturação. Para Schielder (1999), apenas uma pequena parcela das representações que as pessoas possuem sobre o próprio corpo são percebidas ao nível consciente, sendo a maior parte dessas representações formadas inconscientemente a partir das relações que os indivíduos possuem com outras pessoas ou com a sociedade.

Cash e Pruzinsky (1990 apud BARROS, 2005) acrescentaram sete elementos para melhor compreensão do termo imagem corporal são eles: Que primeiramente a imagem corporal



refere-se às percepções, aos pensamentos e aos sentimentos sobre o corpo e suas experiências, sendo em si uma experiência subjetiva. Tais percepções apresentam-se de maneira multifacetada e as mudanças podem se dar em variadas dimensões. Ainda a experiência da imagem corporal é transpassada por sentimentos sobre si mesmo relacionados ao modo como o indivíduo se percebe e vivencia o próprio corpo, e como as pessoas de seu entorno o percebem. Logo, a imagem corporal é também determinada pelo social, pois recebe é influenciada por ele ao longo da vida do sujeito. Ainda as imagens corporais que as pessoas criam de si mesmas não são fixas, são constantemente modificadas pela percepção. Neste sentido, a imagem corporal é capaz de influenciar o processamento de informações de cada pessoa, em outras palavras, o modo como ela vê o próprio corpo será o modo como ela verá o mundo. E a sétima questão refere-se a compreensão de que as imagens corporais elaboradas por cada pessoa irão influenciar o seu comportamento e o modo como ela se relacionará com as outras pessoas (BARROS, 2005).

Diante o exposto, a presente pesquisa é justificada pela necessidade de se compreender as possíveis consequências da cirurgia de estomia para a imagem corporal e fornecer subsídios que contribuam para o cuidado a saúde desta população que deve ser realizado de modo longitudinal e multiprofissional, visando à recuperação da pessoa em todas as dimensões de sua vida. Este estudo é derivado de um Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia que se encontra no início da análise de dados.

OBJETIVOS

Conhecer as percepções dos pacientes acerca das modificações corporais ocasionadas pela cirurgia de estomia.

METODOLOGIA

A pesquisa foi elaborada partir da perspectiva da Psicologia Social da Saúde que visa iluminar temas relacionados a aspectos culturais e sociais que são construídos ao longo do espaço e tempo histórico. Nesta perspectiva, compreende-se que os sentidos sobre a saúde e a doença das pessoas que são produzidos na relação com os significados sociais. Ainda essa relação se dá de forma única a partir da comunidade a que essas pessoas estão inseridas, ou seja, existe interação entre os fatores sociais e os psicobiológicos (SPINK, 2013). Para atender ao objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (2008) seria a proposta metodológica que alcança a compreensão das possíveis relações



sociais no campo da saúde. Para tanto, foi elaborado um roteiro semiestruturado de entrevista com perguntas sobre motivo e tempo de cirurgia, recebimento de informações sobre a estomia, sentimentos relacionados ao processo de estomia, expectativas quanto a reversão, cuidados e apoio social percebidos, aspectos psicossociais após a cirurgia, relacionamentos interpessoais, percepção do corpo e autoestima.

Os participantes do estudo são usuários do SUS que passaram pela cirurgia de estomia, independente de sua indicação e caráter permanente ou temporário, que frequentam o Serviço de Estomaterapia do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. – FURG/EBSERH. As entrevistas individuais foram audiogravadas, e em seguida, transcritas na íntegra. O material obtido encontra-se em fase inicial de leitura exaustiva e flutuante para compreensão dos núcleos de sentido, seguida de sistematização e categorização temática como proposto por Minayo (2008). A pesquisa foi elaborada em consonância com os preceitos éticos da resolução 466/2012 (BRASIL, 2012), parecer no. 04/2019, Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde - CEPAS-FURG.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Foram obtidas quatro entrevistas com participantes que haviam realizado a cirurgia de estomia a menos de um ano, de ambos os sexos e com idades entre 40 e 72 anos, residentes na cidade de Rio Grande-RS. Os motivos da cirurgia foram devido a fatores diversos como acidentes, complicações advindas de outros procedimentos cirúrgicos e diferentes tipos de câncer.

A imagem corporal que as pessoas possuem sobre elas mesmas está em constante modificação procurando sempre se adequar a uma imagem corporal ideal que condiz com os padrões de beleza e saúde apresentado por seus pares e o meio social em que estão inseridos. Porém, muitas vezes, como é o caso das cirurgias de estomia essa percepção da imagem corporal é modificada bruscamente e de modo agressivo. Existe a necessidade latente de reorganização em um curto período, podendo levar a sentimentos dolorosos, já que essa mudança pode ser definitiva e fazer com que o indivíduo se sinta preso em um corpo não funcional e não aceitável pelos outros.

Com o início da coleta de dados pode-se perceber relações existentes entre a cirurgia de estomia e a modificação na percepção da imagem corporal dos participantes. Alguns apresentaram falas que demonstraram conotações negativas acerca do estoma e outros referiram a cirurgia com sentido de continuidade da vida o que corrobora com estudos semelhantes como



o de Hueso-Montora et al. (2016), Silva e Shimizu (2006) e Barbutti e Abreu (2008). Ainda apresentaram falas relacionadas ao significado de “corpo saudável”, alguns reforçando as premissas socialmente construídas de que o corpo saudável como aquele que apresenta suas funções fisiológicas preservadas em sua integridade, sem a presença da bolsa de colostomia. Nesta perspectiva, a fala de alguns participantes depreende o sentido que o corpo que possuem hoje, mesmo com suas funções fisiológicas preservadas, não é um corpo saudável. Já outros relataram perceber seu corpo como saudável, já que agora não apresentam os sintomas desagradáveis advindos da doença/acidente que acarretou a cirurgia de confecção de estoma.

A pluralidade das narrativas sobre a atribuição de sentidos sobre seu corpo também é percebida nas falas sobre as novas interações necessárias após a confecção do estoma. Alguns participantes relataram a importância da aceitação do novo estado pelos familiares e amigos, e como em alguns casos essas pessoas auxiliaram para a melhor adaptação dos pacientes. Também algumas destas relações acabaram por causar maior rebaixamento da autoestima e a perda de autonomia de alguns entrevistados. Demonstra-se assim a necessidade do apoio social e ele pode auxiliar os pacientes a uma adaptação positiva a sua nova situação.

Nesses relatos pode-se perceber a importância do auxílio da equipe hospitalar e dos diversos profissionais da saúde que entram em contato com o paciente antes, durante e após a cirurgia. Os participantes mencionaram o apoio da equipe de enfermagem e da equipe médica como crucial no aprendizado do manejo da bolsa de estomia e dos cuidados necessários para com o local. Também houve falas sobre o apoio psicológico durante o período de adaptação prestado por estas equipes.

CONCLUSÕES

O trabalho ainda se apresenta na fase inicial de análise de dados, porém a partir das entrevistas realizadas pode-se perceber como os sentidos produzidos sobre a imagem corporal destes participantes afetam de diferentes maneiras suas vidas, modificando expressivamente o modo como essas pessoas passaram a se relacionar com seu entorno, seus familiares e amigos. Demonstrando a importância da maior compreensão sobre tais modificações para minimizar os efeitos negativos que esta cirurgia pode apresentar na percepção de si e do mundo destes indivíduos. Espera-se que os resultados do estudo possam contribuir para o Serviço de Estomaterapia do HU-FURG-EBSERH. Ao se conhecer as narrativas sobre as mudanças corporais após a cirurgia de estomia e consequentes repercussões para a imagem corporal, os



profissionais de saúde, sobretudo da psicologia, poderão atuar em caráter focal no sentido de amenizar possíveis prejuízos e propiciar melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- BARBUTTI, R. C. S.; ABREU, M. A. L. Ostomia uma difícil adaptação. **Rev. SBPH** v. 11, n. 2, p. 27–39, dez. 2008.
- BARROS, D. D. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, n. 2, p. 547–554, ago. 2005.
- CETOLIN, S. F. et al. Dinâmica sócio-familiar com pacientes portadores de ostomia intestinal definitiva. **Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva**, v. 26, n. 3, p. 170–172, 2013.
- HUESO-MONTORO, C. et al. Experiences and coping with the altered body image in digestive stoma patients. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 24, n. 0, 2016.
- LIMA, J. A. DE et al. Association of sociodemographic and clinical factors with self-image, self-esteem and locus of health control in patients with an intestinal stoma. **Journal of Coloproctology**, v. 38, n. 1, p. 56–64, jan. 2018. <https://doi.org/10.1016%2Fj.jcol.2017.11.003>
- MINAYO, M. C. DE S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. p.407.
- SCHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SILVA, A. L.; SHIMIZU, H. E. O significado da mudança no modo de vida da pessoa com estomia intestinal definitiva. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 483–490, ago. 2006. <https://doi.org/10.1590%2FS0104-11692006000400003>
- SPINK, M. J. P. **Psicologia Social e Saúde: Práticas saberes e sentidos**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 339.



GINÁSTICA PARA COMUNIDADE: CONSTRUINDO A HISTORICIDADE DO PROJETO⁵⁹

Lara Silva Schuerne⁶⁰

Priscila Fontes Gularte⁶¹

Prof. Dr. Gustavo da Silva Freitas⁶²

PALAVRAS-CHAVE: História oral; Ginástica; Projeto de Extensão.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão intitulado Ginástica para Comunidade, pertencente ao Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande, proporciona à comunidade externa, acadêmicos e servidores da instituição diversas modalidades ginásticas, além de um ambiente de interação social entre os participantes. Vinculado ao curso de Educação Física, o projeto conta com duas aulas por semana, as quais são ministradas por acadêmicas do curso. No entanto, nem sempre o projeto teve essa configuração. Sabe-se que a iniciativa de proporcionar atividades de Ginástica para a Comunidade nasceu antes mesmo da existência do curso de Educação Física, há mais de 20 anos. Neste trabalho dissertaremos sobre a pesquisa que busca a produção da historicidade deste projeto ao longo deste período de tempo.

OBJETIVOS

Assim, este trabalho pertence ao conjunto de produções realizadas sob o projeto de pesquisa nomeado de “Exercícios de Memórias: as práticas esportivas na cidade do Rio Grande” e, em específico, tem por objetivo buscar pistas que nos conduzam a uma historicidade do projeto de extensão Ginástica para Comunidade, sobretudo, conhecer o projeto através da ótica daqueles que já fizeram parte do mesmo. Os relatos que constituem a história que nos trouxe ao estágio atual podem nos proporcionar uma visão mais ampla sobre tudo que constitui e constituiu o projeto até o presente momento.

METODOLOGIA

⁵⁹ O projeto conta com o apoio PDE/EPEC 2018 com uma bolsa de pesquisa.

⁶⁰ Acadêmica do curso de Lic. Em Educação Física, FURG, lara.schuerne@hotmail.com.

⁶¹ Acadêmica, do curso de Lic. Em Educação Física, FURG, priscila.fontesg@gmail.com.

⁶² Professor Doutor, Instituto de Educação, FURG, gsf78_ef@hotmail.com.



A pesquisa, que se encontra em estágio inicial, tem por referencial teórico-metodológico a história oral (ALBERTI, 1989) e conta até então com entrevistas feitas com professores de Educação Física da FURG que já coordenaram, em algum momento, o projeto. Segundo a autora: “trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam” (ALBERTI, 1989, p. 1-2). Tais narrativas orais foram produzidas com a intenção de elucidar diferentes modalidades já aplicadas, metodologias utilizadas e também o impacto do projeto na história daqueles que por ele passaram.

Ao acessar grande quantidade de informações através das memórias, não se pode negligenciar a riqueza de fatos obtida e sua capacidade de esclarecimento de ocorrências até então desconhecidas, como trazem Goellner e Mühlen (2010): “Vale lembrar ainda que assim como a entrevista está intimamente relacionada à memória, seu processamento articula, simultaneamente, pesquisa e documentação, na medida em que permite, também, a produção de um documento histórico” (p. 58).

Os primeiros depoimentos colhidos, ainda no segundo semestre de 2016, aconteceram de forma livre, através de conversas com professores que coordenaram o projeto por um determinado período. Assim, o entrevistado contou aquilo que considerava mais relevante de seu período de atuação, pois a conversa foi em nível de sondagem. Nesses, alcançamos relatos das práticas oferecidas, locais onde as aulas eram ministradas, materiais aos quais tinham acesso, público-alvo da época, existência ou não de bolsistas, dentre outros aspectos.

Atualmente, um roteiro foi elaborado para realização de entrevistas, com o intuito da produção de novos materiais, desta vez de forma padronizada, possibilitando a compilação de dados de diferentes períodos históricos de maneira sistematizada. Até então, um professor foi entrevistado. A entrevista foi produzida no dia 05 de abril deste ano, durando 40 minutos e foi realizada no Centro Esportivo da FURG. Foram 16 perguntas, gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Entre as perguntas realizadas estão: “Sob sua coordenação, que enfoque era dado ao projeto? Que objetivos ele tinha para os envolvidos?” e “Em que período exatamente coordenou o projeto e por que deixou de coordená-lo?”, que tem maior foco no projeto, e também: “De que maneira a ginástica fez parte da sua vida acadêmica, profissional e/ou pessoal?” e “Antes de ingressar na FURG, em que atuava ou já atuou profissionalmente?”, com maior foco no indivíduo entrevistado.



A entrevista a partir da história oral possibilita saber do entrevistado memórias afetivas pessoais relacionadas ao projeto, atribuindo a ele significados singulares que não seriam acessados sem o recurso da história oral. Trata-se de acessar a história do projeto ao acessar, inevitavelmente, a história de vida dos entrevistados. Projeta-se a continuidade da pesquisa com entrevistas com ex-coordenadores, ex-bolsistas e, inclusive, participantes que permanecem no projeto por um longo período de tempo.

ANALISE E DISCUSSÃO

Em movimento anterior, alunos do curso de Educação Física, voluntários do projeto de Ginástica para Comunidade, já sob a supervisão do atual coordenador, começaram com o exercício de olhar para o passado do projeto através de conversas com ex-coordenadores do projeto. Desse exercício somado ao que se inicia, depreende-se que, nos anos 90, existiam na FURG professores de Educação Física que eram responsáveis por lecionar as práticas desportivas, conhecidas como Educação Física obrigatória no ensino superior.

Nessa época, segundo a Profa. Méri Rosane Santos da Silva, uma das pessoas procuradas para conversar, foi criado um grande projeto chamado “Práticas Corporais na Universidade” no estilo “guarda chuva” em que estavam abarcadas não só as disciplinas das práticas desportivas, mas também projetos para a comunidade. Nele, em 1991, surgiu a Ginástica para Comunidade, proposta pela Profa. Débora Sayão. Na segunda metade dos anos 90, com o seu afastamento para cursar doutorado, houve a primeira troca de coordenação, passando para a Profa. Méri que o coordenou por dois anos.

Naquele período, as aulas eram conduzidas pela própria professora, pois não havia bolsista. A prática ministrada era a ginástica localizada para um público constituído, basicamente, por mulheres moradoras do entorno da universidade, dentro de uma faixa etária entre 30 e 40 anos. O projeto funcionava em dias e horários variáveis de um semestre para outro, pois primeiro era elaborada a agenda das práticas desportivas para depois sincronizar com os horários dos projetos para a comunidade nos períodos vagos.

Quando coordenado pelo Prof. Manoel Luis da Cruz (coordenador por duas vezes, não se sabendo a data da primeira e sendo a segunda de 2014 a 2016), o projeto propunha atividades sem espaço fixo, transitando entre quadra poliesportiva, academia, pista de corrida. A novidade, conta o professor, foi ter inserido os jogos e esportes de quadra como conteúdo das aulas. Já a Profa. Leila Cristiane Finoqueto lembra que, no período de sua coordenação entre 2009 e 2011, as atividades realizadas eram a ginástica aeróbica, caminhadas, andar de bicicleta e atividades de



dança. Os dias do projeto eram fixos na segunda, quarta e sexta para um público que se mantinha em sua totalidade constituído por mulheres entre 30 e 50 anos.

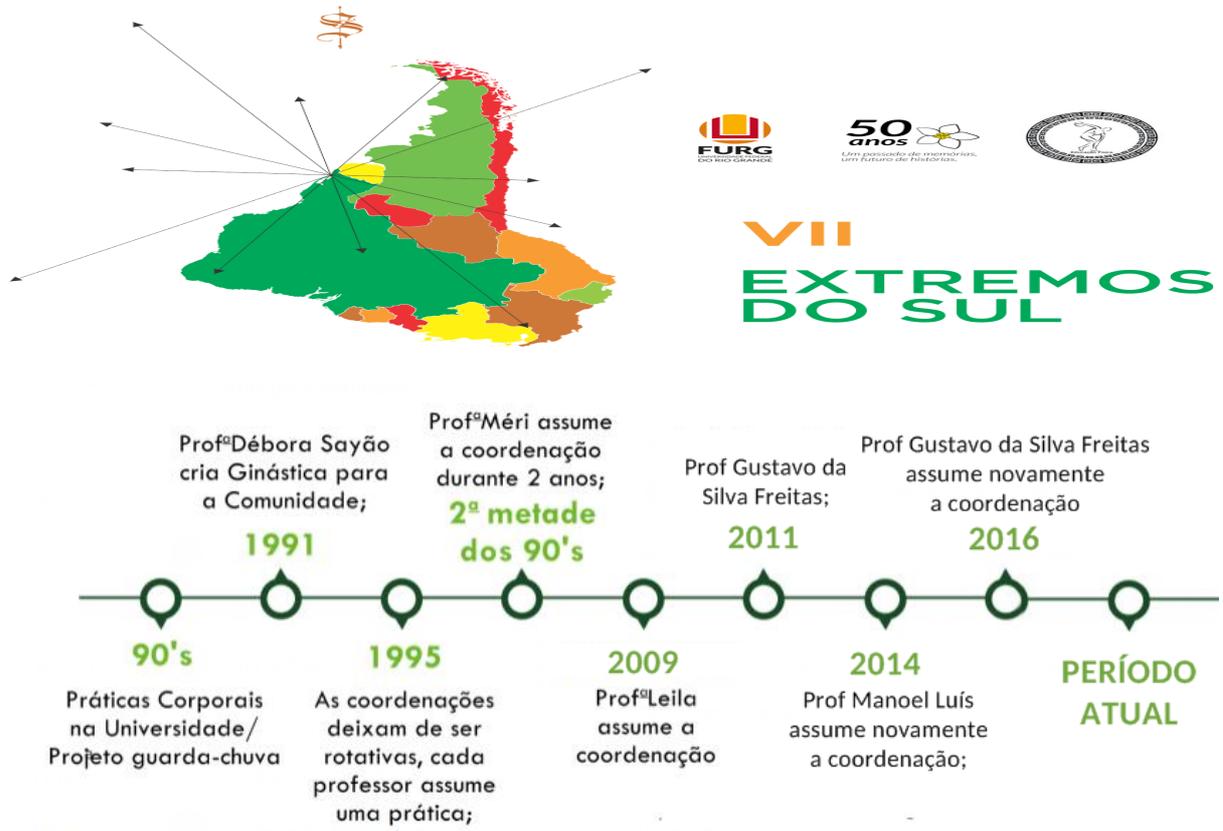
Os levantamentos feitos, através das conversas e da entrevista feita com o Prof. Manoel, permitiram elaborar uma linha do tempo – ainda a completar – que ajuda a visualizar algumas informações sobre o projeto:

QUADRO 1 – Levantamento de informações por época/coordenação

	Bolsistas	Período	Atividades	Dia/hora	Público	Dificuldades	Produção de Trabalhos
Débora	Não	A partir de 1991	x	x	x	x	x
Méri	Não	2 metade 90's	Ginástica localizada, jogos e brincadeiras.	Variável, 1º eram estabelecidos os dias das práticas.	Mulheres 30-40 anos.	Pouco espaço e diferentes faixas etárias.	Não
Leila	Não	2009 / 2011	Aeróbica, caminhadas, ciclismo e danças.	Segunda, quarta e sexta.	Mulheres 30-50 anos.	x	Não
Manoel	Sim	(?) 1 coord *2014 *2coord	Jogos, caminhada, ginásticas e esportes de quadra. Ensinou a verificar FC.	x	Mulheres 16-60 (1 coord) 30-60 (2 coord)	Fazer atividades s/ excluir. Turma c/ diabéticos e hipertensos.	Não

Fonte: Elaborado pelos autores

Quadro 2 – Linha do tempo sobre a coordenação do projeto



Fonte: Elaborado pelos autores

Enfim, são as diferentes concepções e perspectivas dos indivíduos que ao longo do tempo cruzaram o caminho do projeto, que lhe deram vida. Nas palavras de Thompson (1992), “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (p. 136).

CONCLUSÕES

Por mais que, ao implementar um trabalho como esse para a comunidade, tenhamos em vista a promoção da atividade física, acessibilidade para a comunidade, abertura da Universidade ao público e a saúde dos participantes, sabemos que esses não são os únicos benefícios. O pertencimento proporcionado, por exemplo, mostra que não apenas todas essas pessoas marcaram a história do projeto como, indissociavelmente, foram marcadas. Torna-se importante então conhecer, da melhor forma possível, os alicerces que proporcionaram que pudéssemos chegar ao atual andar do projeto, para que, firmes em nossas raízes, possamos continuar a fazer esta história, “afinal, a memória não nos aprisiona ao passado, mas nos conduz a indagar o presente” (GOELLNER; MÜHLEN, 2010, p. 56).

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989. 202 p.
- GOELLNER, Silvana; MÜHLEN, Johanna. **Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010. 66 p.



THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.

AS INFLUÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO PERFIL DE ADESÃO DOS PARTICIPANTES DA MODALIDADE HANDEBOL DOS JOGOS DA UFPel

Gabriela Diel de Arruda⁶³

Marcelli Corrêa de Ávila⁶⁴

Mariângela da Rosa Afoso⁶⁵

José Antônio Bicca Ribeiro⁶⁶

PALAVRAS-CHAVE: Esporte universitário; Handebol; Motivação;

INTRODUÇÃO

O handebol é um esporte de invasão pautado na coletividade que exige diversas habilidades motoras como andar, correr, saltar e, driblar, arremessar e receber a bola. Essas na maioria dos casos acontecem em conjunto (JOAQUIM, 2011) desencadeando uma pluralidade de técnicas e movimentos. Segundo o mesmo autor é a escola, na atualidade, o principal meio de iniciação ao handebol para a maioria dos alunos. Segundo Tenroller (2008, apud JOAQUIM, 2011, p. 16) “o handebol é uma das mais ricas e interessantes sob o ponto de vista de ensino e aprendizagem”.

Considerando os processos de ensino e aprendizagem, o papel do professor de Educação Física é fundamental para que o aluno vivencie e identifique as múltiplas facetas do desporto, ou seja, que o aluno possa ter liberdade e autonomia para transcender sua prática esportiva propriamente dita, a qual é baseada em competições. Ademais, a prática do esporte requer princípios humanísticos tais como a socialização, aspectos psicológicos e cognitivos relacionados entre si (JOAQUIM, 2011; GRECO, SILVA e GRECO, 2012).

É importante destacar, que as práticas esportivas em um contexto geral podem contribuir para a aquisição de hábitos de vida saudáveis, principalmente no contexto da prática de atividade física. Lazzoli et al. (1998) defendem que a prescrição de atividade física na criança e no

⁶³ Acadêmica de Licenciatura em Educação Física, UFPel, arrudagabriela96@gmail.com

⁶⁴ Acadêmica de Licenciatura em Educação Física, UFPel, marcellic18@gmail.com

⁶⁵ Docente do Departamento de Ginástica e saúde, UFPel, mrafonso.ufpel@gmail.com

⁶⁶ Docente do Departamento de Ginástica e Saúde, UFPel, jantonio.bicca@gmail.com



adolescente é criar o hábito e o interesse pela atividade física, através de uma de forma inclusiva e prazerosa que imprima isso no cotidiano e estimule prática de atividade física para toda a vida.

Na presença disso, é possível inferir que os professores de educação física são agentes positivos na motivação e adesão de alunos ao esporte escolar e posteriormente na vida adulta, na medida em que proporcionam aos alunos exercerem sua singularidade, superação e autoafirmação através de práticas esportivas (BOER, 2007). Neste contexto, o presente texto trata-se de uma investigação sobre a prática do handebol na vida adulta.

OBJETIVOS

O presente trabalho, objetivou traçar o perfil de adesão dos participantes dos Jogos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na modalidade handebol e, quais os aspectos que influenciam a prática na vida adulta considerando a prática na escola e a influência do professor de educação física.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como descritiva do tipo transversal, na qual participaram um total de 76 acadêmicos – 44 do sexo masculino e 32 do sexo feminino com média de 21, 82 \pm 2,60 de idade, pertencentes a 19 cursos de graduação e pós-graduação da UFPel. Estes cursos compuseram sete Associações Atléticas Acadêmicas (Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Direito, Educação Física, Economia e História, Engenharias e Medicina) que integraram a modalidade Handebol dos Jogos da UFPel.

O instrumento para coleta de dados foi um questionário semiestruturado relacionado a prática atual do handebol, sua adesão inicial e atual, permeando os motivos pela prática e competição da mesma. Cabe ressaltar que o presente estudo pertence a uma investigação maior que possui outras inferências com relação a modalidade e que neste trabalho se optou por discutir a relação com a educação física e a escola básica na influência à prática na vida adulta.

As coletas de dados foram realizadas no dia da competição que ocorreu no segundo semestre de 2018, obedecendo os seguintes passos: após o final das partidas, no momento em que a equipe saía da quadra era feito contato com a mesma, apresentando e explicando o objetivo do estudo e se houvesse sinal positivo da equipe para participação, os questionários eram entregues mantendo o sigilo dos participantes. Os questionários foram aplicados por uma dupla para facilitar o processo. Não houveram recusas ou desistências de participantes.



ANÁLISE E DISCUSSÃO

Após a coleta de dados, os questionários foram tabulados no programa Excel 2016 e posteriormente inseridos no programa Stata 13.0 para análise estatística dos dados. O resultado referente a idade na caracterização da amostra está apresentado em média e desvio padrão, demais dados sobre a prática do handebol na vida adulta e escolar serão apresentados em frequência e percentual.

O presente estudo objetivou verificar o perfil e adesão dos participantes dos Jogos da UFPel buscando identificar quais as influências que a educação física escolar exerce sobre este perfil.

Através da Tabela 1 é possível visualizar os resultados, os quais estão apresentados em frequência e percentual. As questões que possuem mais de uma variável havia a possibilidade de se marcar mais de uma resposta.

Item 1: Relação Prática do Handebol na vida adulta e vida escolar		
Onde conheceu o handebol?		
Variável	n	%
Aulas de EFE	60	78,94
Televisão	4	5,26
Internet	1	1,31
Escolinha/ Clubes	4	5,26
Amigos	7	9,21
Outro	2	2,63
Onde iniciou a praticar o Handebol?		
Aulas de EFE;	56	73,68
Aulas Extraclasse escolar	19	25
Escolinhas/Clubes.	1	1,31
Outro	5	6,57
Algum professor (a) de educação física em sua escola o (a) influenciou na sua escolha por esta modalidade?		
Sim	46	60,53
Não	29	38,16



Item 2: Prática do Handebol regular atualidade		
Sim 23,68% (n=18)		
variável	n	%
Lazer	13	72,22
Diversão	10	55,55
Saúde e Bem estar	8	44,44
Competição	11	61,11
Outro	0	0
Não 76,32% (n=58)		
Tempo disponível	38	65,51
Lugar Adequado	3	5,17
Oportunidade na Cidade de Pelotas	15	25,86
Outro	9	15,51

O primeiro item demonstra a importância da educação física escolar e seu respectivo professor para a prática desportiva do handebol quando mais de 75% dos indivíduos, que equivalem a 60 respostas, alegaram que conheceram o handebol nas aulas de educação física e destes 56 indicaram que iniciaram a praticar nas aulas também e, 46 participantes mencionaram o professor como motivador. Estes achados corroboram com o parecer de Palma (2000) que relaciona isso a uma prática escolar de educação física significativa. Geralmente pessoas com histórico escolar esportivo tendem a ter maior facilidade à adesão esportiva (SANTOS e KINIJNIK, 2006), estes autores também agregam a mídia como fator importante. Entretanto, no presente estudo apenas cinco participantes alegaram ter conhecido o handebol por intermédio de uma via midiática, neste caso a internet e a televisão.

O segundo item teve por objetivo identificar se os alunos universitários praticavam regularmente o handebol, e quais os motivos. Pouco mais de 23% dos alunos alegaram praticar handebol regularmente, isso significa apenas 18 participantes dos 76 questionados. Dentre os fatores a maioria marcou principalmente praticar por lazer, por diversão e por competição. Apesar de o primeiro item, o elemento mídia não ter sido identificado como influenciador na escolha da modalidade é possível refletir acerca disso na atualidade, na consolidação da prática. Segundo Junior (2000), a mídia não exerce papel importante contra o sedentarismo e inatividade física das pessoas, mas ao longo dos anos a mesma tem cada vez mais focalizado no esporte de



rendimento (competitivo) (SANTOS e KINIJNIK, 2006) e isso pode ser um fator influenciador nas respostas dos alunos que alegaram praticar handebol atualmente para competir.

Referente ao número expressivo de 76, 32%, 58 participantes, apontarem não praticar handebol no presente e justificarem, em sua maioria, por falta de tempo disponível seguido de falta de oportunidade na cidade de Pelotas é necessário debater sobre as oportunidades, pois isso envolve, investimento, projetos, organização e políticas públicas. Freitas et al. (2016) sinalizam a importância de um compromisso político no processo de desenvolvimento do conteúdo do esporte na escola. Nesse sentido, a cidade de Pelotas possui projetos de incentivo à prática esportiva na totalidade - como os jogos escolares e abertos de múltiplas modalidades esportivas.ⁱ Em específico sobre handebol destaca-se o projeto da UFPel Passada Para o Futuro de mini handebolⁱⁱ e para os alunos da Instituição, tem-se o Handebol Universitário na Escola Superior de Educação Físicaⁱⁱⁱ para toda a comunidade acadêmica da UFPel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, através deste trabalho que é possível delinear um perfil de participantes dos jogos universitários, em que os interesses são múltiplos relacionados a prática e que a figura do professor de Educação Física foi destaque. Todavia, percebe-se baixa adesão ao esporte considerando o cenário da universidade, a qual atende somente na graduação mais de 16 mil alunos (UFPEL, 2019). Entretanto mais estratégias de adesão podem ser elaboradas para aumentar a participação no desporto como a ação dos professores e das escolas como os grandes desencadeadores e influenciadores das práticas esportivas, assim como a utilização da mídia voltada para um esporte educacional.

REFERÊNCIAS

BOER, Alessandro. **O papel do esporte na socialização de crianças em idade Escolar: o processo de mudança de atitudes**. 2007. Monografia (Especialização em Esporte Escolar) – Centro de Educação à Distância, Universidade de Brasília, Brasília (DF), 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ceme/uploads/1382034769-Monografia_Alessandro_Boer.pdf>. Acesso em 9 maio. 2019.

FREITAS, Denise de Azevedo; DUARTE, Leonardo de Carvalho; MUSSI, Franklin de Freitas; AMORIM, Ângelo Maurício de. In: FARIAS, Gelcemar Oliveira; NASCIMENTO, Juarez



Vieira do. (Org.) **Educação, saúde e esporte novos desafios à Educação Física [on- line]**. Ilhéus, Bahia, Editus, 2006.

GRECO, Pablo Juan; SILVA, Siomara Aparecida; GRECO Fernando Lucas. Características do Jogo de Handebol. In: GRECO, Juan Pablo; ROMERO, Juan Fernández. (Org.). **Manual de Handebol da Iniciação ao Alto Nível**. São Paulo, Phorte, 2012.

JOAQUIM, Marina Henrique. **O conhecimento do handebol na escola e no treinamento**. 2011. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Licenciatura em Educação Física, Universidade do Extremo do Sul Catarinense, Criciúma, 2011. Disponível em <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/1586/1/Mariana%20Henrique%20Joaquim.pdf>>. Acesso em 08 mai. 2019.

JUNIOR, Aylton Figueira. Potencial da mídia em tecnologias aplicadas no mecanismo de mudança de comportamento através de programas de intervenção de atividade física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 8, n. 3, p. 39-46, 2000.

LAZZOLI, José Kawazoe et al. Atividade física e saúde na infância e adolescência. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.4, n.4, Jul/Ago, 1998.

PALMA, Alexandre. Atividade física, processo saúde-doença e condições sócio-econômicas: uma revisão da literatura. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 14, n. 1, p. 97-106, 2000.

SANTOS, Susan Cotrim; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Motivos de adesão à prática de atividade física na vida adulta intermediária. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. 1, 2006.

UFPEL, Universidade Federal de Pelotas, 2019. Disponível em: <<http://portal.ufpel.edu.br/historico/>> Acesso em 9 maio. 2019.

UNIDOCÊNCIA: PERCEPÇÕES SOBRE A QUALIFICAÇÃO PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Marcelli Corrêa de Avila⁶⁷

Gabriela Diel de Arruda⁶⁸

José Antônio Bicca Ribeiro⁶⁹

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Ensino; Prática Pedagógica;

INTRODUÇÃO

⁶⁷ Acadêmica de Licenciatura em Educação Física, UFPEL, marcellic18@gmail.com

⁶⁸ Acadêmica de Licenciatura em Educação Física, UFPEL, arrudagabriela96@gmail.com

⁶⁹ Docente do Departamento de Ginástica de Saúde, UFPEL, jantonio.bicca@gmail.com



Nos últimos anos devido a avanços tecnológicos as crianças têm ficado cada vez mais condicionadas a brinquedos eletrônicos, passando assim menos tempo em brincadeiras fisicamente mais ativas (RIVEIRA, et. al. 2009).

Neste cenário, a escola exerce papel importante através das aulas de educação física oportunizando espaços para que as crianças se movimentem. No entanto, a educação física ainda não tem sua relevância bem estabelecida do contexto escolar sendo assim por vezes questionada (FOLLE E NASCIMENTO, 2008; SANDRI, 2007; MARTINY E GOMES-DA-SILVA, 2011; MARCON, GRAÇA E NASCIMENTO, 2012; SOARES E CUNHA, 2017).

No contexto do ensino público estadual, no Rio Grande do Sul, podemos perceber a presença de professoras unidocentes, com sua formação em pedagogia e/ou magistério, as quais são responsáveis por todos os componentes de ensino dos anos iniciais -do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Neste sentido, o presente trabalho busca compreender como a EF escolar se desenvolve com professoras unidocentes (FRAGA, 2005). Além disso, objetivamos investigar e elencar as principais diferenças na formação inicial dos docentes a partir de suas falas analisando sua auto-percepção para ministrar aulas de EF e a importância que eles atribuem a este componente curricular.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva com uma amostra de cinco professoras da rede estadual de ensino da cidade de Pelotas/RS que atuam nos anos iniciais da educação básica. Entre as professoras que participaram deste estudo cabe destacar que 4 tem sua formação em pedagogia e 1 em letras.

A escola participante desta pesquisa foi escolhida intencionalmente, o contato inicial foi feito com a equipe diretiva afim de mostrar o projeto de pesquisa e explicar como se desenvolveria a coleta de dados com as professoras. Após este primeiro contato conversamos com cada professora separadamente, todas assinaram o termo de consentimento para participar desta pesquisa. Cabe destacar que este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior e neste momento optamos por discutir os elementos qualitativos dos resultados obtidos anteriormente.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário aberto, composto por quatorze perguntas que foram analisadas segundo os preceitos da análise de conteúdo de Bardin (2016).



Para análise dos resultados obtidos através do questionário aplicado, criamos três grandes categorias buscando compreender os principais conteúdos de acordo com os objetivos deste estudo. A primeira categoria visa contemplar a formação inicial dos professor unidocentes e sua percepção de preparação para ministrar as aulas de EF abordando elementos que fazem com as professoras sintam-se ou não preparadas para o desenvolvimento das aulas de EF. A segunda categoria é relacionada ao conhecimento dos conteúdos abordados na aula de EF por essas professoras. E a terceira categoria diz respeito à importância atribuída a EF por essas professoras.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Avaliando a percepção destas professoras para ministrar as aulas de educação física, podemos destacar que quatro professoras se sentem preparadas para ministrar as aulas de EF e uma professora não se sentem preparada para ministrar estas aulas, destas podemos perceber que as cinco professoras relatam que em seu curso de nível superior não houveram disciplinas que abordavam o tema EF.

Estes resultados vão ao encontro com uma análise realizada do Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), corroboram também com Etchepare, Pereira e Zinn (2003) que verificaram que muitos professores unidocentes não tiveram orientação para trabalhar com EF.

De acordo com a importância atribuída à EF por estas professoras unidocentes podemos ressaltar que todas as professoras destacam que a EF é fundamental para a formação integral de uma criança como aspectos físicos, psicológicos e sociais. Porém percebemos que a importância atribuída a EF é como meio para chegar a um determinado fim, seja para melhor o comportamento, como forma de premiação ou castigo etc. Entretanto não conseguimos perceber o valor da própria EF como disciplina. Darido (2001) verificou que em diferentes segmentos da escola (professoras, diretores, coordenadores etc) demonstram aceitar e estimular esta concepção da EF como meio para um outro fim.

Já em relação com os conteúdos abordados nas aulas de EF pelas professoras unidocentes, evidenciamos o valor recreativo, um momento de brincadeiras e até mesmo como aulas livres. Quando comparamos com os conteúdos estabelecidos pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) podemos perceber ausência da maior parte dos conteúdos determinados para essa fase de ensino (Brasil, 2017).

CONCLUSÃO



Podemos concluir que as professoras unidocentes em relação a sua formação inicial não se sentem preparadas para ministrar as aulas de EF e que sua formação não é satisfatória para tal. Atribuem valor totalmente recreativo aos conteúdos ministrados em suas aulas, e veem como real importância a EF como meio para atingir outros objetivos e não atribuem real valor a esta disciplina.

REFERÊNCIAS

- ETCHEPARE, L.S.; PEREIRA, E. F. & ZINN J. L. **Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. Revista da Educação Física/UEM. Maringá. V. 14n. 01, p. 59-66, 2003.
- FRAGA, A. B. **Educação física nos primeiros anos do ensino fundamental brasileiro**. Revista Digital. Buenos Aires - Año 10 - nº 90 noviembre de 2005
- DARIDO, S. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- UFPEL, **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. 2018. Disponível: <https://wp.ufpel.edu.br/pedagogia/>, Acesso: 29/07/2018.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, marco de 2017. Rio Grande do Sul, Lei n.º 3.847, de 27 de março de 2012, **Estatuto e Plano de Carreira do Magistério Público do Rio Grande do Sul**. Acesso: 29/07/2018.

Trabalhos completos

FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PROBLEMATIZAÇÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE CURRÍCULO

Luciana Vitória da Silva

Resumo: Este trabalho é um recorte de dissertação de mestrado, a qual parte de uma desconfiança em relação àquilo que pacificamente tem sido nomeado de formação. Tal problematização introdutória é aqui apresentada, pois demonstra de que maneira construímos o processo de suspeita sobre um tema que, por vezes, nos parece pacificado em torno de que possa existir um caminho mais ajustado do que outros (currículo), projetado para garantir resultados finais a partir de uma formação inicial. Assim, a formação inicial em Educação Física foi tomada como tema que mais tarde se materializou empiricamente na delimitação de um curso localizado para ser acompanhado em seu processo de revisão curricular: Curso de Educação Física – Licenciatura, da Universidade Federal do Rio Grande/FURG. A abertura analítica no sentido do que pode um currículo foi o principal resultado para a pesquisa decorrente desta problematização inicial.

Palavras-chave: formação inicial; currículo; educação física; problematizações.

FORMACIÓN INICIAL EN EDUCACIÓN FÍSICA: PROBLEMATIZACIONES INTRODUTORIAS SOBRE CURRÍCULOS

Resumen: Este trabajo es un recorte de disertación de maestría, la cual parte de una desconfianza en relación a aquello que pacíficamente ha sido nombrado de formación. Tal problematización introductoria es aquí presentada pues demuestra de qué manera construimos el



proceso de sospechas sobre un tema que a veces nos parece pacificado en torno a que pueda existir un camino más ajustado que otros (currículo), proyectado para garantizar resultados finales desde una formación inicial. Así, la formación inicial en Educación Física fue tomada como tema que más tarde se materializó empíricamente en la delimitación de un curso localizado para ser acompañado en su proceso de revisión curricular: Curso de Educación Física - Licenciatura, de la Universidad Federal do Rio Grande / FURG. La apertura analítica en el sentido de lo que puede un currículo fue el principal resultado para la investigación resultante de esta problematización inicial.

Palabras clave: formación inicial; plan de estudios; educación física; problematizaciones.

INITIAL FORMATION IN PHYSICAL EDUCATION: INTRODUCTORY PROBLEMATIZATIONS ON CURRICULUM

Abstract: This paper is a master's dissertation clipping, which starts from a mistrust regarding what has been peacefully named formation. This introductory problematization is presented here because it demonstrates how we construct the process of suspicion on a theme that, at times, seems to us pacified around that there may be a more adjusted path than others (curriculum), designed to guarantee final results to initial formation. Thus, the initial formation in Physical Education was taken as a theme that later materialized empirically in the delimitation of a localized course to be followed in its process of curricular revision: Physical Education Course – Teaching Degree, Federal University of Rio Grande / FURG. The analytical opening in the sense of what a curriculum can be was the main result for the research resulting from this initial problematization.

Keywords: initial formation; curriculum; physical education; problematizations.

Introdução

Este trabalho é parte de uma dissertação de mestrado, a qual partiu de uma desconfiança em relação àquilo que pacificamente tem sido nomeado de formação. O que é isso que nomeamos por formar? Parece que se pode vincular a ideia de formação aos ideais que caracterizaram o período histórico associado ao pensamento e à percepção do mundo que chamamos de Modernidade. Esse período é caracterizado por uma tentativa constante de organizar os mais diversos aspectos da vida humana. Organizar, livrar a sociedade do aspecto animal que é intrínseco dos seres humanos. Não é estranho que a instituição escolar que conhecemos tenha surgido nessa época. Qual foi e qual tem sido o propósito da escola moderna? Em princípio, o objetivo da instituição escolar era educar pessoas para que elas fossem civilizadas e, assim, livrar a sociedade desse aspecto selvagem. Além disso, devia-se à instituição escolar a função de adestrar corpos pré-modernos em corpos capazes de atender às necessidades produtivas de uma sociedade industrial (SIBILIA, 2012). Entretanto, instituições –



como a escola – que nos produzem⁷⁰, que organizam as diversas facetas da nossa vida nos moldes que vemos atualmente, há pouco tempo não existiam⁷¹. Esta escola, que é uma das instituições mais tradicionais das que intentam nos produzir de modo disciplinar, só emergiu no fim do século XIX e início do século XX. O trabalho, até então, era o modo socialmente instituído de formar as crianças (SIBILIA, p. 30, 2012). E por que formar alguém se torna um problema para este trabalho? Ora, as consequências desse tempo que ansiava por organizar os aspectos da vida humana são notáveis no âmbito educacional: estamos constantemente em busca das melhores estratégias para formar, desde os melhores currículos até todas as variáveis que abrangem isso que denominamos de formação. A condição moderna nos colocou em uma constante corrida contra tudo o que pode escapar do nosso controle em busca do projeto de ser humano e de sociedade que se deseja. Porém, vemos que essas tentativas apresentam desgastes e, muitas vezes, não contemplam plenamente nossos anseios. Com a formação não é diferente!

Neste cenário composto pela invenção recente da escola moderna, destaco como figura para o pensamento, o nascimento de uma criança. O nascimento é um aspecto que facilmente é tentado capturar por nós, seres influenciados por ideais modernos, que já existem e que já se tornaram o que são. Por conseguinte, com muita facilidade tomamos o que hoje é denominado de formação como uma solução para manter as nossas expectativas cumpridas em relação a esses seres que não conhecemos. Isto é, para nos cercamos o máximo possível de certezas em relação a algo desconhecido, montamos estratégias para encaixar o desconhecido em territórios já seguros para nós, adulto(a)s. Uma das estratégias para isto tem sido estabelecer mecanismos para formar essas crianças em um espaço pensado especificamente com esse intuito. Essa vontade de ordem que caracteriza a Modernidade (Veiga-Neto, 2001), entretanto, parece não ser tão eficiente. A chegada de alguém no mundo é algo que escapa das nossas previsões e expectativas. A infância é algo imprevisível (ARENDDT, 1993; LARROSA, 1998). Nesse sentido, embora preparemos um percurso com a pretensão de que as crianças tenham aquilo de que necessitam e assim não fujam da nossa alçada – pois nos assusta algo que fuja do controle –, a infância é algo que nos escapa o tempo inteiro. Somos afetado(a)s por essa dedicação em antecipar o controle dos vazamentos de nossos moldes – assim, é provável que a criança escape

⁷⁰ É importante ressaltar que diversas instituições formam. Entre elas, podemos destacar a família, que há muito tempo (bem antes da instituição escolar da Modernidade) exerce um papel formativo nas crianças e jovens. A Pedagogia Cultural, por exemplo, considera que estamos cercados de artefatos que nos educam – portanto, nos formam – nos constituem, nos produzem

⁷¹ Pensemos o tempo em uma perspectiva história, não como os tempos são percebidos nas passagens de uma vida, mas nas transformações dos pensamentos e comportamentos das sociedades que conhecemos.



menos de nossas projeções. Mesmo assim, assistimos algumas delas saírem pela tangente, escorregarem pelo meio dos dedos de nossas mãos planejadoras de futuros.

Em relação à docência, também não é diferente: tratamos formação de professore(a)s de modo pacífico quando nos referimos às licenciaturas. O processo de produção e constituição de profissionais/profissões comumente é nominado, quando em nível superior, por formação inicial. Tal nomeação, em parte desconsidera que já haja uma formação em curso, e, de outra parte, sugere que ela esteja apenas começando e que, talvez, nunca cesse. Mas, como aponta Sibilía (2012), a universidade não lida com crianças. Dessa forma, podemos pensar, por analogia, que as preocupações que se tem com a infância podem ser transferidas – com ressalvas em relação a algum prejuízo de sentido – para intenção do perfil do egresso traçado por um Projeto Pedagógico de Curso (PPC). Os indivíduos que ali estão já não são mais crianças, mas, ainda assim, formar parece um esforço para manter os egressos de um curso em determinadas previsões e condições dentro das expectativas de um PPC – bem como com os preparativos para aqueles seres que nascem, que chegam ao mundo. A ideia por detrás dessa noção é que não se pode deixar nada escapar. Logo, prepara-se uma fôrma, que são as condições fixadas para que os egressos terminem o curso formados de acordo com as expectativas projetadas em um documento que planeja, organiza e determina como deva se dar a formação.

O currículo como problema

Ouvimos muito frequentemente a referência de currículo vinculado ao que se denomina de curriculum vitae, no qual se registra um percurso já percorrido: nesse documento consta não apenas a nossa formação inicial, mas também as nossas habilidades, as nossas competências, as nossas experiências e as nossas qualidades profissionais. Assim, quando, por exemplo, procuramos um emprego, mostramos aquele documento que contém tudo isso registrado para que possamos demonstrar o que somos, como nos tornamos o que somos e almejamos ser escolhidos para ocupar determinado posto de trabalho. Nesse sentido, tais competências contidas nessa ideia de currículo demonstram uma construção com vistas a preencher espaços e suprir necessidades. Por exemplo, quando uma escola divulga que está selecionando professore(a)s de Educação Física, é provável que a instituição escolha o currículo de quem melhor se adequa às características da instituição. Assim, se essa escola intenciona desenvolver habilidades voltadas ao esporte, o(a) docente selecionado(a), provavelmente, será aquele(a) que possuir as maiores e melhores competências para trabalhar com os esportes. E isto deverá estar expresso em seu curriculum vitae.



Contudo, currículo pode também ser a nossa trajetória de vida, nosso percurso, nossa caminhada, nossa produção pessoal. Silva (2015), ao buscar pela etimologia da palavra currículo, aponta que essa palavra vem do latim: curriculum, que significa pista de corrida. Logo, partindo dessa concepção mais ampla, é possível pensar no currículo como algo que não se restringe ao curriculum vitae, nem ao período da formação inicial e tampouco a uma grade curricular⁷². É possível pensar, assim, que currículo é um percurso e que pode se iniciar até mesmo antes do nosso nascimento, afinal, também podemos ser projetados antes de chegarmos ao mundo. Nesse sentido, tudo pelo que se passa constitui o nosso currículo. E tudo isso constitui a nossa formação e o que nos tornamos. É importante destacar que essa é a concepção de currículo que assumimos, logo, essas noções observadas acima, perpassam-se. Essa trajetória (que comumente nomeamos por formação), pode ser chamada de currículo. Seja ela a trajetória que nos torna professores, seja ela a trajetória que nos torna o que somos. Nós, inevitavelmente, percorremos currículos – e somos perpassados por estes. Se optamos por tratar o currículo nesta concepção ampla, assumimos que isto se deu a partir da leitura e de conversas com os estudos de Silva (2015). Com esse autor, articulamos teoricamente para perseguir as problematizações sobre o currículo que se desenham no percurso desta investigação, pois a noção de currículo que este nos propõe conversa diretamente com as opções feitas para operar neste trabalho.

E o que é? Como deve ser um currículo? Nessa parte nos dedicaremos a conversar com duas obras de Silva que contribuíram para movimentar nosso pensamento em direção a problematizações advindas de perguntas deste tipo. Uma delas é intitulada Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo, a qual apresenta diferentes teorias e discorre sobre as influências e consequências destas para à área educacional e conseqüentemente para o campo curricular. Já a outra é denominada O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular e apresenta conexões sobre como poderíamos atribuir ao currículo diferentes significados de acordo com a maneira de olhar para este instrumento.

No primeiro livro mencionado acima, Silva traça um panorama das diversas teorias que influenciaram os estudos sobre currículo. Logo, abordou as perspectivas curriculares desde quando surgem as primeiras teorias até o momento que denominou de “depois das teorias pós-críticas”. É possível afirmar, a partir da interpretação do autor, que mesmo antes de emergirem os estudos sobre currículo, os temas pedagógicos da educação já poderiam ser considerados estudos sobre currículo. Isso porque inevitavelmente abordavam essas questões, as quais,

⁷² É comum nos referirmos deste modo ao conjunto de disciplinas que compõem alguma etapa da escolarização, seja no nível da educação básica, seja no nível do ensino superior.



percebemos que não se desvinculam dos aspectos educacionais. Em diferentes momentos, diferentes concepções de currículo existiram e buscaram ganhar legitimidade. Silva (2015), por exemplo, aponta um embate que existiu do início do século XX até meados da metade do mesmo século entre dois estudiosos com diferentes concepções sobre currículo. Ou seja, dois autores que divergiam na determinação daquilo que currículo deveria ser. Um deles foi John Dewey, que publicou em 1902 o livro *The child and the curriculum*. O outro foi Bobbitt, que, em 1918, lançou a obra *The curriculum*. O livro de Bobbitt teve uma repercussão maior que o estudo de John Dewey. Bobbit abordava o currículo por um viés utilitarista, isto é, currículo era tratado por este como um instrumento que deveria organizar e mapear conhecimentos para a preparação para o mundo do trabalho. Os conhecimentos curriculares, para ele, deveriam ser úteis e práticos para o futuro profissional do(a)s aluno(a)s. Já o livro de Dewey, ao contrário da concepção curricular tecnicista de Bobbitt, vinculava-se a um trato mais progressista de abordagem curricular. Logo, a partir de uma maneira mais humanizada, Dewey demonstrava uma preocupação com a construção da democracia. O olhar de Dewey recaía sobre o(a)s aluno(a)s, isto é, sobre as pessoas que passam pela trajetória curricular. Além disso, Silva (2015) indica a emergência de teorias críticas gerais da educação e, por conseguinte, de teorias críticas de currículo. Essas teorias críticas se caracterizariam por “colocar em xeque o pensamento e a estrutura educacional tradicionais” (p. 29). Assim, após o contexto inflamado de movimentos que permearam a década de 1960, no início da década de 1970 emergiram estudos contestando os modelos tradicionais de currículo, os quais seriam, de acordo com os autores que contestavam as orientações tradicionais de currículo, responsáveis por manter a ordem econômica capitalista através de currículos e de teorias curriculares essencialmente técnicos. Esses autores reivindicavam uma compreensão do que o currículo faz e contestavam o tradicional modo de ensinar como fazer um currículo (p. 30). A influência dos estudos pós-estruturalistas, entretanto, foi delineando outras concepções sobre currículo. Surgiram outras nuances que viraram foco de análise dos questionamentos. Em outras palavras, percebeu-se que outras relações de poder, que não apenas a de cunho classista, influenciavam as teorias curriculares. Assim, as diversas maneiras de exercer o poder que o pós-estruturalismo enuncia passaram a ser consideradas por quem pensa e estuda o currículo. Por exemplo, os estudos feministas, os estudos sobre gênero e os estudos culturais demonstram que o currículo fala mais das relações de poder (SILVA, p.147, 2015), de percursos pessoais e sociais do que de um documento burocrático que simplesmente organiza a transmissão de saberes às pessoas que passam por este. Em outras palavras, vem



sendo observado por professore(a)s e pesquisadore(a)s que outras instâncias nos produzem e estas estão sendo consideradas ao pensar um currículo.

A respeito da segunda obra mencionada, *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular* é importante destacar o leque de possibilidades que o autor apresenta para pensarmos o currículo. Silva (2010) divide a argumentação em três partes: currículo como prática de significação, currículo como representação e currículo como fetiche. Assim, currículo não se limitaria a um documento institucional que seleciona e organiza conteúdos a serem transmitidos para os alunos. Silva (2010) inicia contextualizando o momento em que vivemos hoje: por um lado, nós, seres humanos, estamos cercados de benefícios que o avanço tecnológico nos proporciona. Tudo parece operar a nosso favor e facilitar as nossas vidas. Por outro lado, aponta que vivemos em um tempo também marcados por angústias – muitas delas, paradoxalmente, trazidas pelas condições de emergência dessas maravilhas que tornam a nossa vida (pelo menos em teoria) melhor. Assim, argumenta a importância de nós, educadore(a)s, posicionarmo-no(a)s e repensarmos o nosso papel neste modelo atual de sociedade.

Na primeira parte do livro, *O currículo como prática de significação*, Silva (2010) afirma que assim como a cultura, “currículo é uma prática de significação” (p. 17). Assim, pode-se afirmar que currículo é constituído a partir de coisas já existentes, a partir de diversos significados já construídos como discursos em nossa sociedade. Mas, como destaca o próprio autor, o currículo, tal como a cultura, é uma zona de produtividade. Essa produtividade entretanto, não pode ser desvinculada do caráter social dos processos e das práticas de significação. Cultura e currículo são, sobretudo, relações sociais. Como o currículo é interpretado como uma trama de acontecimentos que se equipararia às relações sociais, não é incorreto afirmar que a cultura e o currículo são, também, relações de poder. As relações de poder possibilitam a emergência de identidades. Identidades são mantidas através de uma constante vigilância daquilo que é considerado superior e daquilo que é considerado inferior. As fronteiras entre países são um exemplo: existem como demarcadores de territórios, protegendo a identidade de determinado local. Logo, são as diferenças, e não as semelhanças, que constituem relações de poder. O currículo está inextricavelmente misturado com relações de poder, com relações culturais e com formação de identidades. O currículo produz o que somos e o que nos tornaremos. Em relação às políticas sociais, de acordo com Silva (2010), é possível afirmar que as políticas curriculares estão diretamente vinculadas às políticas sociais, afinal, atualmente vivemos em um período que luta por consolidar as concepções do que é uma sociedade ideal.



Sabe-se que estamos vinculados à uma lógica mercantil que inevitavelmente produz pessoas que são líderes e pessoas que acabam sendo condenadas aos trabalhos de massa. O autor afirma ser necessário saber de que lado estamos disposto(a)s a atuar no âmbito da educação e do currículo (escolar ou não), pois existem outras maneiras de construirmos uma boa sociedade. E isso está inevitavelmente imbricado com currículo – escolar ou não.

Na segunda parte do livro, intitulada o currículo como representação, Silva (2010) fala que atualmente existe uma suposta “crise da representação” (p. 31). Esse conflito diz respeito a uma progressiva instabilidade das certezas que nós, seres humanos, fomos consolidando ao longo do tempo. Tais certezas, ou seguranças, apontavam para o progresso, do mundo e da sociedade, através do domínio da natureza. Como essa ideia de segurança – traduzida nas grandes narrativas sobre a nossa história, nas explicações e promessas do mundo e sobre o mundo – encontrou discrepâncias nos acontecimentos cotidianos, paulatinamente cresceu a insegurança e a angústia sobre o conhecimento.

Se há alguma dialética, trata-se de uma dialética que transforma inevitavelmente seus grandiosos ideais nos seus contrários: o progresso se transmuta em degradação e destruição; a emancipação em dependência e subjugação; a utopia em horror e pesadelo; a razão em irracionalismo e domínio (SILVA, 2010, p.31).

Além disso, não se trata apenas de abalo, de incertezas e de instabilidades sobre as epistemologias, mas também de quem tem autoridade para representar as pessoas e o conhecimento. SILVA (2010) afirma que na “perspectiva pós-estruturalista, conhecer e representar são processos inseparáveis” (p. 32). Logo, a crise da representação estaria vinculada diretamente a nossa maneira de conhecer o mundo. “A representação é um sistema de significação” (p.35), o que exprime a ideia de que tudo o que conhecemos, nomeamos, classificamos, explicamos, só existem porque nós mesmos o fizemos assim. As coisas não estavam ocultas esperando por nossa descoberta. Logo, o autor discorre sobre aquilo que Barthes (1990) trata como legível e escrevível: “por sua abertura e indeterminação, o texto escrevível permite que o leitor se torne um produtor. O texto apenas legível, em contraste, não permite mais do que a leitura: uma leitura. O texto legível não pode ser escrito, mas tão-somente lido (p.39). Dessa forma, o autor nos leva, após breve descrição sobre aspectos semióticos do que pode ser o significado de representação em nosso tempo, que no contexto de instabilidade do conhecimento, o currículo é uma representação em disputa. Assim, currículo é algo escrevível, pois sua representação é um terreno de luta por sentidos.

Na última parte do livro, o currículo como fetiche, o autor apresenta os diferentes



significados que assume a palavra fetiche hoje e também lança um olhar genealógico para as condições de emergência deste termo. O fetiche se originou na Europa medieval, e a palavra era denominada de feitiço. O feitiço se relacionava a práticas espirituais que não se enquadravam nas práticas das religiões tradicionais da época. Além disso, o fetiche também apareceu nos relatos de viagens de europeus que explicavam como funcionavam as sociedades africanas. Passa, assim, pelo fetiche discutido por Marx. Em Marx refere-se ao fetichismo da mercadoria, que produz uma espécie de inversão onde o objeto se torna o sujeito das relações de troca – inversão que oculta as condições de produção das mercadorias. É como se as mercadorias ganhassem vida, pois apresentam ter vontades independente de seus produtores. Nesse sentido, a relação social de troca entre pessoas é mediada por coisas. O fetiche sexual, de Freud, está relacionado à teoria do complexo de Édipo – muito utilizada na psicologia. Esta teoria é usada para denotar a fase em que a criança do sexo masculino se depara com o estranhamento em relação ao sexo da mãe e, não aceitando, a criança fantasia algo que substitui o órgão sexual masculino que ele, o filho, descobriu que a mãe não possui. Esta fantasia é o fetiche. Como se pode inferir, fetiche está historicamente relacionado a um espectro de algo não desejável, pelo menos para aqueles que usaram o termo para demonstrar uma perspectiva falsa de práticas e pensamentos: o ocultamento do sentido real da mercadoria em Marx, a criação fantasiosa da criança em relação à genitália da adulta que não corresponde à sua. Em outras palavras, o fetiche é o encobrimento de aspectos não desejáveis de algo sob uma perspectiva inventada. A proposta que Silva (2010) faz, em certa oposição, quando propõe olhar para o currículo como fetiche é justamente acatar esta magia e encará-la como algo a ser desejável. É permitir que olhemos para o currículo não apenas como burocrático e estanque, mas como algo que nos provoca o pensamento em diversas direções. Que se permita essa perturbação fetichista e que não se a denomine como, mas que possibilite caminhos e significados.

Após fazer esse sobrevôo sobre as duas obras de Silva, agrego nesta discussão o conteúdo de um livro da área da Educação Física que assumiu relevância ao pensar sobre esse assunto. Trata-se do diagnóstico e da descrição do que seriam tribos na Educação Física. O que está tratado nessa obra movimentou meu pensamento e colaborou para que essa discussão se tornasse mais palpável, já que coloca em destaque o que pode se tornar alguém que passa e é perpassado por um arranjo curricular determinado.

Sobre as tribos da Educação Física

Lovisol (2000) separa diferentes aplicações da Educação Física em distintas



congregações que denomina de tribos. Isto é, grupos sociais com semelhanças nas disposições e nas práticas da Educação Física. Ao longo da argumentação, o autor descreve um cenário com um rio, separando dois lugares que comporta a existência de, pelo menos, quatro tribos da Educação Física: a tribo da potência, a tribo da conservação da saúde, a tribo da modelagem corporal e a tribo da educação física escolar. De um lado do rio, a tribo da potência, a qual consistiria em um grupo vinculado às práticas de exercícios de alto rendimento e ao estudo dos aspectos fisiológicos do exercício físico. O contexto das práticas às quais ele se associa seriam os grandes eventos esportivos – por exemplo, a Copa do Mundo. Logo, os indivíduos dessa tribo são atletas, preparadores e preparadoras de atletas, pesquisadores e pesquisadoras que buscam respostas e reflexões no âmbito da superação dos limites do corpo. Do outro lado do rio, Lovisolo descreve a tribo da conservação da saúde, a qual e se caracterizaria por ser voltada aos aspectos preventivos que a prática de exercícios físicos proporciona à vida. Logo, a intensidade da prática de exercícios físicos considerada ideal para essa tribo seria o mínimo necessário para manter a saúde. Podemos associá-la a pessoas que praticam exercícios físicos em uma intensidade leve a moderada, professores e professoras que ministram esse tipo de exercício físico e também indivíduos que se debruçam sobre estudos da promoção da saúde através da prática de exercícios físicos.

Já a tribo da modelagem corporal seria uma tribo ainda submersa, e diria respeito a um grupo que utilizaria exercícios físicos para melhorar a estética dos corpos. Os indivíduos desse grupo frequentam academias de ginástica e são envolvidos com o universo que hoje é comumente denominado de fitness. Lovisolo (2000) ainda comenta que eventualmente o(a)s integrantes da tribo da modelagem corporal se escondem atrás das justificativas para o exercício da tribo da conservação da saúde – como se fosse menos aceitável se exercitar em prol da estética do corpo.

Por fim, a tribo da Educação Física escolar estaria como um barquinho no meio do rio, bebendo ora das águas das práticas da tribo da potência, ora das águas práticas da tribo da conservação da saúde, sem rumos explicitamente delineados. Essa tribo almejaria o desenvolvimento de diversas práticas que caberiam dentro do campo da Educação Física: Iniciação ao esporte competitivo, desenvolvimento físico e psicomotor, saúde, recreação, formação moral disciplinadora ou crítica, formação do(a) cidadã(o) e até formação cognitiva, identidades e reconhecimento institucional. Entretanto, esta tribo circula pelo rio, olhando com receios e esperanças para as duas mais fortes, que ocupam as ribanceiras. Para o mal ou para o



bem, a tribo da potência e a tribo da conservação formam parte dos limites de atuação da tribo da educação, quer quando delas se aproxima, quer quando se distancia, por meio da crítica.

As tribos da Educação Física são aqui evocadas pois ao refletir sobre a potência de um currículo, questiono-nos sobre a possibilidade dessas tribos que Lovisolo descreve serem consequência da passagem por certo arranjo curricular. Da forma como acima se colocam as tribos e o currículo, um licenciado deveria corresponder a um perfil de egresso e integrar uma das tribos, certo? Porém, um indivíduo pode estar posicionado em um ponto de intersecção entre as tribos e ter assimilado em parte as intenções curriculares bem como incorporado outros elementos que não estavam previstos em um PPC – mais especificamente em um perfil de egresso. A partir do percurso pessoal de alguns aluno(a)s, o(a)s quais entraram no curso com ambições que não abrangiam a área da Educação Física escolar, consideramos que algo se passou com ele(a)s (LARROSA, 2015) e o(a)s afetaram, durante o percurso da graduação, a ponto de se tornarem egresso(a)s do curso de Educação Física – Licenciatura da FURG semelhante ao que foi projetado naquele PPC. Isto é, pensando a partir da obra de Lovisolo (2000), o PPC do curso em que se graduaram intenta formar integrantes da tribo da Educação Física escolar e, de certa forma, é possível considerar que foram uma aluno(a)s que se encaixaram naquela fôrma. Entretanto, não nos contenta olha para alguns percursos e aceitar pacificamente que um PPC dá conta daquilo que anuncia.

Logo, esse cenário das tribos da Educação Física não encerraria em alguns quadrados e fortaleceria a crença de que determinado currículo leva a determinado resultado? Será que esse é o resultado inevitável de qualquer currículo? Que garantias há de que determinado currículo vá produzir aqueles que vão pelo lado direito, enquanto outro produziria aqueles que vão pelo lado esquerdo? E um outro currículo, então, produziria isso que andaria pelo meio do caminho, batendo nas margens? De onde vem essa crença? É suficiente se contentar com isso?

Considerações finais

Eis o problema que colocamos para o pensamento. Se, de um lado, temos aquilo que se nomeia formação, de outro, temos o caminho que deve ser percorrido para que esta se efetive de forma mais ajustada possível. Para isto, na tradição moderna, um currículo deve organizar tal percurso orientado por um perfil de egresso projetado em anterioridade.

O exercício de suspeita permanente que perseguimos, em relação à essa premissa moderna, desde o início nos permitiu delimitar empiricamente a pesquisa a partir do tema formação inicial em Educação Física para que pudéssemos levar adiante o processo de



problematização. O curso de Educação Física – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, foi escolhido por nós para ser acompanhado, já que estava passando por um processo de revisão curricular no período em que a dissertação se desenvolveu (2016-2017). Neste sentido, podemos dizer que este foi o principal resultado destas problematizações introdutórias, qual seja, contribuir para um refinamento do problema e da delimitação empírica que tornaram possível o prolongamento do processo de problematização ao qual nos dedicamos ao longo de toda a dissertação.

O recurso às tribos de Lovisolo, ainda, ajudaram-nos a demonstrar praticamente uma impossibilidade de classificarmos o(a)s professore(a)s de Educação Física em compartimentos fechados e, ainda mais, as insuficiências que um arranjo curricular tem em garantir um percurso que resulte em um(a) egresso(a) correspondente ao perfil projetado. Dessa forma, o cenário das tribos pode contribuir com a concepção de currículo que assumimos neste trabalho, pois parece correto pensar que as tribos não se constituem apenas a partir de determinados arranjos curriculares, mas sim a partir de tudo aquilo que constitui o currículo de cada um(a).

Referências:

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LOVISOLO, Hugo. **Educação Física, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Incluir para saber. Saber para excluir**. Pro-posições. V. 12, n. 2-3 (35-36). Julho-novembro de 2001.



O PUNHOBOL NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS: DOS PRIMEIROS PASSOS À CONSOLIDAÇÃO COMO UM ESPORTE ESCOLAR

Leonardo Costa da Cunha
Leontine Lima dos Santos / SMEd Rio Grande

RESUMO

O presente trabalho descreve a prática do Punhobol nas escolas da cidade de Rio Grande/RS. Tal análise foi possível a partir das notícias postadas no site da Secretaria de Município da Educação (SMEd). De um esporte desconhecido no ambiente escolar até meados de 2013, a modalidade esportiva em questão está inserida, atualmente, nos conteúdos regulares da Educação Física, o que tornou o esporte mais difundido e popular no espaço escolar levando em consideração o número expressivo de escolas praticantes no município. Com o constante trabalho realizado, Rio Grande se tornou a cidade com o maior número de instituições participantes em competições escolares a nível estadual, como o Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar. Essa consolidação do Punhobol Escolar em Rio Grande, tendo em vista o número expressivo de escolas que possuem tal prática em seus currículos, incentivou à organização de uma competição municipal, da qual, anualmente, participam em média uma dezena de escolas.

Palavras-Chave: Punhobol. Esporte. Educação Física Escolar.

THE FISTBALL IN THE CITY OF RIO GRANDE/RS: FROM THE FIRST STEPS TO CONSOLIDATION AS A SCHOOL SPORT

ABSTRACT

This abstract describes the practice of Fistball in the schools of the city of Rio Grande/RS. The analysis was possible due to the news posted on the website of the Secretariat of Municipality of Education (SMEd). From an unknown sport in the school environment until the middle of 2013, Fistball is currently one of the contents of School Physical Education, making the activity more widespread and popular in the school space of a considerable number of schools in the city. Because of the ongoing work, Rio Grande became the city with the largest number of institutions participating in school competitions at the state level, such as the Gaucho Championship of School Fistball. This consolidation of the School Fistball in Rio Grande, due to the expressive number of schools that have such practice in their programmes, encouraged the organization of a municipal competition, in which an average of a dozen schools participate.

Key words: Fistball. Sport. Physical School Education.

EL FAUSTBALL EN LA CIUDAD DE RIO GRANDE/RS: DE LOS PRIMEIROS PASOS A LA CONSOLIDACIÓN COMO UN DEPORTE ESCOLAR.

RESUMEN

El presente trabajo describe la práctica del Faustball en las escuelas de la ciudad de Rio Grande/RS. Este análisis fue posible a partir de las noticias publicadas en el sitio de la Secretaría de Municipio de Educación (SMEd). De un deporte desconocido en el ambiente escolar hasta mediados de 2013, la modalidad deportiva en cuestión se constituye actualmente como uno de los contenidos de la Educación Física Escolar, haciendo el deporte más difundido y popular en el espacio escolar de un número considerable de escuelas del municipio. Con el trabajo



constante realizado, Rio Grande se convitió en la ciudad con el mayor número de instituciones participantes en competencias escolares a nivel estadual, como el Campeonato Gaúcho de Faustball Escolar. Esta consolidación del Faustball Escolar en Rio Grande, dada al número expresivo de escuelas que poseen tal práctica en sus currículos, incentivó a la organización de una competencia municipal, en la que participan en promedio una decena de escuelas.

Palabras clave: Faustball. Deporte. Educación Física Escolar.

INTRODUÇÃO

O QUE É O PUNHOBOL?

Originalmente chamado de Faustball ou Fistball, podemos considerar o Punhobol, para facilitar o entendimento, um esporte semelhante ao vôlei. É praticado por duas equipes de 5 atletas, em um campo de 50x20m ou em quadras de 40x20m, que são divididos por uma fita (rede) de 5cm, a uma altura de 2m para os homens e 1,90m para as mulheres (HECK & HECK, 2014).

Durante a partida somente é permitido a utilização de um dos braços e o punho fechado, tendo por objetivo passar a bola para o outro lado, com no máximo três toques, sendo realizados, obrigatoriamente por jogadores diferentes.

De acordo com Cunha (2015), a característica marcante e peculiar do Punhobol, ou seja, o que deixa o esporte extremamente atrativo para o ambiente escolar, é a possibilidade do quique da bola entre cada passe. Assim, entre cada jogada (defesa, levantada e batida), há a possibilidade e a permissão da bola quicar uma vez a cada toque (HECK & HECK, 2014). É importante ressaltar que o quique não é obrigatório, passando a ser uma opção do jogador. A possibilidade do quique praticamente garante o sucesso do aluno durante a prática, o que faz do Punhobol um esporte muito pedagógico e lúdico.

Outra regra fundamental que faz do Punhobol um esporte “DA escola”, fazendo uso do debate de Vago (1996) sobre o tema, é a possibilidade de sucesso que a modalidade proporciona a seus praticantes a exemplo do saque, que é dado da linha dos 3m e não da linha de fundo. Essa proximidade entre a linha do saque (3m) e a fita, garante que todos os estudantes consigam executar o saque, fazendo que a bola chegue ao seu destino, ou seja, o outro lado do campo/quadra. Além disso, o saque é executado pela equipe que sofreu o ponto e não quem fez, fazendo com que mesmo que uma equipe seja tecnicamente superior, a outra equipe estará constantemente participando do jogo, o que torna o esporte dinâmico.



A disputa acontece por sets de 11 pontos, tendo que haver uma vantagem mínima de 2 pontos para fechar o set, com o limite máximo de 15 pontos por set (HECK & HECK, 2014). Como se trata de um esporte amador, é possível haver, dependendo das competições, adaptações na regra, como disputas de melhor de 5 sets ou de 7 setes, além de jogo por tempo.

O PUNHOBOL, BREVE HISTÓRICO

O Punhobol é um dos esportes mais antigos que existem. De acordo com Jung (2018) há relatos sobre práticas de jogos praticados com o antebraço e punho fechado desde 300 anos a.C. Outros manuscritos datam de 242 d.C, em que 3 homens apareciam com bolas de Punhobol, desenvolvendo a musculatura para terem maior força nos saques.

Já na Idade Média, em 1555 Antonio Scanios publica as primeiras regras do popular esporte italiano o "Trattato del Giuco con la Palla di Messer" ou "Gioco de Pallone" (jogo de Punhobol), que segundo os registros, era jogado com os punhos, a bola pesava 1kg e tinha tripla envoltura de couro.

De acordo com a Confederação Brasileira de Desportos Terrestres (CBDT) O poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe escreveu no ano de 1786 em seu livro Viagens pela Itália o seguinte: "quatro cavalheiros de Verona batiam na bola com o punho contra quatro Vicentinos, praticavam este jogo entre eles durante todo o ano duas horas antes de anoitecer".

O esporte encontrou maior repercussão na Alemanha, com o professor G.H. Weber, no final dos anos 1890. "As regras do Punhobol foram publicadas no dia 30 de junho de 1895, na cidade de Maddenburg, no jornal Ginástica e Jogos Juvenis" (JAEHNERT & GRANDE, p.09, 1952)

Os imigrantes germânicos foram os grandes responsáveis pela inserção do Punhobol nos países sul-americanos, nos primeiros anos do século XX. No Brasil, a referência mais antiga que se tem é de maio de 1906, quando a professor alemão Georg Black, introduziu o Punhobol na Sogipa, e desde 1911 participa de várias competições. (JUNG, 2018)

MAS POR QUE O PUNHOBOL?

Apesar da presença marcante dos esportes coletivos clássicos no ambiente escolar (futsal, handebol, basquete e vôlei), além de outros não tão conhecidos, mas de possível inserção na escola, entendemos o Punhobol como aquele que mais possibilita



vivências de cunho pedagógico, principalmente no que diz respeito às suas regras e a fácil adaptação de espaços de jogo (CUNHA, 2015).

Primeiramente, ressaltamos a facilidade na adaptação de espaços e materiais para a prática do Punhobol. De acordo com Cunha (2015), no que tange a área de jogo, ela pode ser em lugares abertos ou fechados, na grama, na areia mais compactada ou em pisos, em espaços grandes ou pequenos. Ainda, caso não se possua uma bola oficial, o esporte pode ser praticado com qualquer bola que quique e que seja macia (bolas de vôlei ou de iniciação esportiva, por exemplo). E se não há também a fita (rede) divisória da quadra, pode-se utilizar outros materiais, como cordas e elásticos.

Além disso, é um esporte sem contato físico, o que facilita a prática, num mesmo espaço/tempo de estudantes com estrutura física, idade e gênero distintos. Outra questão, e talvez a mais importante, é a simplicidade e a facilidade de suas regras, o que permite uma maior participação dos estudantes, inclusive daqueles menos habilidosos.

A possibilidade de a bola poder quicar uma vez entre cada passe é com certeza a regra mais peculiar, facilitando o aprendizado do esporte. Outra regra que chama a atenção é a do saque, onde quem tem o direito ao saque é o time que sofreu o ponto e não quem fez, fazendo com que uma equipe que seja tecnicamente inferior a outra também consiga participar a todo o momento do jogo, sem ser “massacrada” pelo adversário (CUNHA, 2015). Importante dizer que o saque no Punhobol é executado da linha dos 3 metros e não da linha de fundo, o que facilita e possibilita que os estudantes consigam fazer com que a bola chegue ao seu destino, ou seja, o outro lado do campo/quadra.

No jogo de Punhobol também não há rotação, o que facilita o entendimento da dinâmica do jogo pelos estudantes. Ainda, outro ponto a ser considerado é com relação a regra referente a exigência de diferentes pessoas terem que tocar na bola, não podendo um mesmo jogador repetir ou tocar na bola mais de uma vez durante a armação de uma jogada (CUNHA, 2015). Nesse sentido discorre o autor que “tal regra possibilita que, tanto os menos habilidosos participem da jogada, assim como os mais habilidosos não possam se sobressair aos colegas” (CUNHA, 2015, p.84).

Cunha (2015), ainda ressalta que, além das regras, outra vivência experimentada pelos alunos que é de extrema importância para a formação do caráter individual, da boa convivência e do respeito com o outro enquanto coletividade, diz respeito a saudação que acontece entre as equipes antes de cada partida, no qual uma equipe perfilada de frente para a outra saúda os



adversários e ao cumprimentarem-se dizem o nome da escola ou clube ao qual pertencem.

Diante disso, por esses motivos, somado a prática cativante do Punhobol e a pouca exigência de estrutura física para que sua vivência seja possível, que escolhemos e entendemos esse esporte como uma ferramenta educacional importantíssima para difundir o desporto no ambiente escolar, de forma saudável, respeitosa, educativa e inclusiva.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de constituirmos o registro histórico da consolidação da modalidade Punhobol no ambiente escolar na cidade de Rio Grande, optou-se pela realização de uma análise descritiva dos registros sobre as ações que envolvessem o esporte em questão, realizadas no município entre os anos de 2013 e 2018, disponíveis nas notícias publicadas no site da Secretaria de Município da Educação⁷³ (SMEd).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao realizarmos a busca no site a partir da palavra “Punhobol” encontramos um total de 35 registros, destes 33 relacionados a ações diretamente relacionadas ao Punhobol Escolar e os outros 2 relacionados a cidade ser representada no WorkShop em Camaquã e ao município ser sede de uma das Etapas da Copa Livre de Punhobol, direcionada a adultos.

A partir da leitura das notícias agrupamos em 3 categorias: a primeira relacionada a notícias referentes a divulgações e inscrições das ações; a segunda referente a resultados de ações realizadas no município e a terceira relacionada a resultados de ações em que os escolares riograndinos representaram o município em competições estaduais.

Quadro 1 – Síntese dos achados sobre Punhobol no site da Smed.

Ano / Categoria	Divulgação e/ou inscrição	Resultados de ações municipais	Resultados de competições estaduais
2013	-	1	-
2014	2	2	1
2015	7	2	2

⁷³ Disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/>



2016	2	-	1
2017	4	1	2
2018	3	2	1
Total	18	8	7

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na categoria divulgação e/ou inscrição as dezoito notícias são referentes a realização de prazos para inscrições, tanto para os Festivais quanto para as Copas realizadas no município, assim como para a divulgação de tabelas de jogos. Na categoria resultados das ações municipais estão as oito notícias referentes as ações referentes aos Festivais realizados pela EMEF França Pinto, integração realizada entre as EMEFs Antônio Carlos Lopes e Sant'Ana e divulgação dos resultados das Copas Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar (CCRGPE), todas realizadas no município de Rio Grande. E a terceira categoria apresenta as sete notícias referentes a participação dos estudantes riograndinos nas quatro edições do Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar (CGPE).

A seguir descreveremos cronologicamente os resultados, contextualizando de que forma o Punhobol vem conquistando seu espaço no ambiente escolar no município e de destaque no maior campeonato de Punhobol Escolar do estado do Rio Grande do Sul.

O PUNHOBOL NA CIDADE DE RIO GRANDE, OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA HISTÓRIA A SER CONTADA

A história do Punhobol Escolar no município de Rio Grande, como um trabalho frequente e contínuo, é recente, datada de meados de 2013. Ano este em que os professores Leonardo Costa da Cunha, Leontine Lima dos Santos, Jefferson Larroque e Débora Freitas, participaram do I WorkShop de Punhobol Escolar, promovido pelo professor Tales Amorim do IFSul Campus Camaquã.

Logo após o curso os referidos professores já se aventuraram e inseriram o Punhobol como conteúdo nas aulas de Educação Física, nas escolas onde estavam lotados. De pronto as escolas municipais França Pinto e Porto Seguro começaram o trabalho com o Punhobol nas aulas de Educação Física.

Assim, a modalidade, até então totalmente desconhecida pelos estudantes e por boa parte dos docentes, passou a dar seus primeiros passos nas escolas municipais de Rio Grande. Como toda novidade, o Punhobol causou muita estranheza, não só pelo jeito de jogar (um braço e mão



fechada) mas também pelo nome, que até então considerado estranho pelos estudantes.

Mesmo assim, devido as regras fáceis, a possibilidade de adaptação de materiais - uma vez que na época não tínhamos bolas nem fitas de Punhobol - e, obviamente, pelo incentivo dado pelos professores, o Esporte começou a se consolidar fortemente no ambiente escolar riograndino, pois crescente era a adesão e o interesse dos estudantes. Exemplo disso, foi o I Festival França Pinto de Punhobol Escolar organizado pela escola França Pinto, no qual participaram as escolas Porto Seguro, Antônio Carlos Lopes e a própria escola organizadora.

O referido Festival não teve cunho competitivo e sim o interesse de divulgar a prática para outras escolas e professores que manifestassem interesse no esporte. Logo de início, cerca de 80 pessoas da comunidade escolar participaram do evento.

Com o trabalho desenvolvido na escola Antônio Carlos Lopes no ano de 2014, Santos (2014) relata ter atingido as expectativas de aprendizagens da modalidade nas três dimensões do conhecimento: Conceitual – conhecer a origem, curiosidades e regras básicas; Procedimental – vivenciar a dinâmica do jogo; organizar evento esportivo; construir rede de Punhobol a partir de material alternativo e Atitudinal – respeitar as habilidades de todos; colaborar na construção das atividades. Logo, conseguiu alcançar os resultados esperados, desenvolvendo um aprendizado satisfatório, que pode ser observado durante o Torneio, organizado pela turma de 9º ano da escola.

No mesmo ano, o Punhobol chega, enquanto conteúdo, ao IFRS Campus Rio Grande. Na época, a Educação Física acontecia por oficinas, nas quais os estudantes se matriculavam, de acordo com seu interesse ou de acordo com o horário conveniente. Inicialmente, com receio da não aceitação ou procura pela Oficina de Punhobol, o professor propôs, para o 1º semestre, uma oficina chamada “Punhobol e Vôlei”, tendo o vôlei como uma “isca” aos possíveis matriculados, já que, até então, o Punhobol era uma prática desconhecida e correria o risco não haver procura.

No entanto, assim como nas escolas municipais de ensino fundamental, o Punhobol foi tão atrativo aos inscritos que o vôlei acabou praticamente não sendo jogado nas aulas realizadas na referida oficina. Com isso, tendo e vista o interesse acentuado dos estudantes, no 2º semestre foi oferecida uma Oficina exclusivamente de Punhobol, a qual passou a ter uma procura relevante.

Paralelo a isso, nas escolas municipais como o Punhobol não era mais uma novidade, a demanda aumentou e as aulas de Educação Física passaram a não dar conta do interesse crescente e do desenvolvimento técnico dos estudantes. Tais circunstâncias, deram ensejo às



escolas França Pinto e Porto Seguro proporem Projetos no contra turno escolar.

Esse tempo extra para a prática do Punhobol, assim como, conseqüentemente, o aumento do nível técnico dos estudantes, motivou as escolas riograndinas a participarem do I Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar (CGPE), o qual teve uma etapa na cidade de Novo Hamburgo e outra etapa na cidade de Camaquã. Além disso, aconteceu no mesmo ano, o II Festival de Punhobol da escola França Pinto que foi realizado de forma paralela a uma das Etapas da Copa Livre de Punhobol, competição adulta que une equipes de diversas regiões do Estado. Tanto o Festival como a Copa Livre aconteceram de forma simultânea no Centro Esportivo do Sport Club Rio Grande.

No ano de 2015 foi a vez do IFRS ter a necessidade de promover um projeto no contra turno escolar. No mesmo ano, a escola França Pinto promove o III Festival de Punhobol, que tomou uma dimensão superior a esperada, tendo que ser realizado no Centro Esportivo da FURG, pois 9 escolas (cerca de 120 estudantes) haviam feito a inscrição para o evento. Além da anfitriã França Pinto, participaram também as escolas EMEF Clemente Pinto, EMEF Porto Seguro, EMEF Wanda Rocha, EMEF Peixoto Primo, EMEF Helena Small, EMEF Antônio Carlos Lopes, IFRS e Cesam. Somado às escolas riograndinas, o IFSul – Camaquã também esteve representado pelo professor de Educação Física Tales Amorim, que é considerado um dos maiores incentivadores do Punhobol escolar no Brasil.

O Festival tomou grande proporção a partir deste ano e as escolas voltaram a participar do II CGPE. Na ocasião, devido a ascensão rápida do Punhobol Escolar riograndino e devido ao interesse que começava a surgir em outras escolas, como podia-se perceber pelo número de inscritos no Festival, a I Etapa aconteceu em Novo Hamburgo e a II Etapa foi trazida para Rio Grande. Assim, a partir desse evento Rio Grande, mesmo estando apenas 2 anos trabalhando e incentivando o Punhobol Escolar, passou a ser reconhecida como a cidade com o maior número de escolas participantes do CGPE e, conseqüentemente, como a cidade com o maior número de escolares praticantes dessa modalidade no Estado e provavelmente no Brasil, já que a região Sul é a que reconhecidamente mais pratica o Punhobol.

Ainda em 2015, a Assessoria Pedagógica de Educação Física da Smed reuniu os professores do componente curricular com objetivo de definição do Plano de Estudos dos Anos Finais⁷⁴ e como uma grata surpresa a modalidade Punhobol foi incluída na categoria dos

⁷⁴ Disponível em: http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/wp-content/uploads/2016/12/20161223-plano_de_estudos_finais.pdf



esportes não tradicionais a ser desenvolvido na escola.

Já o ano de 2016 foi extremamente promissor para o Punhobol Escolar riograndino. Além dos campeonatos já tradicionais – o Festival (que teve sua IV edição) e o CGPE (com sua III Edição) – os alunos do IFRS tiveram a oportunidade de participar de um Torneio Internacional na cidade de Novo Hamburgo, jogando contra clubes tradicionais como SOGIPA e Rosário da Argentina.

Não bastasse isso, o ponto alto desse ano se deu com a organização de um novo evento no município. E, percebendo que o nível técnico dos estudantes já estava um patamar acima daquele quando se iniciou o Punhobol em Rio Grande e que pelo número expressivo de escolas que tinham inserido o Punhobol como prática nas aulas de Educação Física, os mesmos professores que trouxeram a modalidade para Rio Grande deram um passo a mais em sua jornada para consolidação do esporte na cidade, organizando a I Copa Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar (CCRGPE).

Diferentemente dos Festivais, a Copa teve cunho competitivo e foi dividida em 3 categorias, sub-13, sub-15 e sub-17, nos naipes masculino e feminino. Na sua primeira edição contou com a participação de 11 escolas e 36 equipes, tendo sido realizado de forma Indoor no Centro Esportivo do SESI.

Na sequência, em pesquisa realizada no ano de 2016, a pedido do professor Tales Amorim, constatamos que vinte escolas municipais de Rio Grande utilizavam o Punhobol como instrumento pedagógico, seja nas aulas de Educação Física ou em projetos extraclasse, o que tornou Rio Grande um dos municípios que mais estimulou e estimula este esporte na Escola, tanto no Estado, quanto no país.

Em 2017 os esforços estavam centralizados na realização da II CCRGPE, o qual ocorreu no Centro Esportivo do SESI e mobilizou 352 alunos de 11 instituições de ensino (EMEFs Admar Corrêa, Ana Neri, Cidade do Rio Grande/CAIC, Dolores Garcia, França Pinto, Frederico Ernesto Buchholz, Peixoto Primo, Porto Seguro e Wanda Rocha Martins); um Instituto Federal (IFRS) e uma Escola da Rede Privada (Cristo Rei), os quais estavam divididos em 32 equipes.

Esta edição, em especial, agregou estudantes e professores de quatro escolas (Wanda Rocha, Admar Corrêa, Dolores Garcia e Cristo Rei), possibilitando um primeiro contato, promissor, com este esporte que acolhe, agrega e educa.

Neste mesmo ano, aconteceu na Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo a quarta edição



do CGPE, que contou com a participação de mais ou menos 450 alunos, representando as cidades de Novo Hamburgo, Ivoti, Campo Bom, Dois Irmãos, Camaquã, Cristal e Rio Grande. E, por mais um ano consecutivo, o município de Rio Grande foi representado pelas escolas EMEF Cidade de Rio Grande, EMEF França Pinto, EMEF Porto Seguro e IFRS, o que representou a maior delegação e trouxe resultados expressivos para a comunidade escolar e, conseqüentemente, o município, como segue: EMEF Cidade do Rio Grande (CAIC) 2º lugar no Sub-12 masculino; 4º lugar no Sub-12 feminino; 3º lugar no Sub-14 masculino e 4º lugar no Sub-14 feminino. A EMEF Porto Seguro conquistou 2º lugar no Sub-14 feminino. A EMEF França Pinto ficou na 4ª colocação no Sub-18 masculino. E o IFRS consagrou-se vice-campeão na categoria Sub-18 masculino.

O ano de 2018, na sequência, foi marcado pela realização da quinta edição do CGPE realizada na cidade de Pelotas, no Parque Esportivo e Recreativo Lobão. A edição contou com a participação de 502 alunos divididos em 66 equipes, os quais disputaram 134 jogos. Nesta edição houve a participação de 14 escolas que representaram as cidades de Camaquã, Cristal, Canguçu, Dois Irmãos, Pelotas, Rio Grande e Novo Hamburgo.

Na ocasião, a cidade de Rio Grande foi representada pelas Escolas Municipais de Ensino Fundamental Cidade do Rio Grande/CAIC, França Pinto e Porto Seguro, além das equipes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Por mais um ano consecutivo, fomos o município com maior representatividade no evento, pois 4 escolas participaram do CGPE.

Os resultados desta edição foram os mais expressivos alcançados até então, pois a EMEF Porto Seguro consagrou-se campeã na categoria Sub-12 feminina, vice-campeã nas categorias sub-12 masculina e sub-14 feminina, além de 4º lugar no sub-14 masculino. A EMEF Cidade do Rio Grande foi vice-campeã na categoria Sub14 masculino e 4º lugar no Sub-14 feminino. E as equipes do IFRS ficaram em 3º e 4º lugares na categoria Sub-18 masculino e em 4º lugar na Sub-18 feminino.

A terceira edição da CCRGPE aconteceu no Centro de Treinamento Parque da Bola, localizado no Partage Shopping, e contou com a participação de 08 escolas, nas 3 categorias sub-13, sub-15 e sub-17. Foram cerca de 300 alunos, divididos em 36 equipes (19 masculinas e 17 femininas), que disputaram 84 jogos. Nessa edição as expectativas foram superadas, pois ao invés de realizar o evento no ginásio, de forma indoor, conseguimos a parceria com o Partage Shopping e com o Parque da Bola para realizar os jogos em um ambiente aberto, o mais



próximo da realidade do Esporte. Mesmo tendo um número menor de escolas participantes, em comparação aos anos anteriores, como ponto positivo, conseguimos mobilizar mais três escolas a participar pela primeira vez (duas municipais EMEFs Cipriano Porto Alegre e Zenir de Souza Braga, e uma estadual, a EEEM Lilia Neves), tornando-as adeptas ao esporte, vindo a somar àquelas que já desenvolviam a modalidade em seus currículos Escolares.

CONCLUSÃO

Com a recente implementação do Punhobol nas escolas de Rio Grande, há pouco mais de 5 anos, considerando as aulas de Educação Física, Projetos extracurriculares e competições esportivas realizadas tanto no município quanto a nível estadual, percebemos através das notícias publicadas no site da SMEd, as diversas ações realizadas, integrando as escolas com outras comunidades, grupos e instituições.

Além disso, a organização e participação em eventos esportivos, como os Festivais e Copas, demonstra o quão inserido este esporte está na Educação Física e na cultura escolar como um todo, o que foi observado pela mobilização de diferentes instituições de ensino participantes nas ações relatadas.

Com isso, percebemos que, apesar de relativamente recente, o trabalho realizado em parceria com os estudantes e professores tem feito com que o Punhobol deixe de ser um esporte totalmente desconhecido e se torne uma prática popular em uma parcela considerável de escolas no município do Rio Grande, escrevendo assim, a história de sucesso desta prática a nível escolar.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, T. E. C. Projeto Punhobol IFSul: Punhobol para todos.
- CUNHA, L.C. Punhobol: de uma prática desconhecida à popularização em escolas de Rio Grande/RS. Revista Didática Sistemática, v. 17, n. 1, p. 79-90, 2016. ISSN 1809-3108.
- HECK, D. A. P.; HECK, J. L. Iniciação Escolar: Punhobol. Faustball, fistball. 2. ed. Novo Hamburgo, 2014. Projeto Legal é Punhobol nas Escolas.
- HECK, D. A. P.; HECK, J. L. Punhobol: cartilha de regras. 2 ed. Novo Hamburgo, 2014. Projeto Legal é Punhobol nas Escolas.
- JAEHNERT, L.G.; GRANDE, D. Punhobol (Faustball): da origem à competição. 22a ed. Curitiba: Edição do autor, 2008.



JUNG, L. G. Percepção de professores e alunos sobre a prática do punhobol na educação física escolar. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. Plano de Estudos dos Anos Finais. 2015. Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/wp-content/uploads/2016/12/20161223-plano_de_estudos_finais.pdf>

SANTOS, L. L. Punhobol na escola. Revista didática sistêmica. Edição especial, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/5244/3238>> ISSN 1809-3108.

“3ª COPA Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar” contou com cerca de 300 participantes. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2018. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=29843>>.

“3ª COPA Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar”: SMEd divulga resultados da Categoria Sub-15. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2018. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=29775>>.

“3ª COPA Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar” já tem os primeiros vencedores. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2018 Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=29721>>.

“3ª COPA Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar” inicia nesta segunda-feira, dia 12. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2018. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=29698>>.

SMEd divulga Tabelas dos Jogos da “3ª Copa Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar”. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2018. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=29616>>.

PERÍODO de inscrições para a “3ª Copa Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar” encerra nesta quarta-feira, 1º. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2018. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=29432>>.

“3ª COPA Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar”: Período de inscrições já iniciou. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2018. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=29189>>.

“3ª COPA Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar” contou com cerca de 300 participantes. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2018. Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?page_id=29187>.

ESCOLAS da Rede Municipal participaram da 5ª edição do Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2018. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=28356>>. Acesso em: 11 de mai. de 2019.

2ª COPA Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar ganha destaque no Estado. SMEd na Web



– Prefeitura do Rio Grande, 2017. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=23716>>.

CERIMÔNIA de Abertura da “2ª Copa Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar” acontecerá nesta quarta-feira, dia 04. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2017. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=23493>>.

SMEd divulga Tabelas dos Jogos da “2ª Copa Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar”. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2017. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=23483>>.

PERÍODO de inscrições para a “2ª Copa Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar” vai até o dia 22. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2017. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=23265>>.

PERÍODO de inscrições para a “2ª Copa Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar” vai até o dia 22. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2017. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=23166>>.

ESCOLAS da Rede Municipal destacaram-se na 4ª edição do “Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar”. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2017. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=22210>>.

EMEF Cidade do Rio Grande/CAIC participa do Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2017. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=22141>>.

ABERTURA da “I Copa Cidade do Rio Grande de Punhobol Escolar” aconteceu nesta terça-feira, 04. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2016. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=19223>>.

ESCOLAS de Rio Grande participaram do “III Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar”. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2016. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=19114>>.

EMEF França Pinto promoverá “IV Festival de Punhobol” no dia 30. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2016. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=17864>>.

RIO GRANDE sediou a 2ª etapa do II Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar 2015. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=16080>>.

2ª ETAPA do Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar acontece nesta quinta-feira, 2. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=15921>>.

2ª ETAPA do “Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar 2015” acontecerá no dia 29. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em:



<<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=15642>>.

ESCOLAS da Rede Municipal participaram da 1ª Etapa do Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar 2015, em Novo Hamburgo. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=15432>>.

ALUNOS da EMEF França Pinto praticam Punhobol desde 2013. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=15333>>.

JÁ estão abertas as inscrições para o II Campeonato Gaúcho de Punhobol Escolar. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=15107>>.

SMED realizou Oficina de Punhobol no dia 29. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=13780>>.

PRORROGADO até quarta-feira, 27, o período de inscrições para Oficina de Punhobol da SMEd. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=13618>>

INSCRIÇÕES para Oficina “Punhobol na escola: mais oportunidades, mais alegrias” encerram hoje. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=13600>>.

III FESTIVAL de Punhobol da EMEF França Pinto reuniu cerca de 120 alunos. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=13448>>.

OFICINA de Punhobol. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?page_id=13356>.

SMED promove Oficina “Punhobol na escola: mais oportunidades, mais alegrias”. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=13353>>.

INSCRIÇÕES para o III Festival de Punhobol da EMEF França Pinto vão até dia 4 de maio. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2015. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=13024>>.

RIO GRANDE sediou etapa da 11ª Copa Livre de Punhobol Amador. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=11300>>.

FESTIVAL de Punhobol acontecerá amanhã. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2014. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=11255>>.

MUNICÍPIO do Rio Grande é representado no I Circuito Gaúcho de Punhobol em Novo Hamburgo. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2014. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=10949>>.



PUNHOBOL é disseminado nos Núcleos de Rio Grande – Rede RS. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=10871>>.

I FESTIVAL de Punhobol da EMEF França Pinto. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2014. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=8843>>.

MUNICÍPIO de Rio Grande é representado no 1º Workshop de Punhobol Escolar do IFSul Camaquã. SMEd na Web – Prefeitura do Rio Grande, 2013. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/smed/?p=7558>>.

EDUCAÇÃO FÍSICA E OPRESSÕES: A CULTURA CORPORAL NO COMBATE À DISCRIMINAÇÃO

Thais Mortola Dias
José Alberto Coutinho da Silva
Catiúcia Almeida de Souza
Giovanni Felipe Ernst Frizzo
Leonardo Lemos Silveira

RESUMO

Este artigo apresenta uma sistematização do conhecimento produzido pelo projeto de extensão e tem por objetivo contribuir na formação humana de estudantes da Educação Básica na perspectiva de erradicar todas as formas de opressão. Através de seminários e oficinas nas escolas da rede municipal de Pelotas/RS, pretendeu-se qualificar a formação inicial de professores e professoras de Educação Física; contribuir no enfrentamento às opressões nas aulas de Educação Física nas escolas da rede municipal; contribuir no trabalho pedagógico de professores e professoras de Educação Física da rede municipal de ensino de Pelotas-RS.

PALAVRAS CHAVE: Educação Física. Opressões. Formação.

PHYSICAL EDUCATION AND OPPRESSIONS: BODY CULTURE IN COMBATING DISCRIMINATION

ABSTRACT

This article presents a systematization of the knowledge produced by the extension project and aims to contribute to the human education of students of Basic Education with a view to eradicating all forms of oppression. Through seminars and workshops in schools of the municipal network of Pelotas, it was intended to qualify the initial training of teachers and teachers of Physical Education; contribute to coping with oppression in Physical Education classes in municipal schools; to contribute in the pedagogical work of teachers and teachers of Physical Education of the municipal network of education of Pelotas-RS.

KEY WORDS: Physical Education. Oppressions. Formation.

EDUCACIÓN FÍSICA Y OPRESIÓN: LA CULTURA CORPORAL EN EL COMBATE



RESUMEN

Este artículo presenta una sistematización del conocimiento producido por el proyecto de extensión y tiene por objetivo contribuir en la formación humana de estudiantes de la Educación Básica en la perspectiva de erradicar todas las formas de opresión. A través de seminarios y talleres en las escuelas de la red municipal de Pelotas, se pretendió calificar la formación inicial de profesores y profesoras de Educación Física; contribuir en el enfrentamiento a las opresiones en las clases de Educación Física en las escuelas de la red municipal; contribuir en el trabajo pedagógico de profesores y profesoras de Educación Física de la red municipal de enseñanza de Pelotas-RS.

PALABRAS CLAVE: Educación Física. Opresiones. Entrenamiento.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho⁷⁵ apresenta a sistematização do conhecimento produzido por meio do projeto de extensão “Opressões e Educação Física” que acontece na ESEF/UFPEL, e que tem por objetivo contribuir na formação humana de estudantes da educação básica, trabalhando com a perspectiva de erradicar todas as formas de opressão, discriminação e preconceitos sejam eles machistas, racistas e homofóbicos, contribuindo também na formação humana de estudantes da Educação Física e do professorado da rede pública de ensino. Entendemos, que esses temas apresentados pelo projeto são de extrema importância de serem trabalhados nos diversos âmbitos educacionais e sociais. Igualmente, a atual conjuntura brasileira, fomenta cada dia mais discussões acerca desses temas.

Para tanto, trabalhamos através de seminários e oficinas oferecidos nas escolas da rede municipal de Pelotas/RS, pretendendo auxiliar na qualificação e na formação inicial de professores e professoras de Educação Física; contribuindo com o enfrentamento das opressões nas aulas de Educação Física nas escolas da rede municipal, procurando agregar também no trabalho pedagógico fornecendo materiais e dinâmicas aos docentes de Educação Física da rede municipal de ensino de Pelotas e região, e também realizar um conjunto de reflexões e debates para a comunidade universitária da UFPEL, especialmente para a formação de professores e professoras de Educação Física com o intuito de contribuir na formação que busque enfrentar as opressões também em sua atuação profissional futura.

Vivemos em um contexto de profunda crise social, crise essa que se manifesta, muitas vezes, na forma de preconceitos e discriminação aos setores mais explorados da sociedade, que

⁷⁵ “O presente trabalho foi realizado com apoio - Código de Financiamento 001 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)”.



se configuram como opressões, em especial, às mulheres, negros e negras e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Travestis (LGBTs). A escola convive constantemente com a padronização, silenciamento e a opressão, esses permeiam a história da sociedade trazendo a marca da homogeneidade; e quem não se adapta não é aceito socialmente e quando a escola deixa de refletir sobre esses aspectos acaba reforçando-os. Dessa maneira, fica cada vez mais difícil compreender como as diferenças são utilizadas para a manutenção das desigualdades.

Observamos que, coloca-se como extremamente importante o trabalho da Educação, em especial da Educação Física, em trabalhar tais questões, pois problemas oriundos da estruturação social do sistema capitalista adentram as escolas e se assentam nas dinâmicas sociais escolares e podem se naturalizar e, com isso, se reproduzirem como se fosse natural. Assim, podemos pensar em inúmeros problemas que se aglutinam na escola que advém da organização social do capital, por exemplo, as questões raciais. A população que tem menor possibilidade de conseguir um emprego é a população negra, podemos constatar isso ao visualizar os dados do IBGE (2017), onde mostra as taxas de desocupação, por raça e cor, seguindo os níveis de instrução da população (Figura 1).

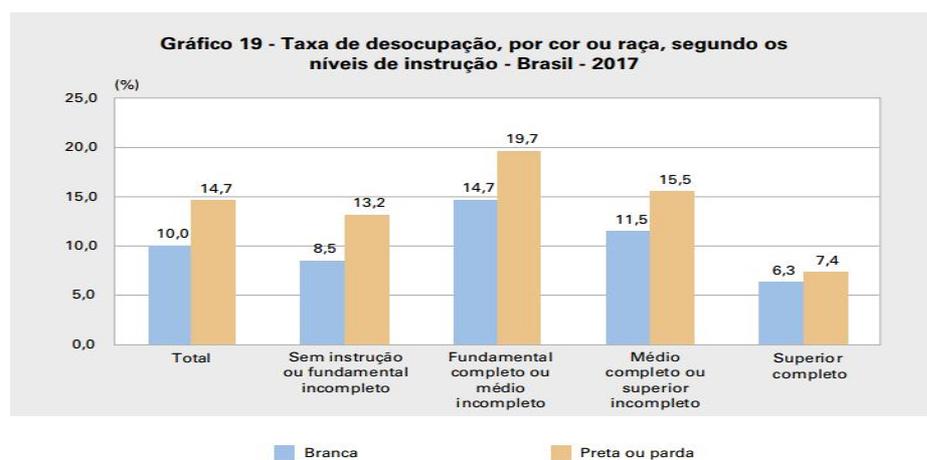


Figura 1 – Dados sobre desocupação da população negra e branca no Brasil

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira (IBGE, 2017)*.

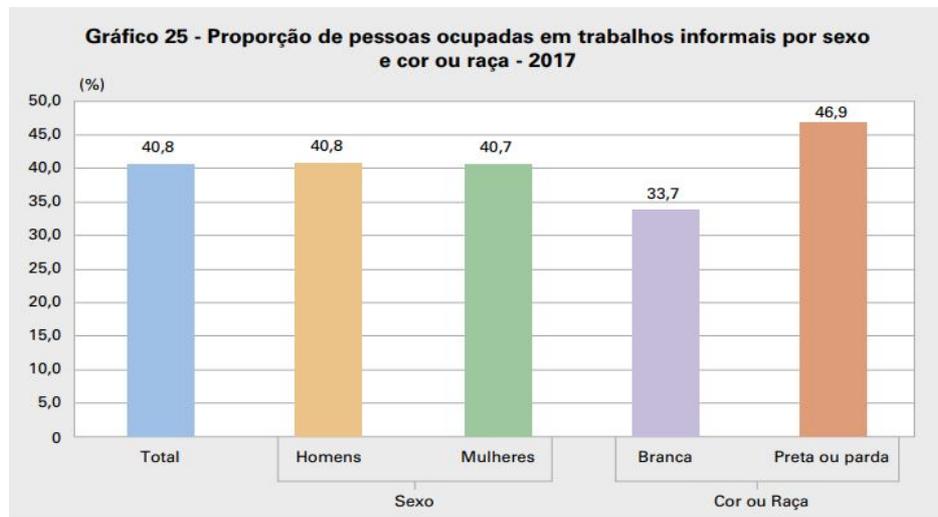
Percebemos que a condição da população negra alcançar emprego é sempre menor em relação à possibilidade da população branca. Vemos, na figura 1, que a taxa de desocupação da população branca é sempre menor que da população negra independente da escolaridade, ou seja, mesmo que o nível, da população negra, de escolaridade seja mais elevado, possui menos



chances de conseguir emprego.

Além disso, também podemos ressaltar os dados referentes ao trabalho informal, onde segue na Figura 2:

Figura 2: Ocupação informal por sexo e cor ou raça



Fonte:

partir da pesquisa *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira* (IBGE, 2017).

Elaborado a

Assim, podemos perceber que a população que mais integra a porção do trabalho informal é a população negra (46,9 %). Consequentemente, é a população que menos tem direito ao trabalho, se seguirmos a lógica dos dados da Figura 1. Também é a população que tem os menores rendimentos, sendo 10% das pessoas com menores rendimentos, no Brasil, a população que representa negros e negras chega a 78,5% em relação aos brancos (20,8%) (IBGE, 2017).

Outro ponto, é a questão a opressão contra a mulher, tema abordado no projeto. No ano de 2018, no Rio Grande do Sul, o feminicídio aumentou em 41%, foram 117 casos de mortes por questões de gênero, sendo que em 2017 foram registradas 83 vítimas de feminicídio (GAÚCHA ZH, 2019). Em 2018 (janeiro e julho) o Ministério dos Direitos Humanos (MDH) divulgou um balanço feito pelo Ligue 180⁷⁶, tendo registrado mais de 79 mil relatos de violência contra a mulher (MHD, 2018).

Também, ainda sobre as opressões contra as mulheres, temos na faixa de US\$ 5,5 por dia – referente ao valor diário recebido pelas famílias que, segundo ao IBGE está abaixo da linha da pobreza. Os dados do IBGE mostram que existe uma maior incidência de homens (33,3 %) e

⁷⁶ A central de atendimento à mulher em situação de violência é uma central de serviço de utilidade pública e tem como objetivo receber denúncias sobre violência contra a mulher.



mulheres (34,3) negras nessa faixa, e de homens e mulheres brancas apenas 15%. Também, é importante salientar que 55,6% das mulheres encontram-se nesta faixa de US\$ 5,5 por dia, que possuem filhos até 14 anos de idade e não possuem cônjuge, são mulheres negras com um total de 64% (IBGE, 2017).

Em relação aos rendimentos das mulheres ~~em relação~~ ao dos homens a *Estatística de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil* do IBGE (2018) aponta que, em média, as mulheres ganham menos que os homens (Mulheres com rendimentos de 1.764 e homens com 2.304), também as mulheres (18,1%) se dedicam mais aos trabalhos domésticos e a cuidados de pessoas, em horas semanais, do que os homens (10%) (IBGE, 2018). Esse último dado mostra que, em média, as mulheres além de receberem menos trabalham mais que os homens, já que sua jornada de trabalho se estende aos afazeres domésticos e a cuidados.

Desse modo, cabe-nos por meio do projeto de extensão ‘Opressões e Educação Física’ trabalhar essas questões, para que possamos auxiliar de alguma forma na superação dessas desigualdades. Contudo, entendemos que superar essas desigualdades também é um desafio para a educação, dependemos de uma série de fatores intrínsecos que limitam a atuação destas atividades no âmbito escolar, como aspectos conservadores, relações políticas e religiosas que se limitam a uma padronização excludente da sociedade. E a escola que é uma microestrutura da sociedade reflete todos esses conflitos existentes na sociedade em seu interior.

Negar esse caráter político da educação é ocultar as diferenças sociais, pois a escola é reflexo de uma sociedade de classes, de divergências e muito contraditória. Nela deve-se considerar a cultura e a realidade social das classes populares, pois é um meio para transpor essa realidade. Assim, como explica Freire (2014):

[O...] professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária –, mas também [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (p. 31).

A apreensão crítica dessa mesma realidade conduz a uma compreensão cada vez mais justa, permitindo transformá-la através do aprimoramento deste conhecimento, é na escola que acontece parte desse processo de constituição de um sujeito social, e assim entendemos ser necessário “discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina” (FREIRE, 2014, p. 32). Assim, nosso projeto de extensão busca levar para a escola essa diversidade (variedade cultural social), buscando uma mudança nestes paradigmas,



um surgimento de novas concepções políticas e pedagógicas e com isso remeter a uma nova concepção educativa que passaria a atribuir importância central para a diversidade das manifestações de grupos oprimidos.

Partindo de concepções mais críticas, o respeito para com o outro começa a fazer parte da dinâmica escolar e da vida social, trabalhar em uma perspectiva anti-segregadora é reconhecer as diferenças existentes entre os diversos grupos sociais, sempre buscando alternativas para os problemas que são de toda a sociedade, pois requer em nossas práticas como professores e professoras modificações didático-metodológicas.

A escola que se insere nessa concepção, busca estratégias que possibilitem a superação de qualquer forma de dominação e exploração do ser social, substituindo práticas e ações permeadas por relações de exclusão e preconceitos por práticas de valorização da realidade de grupos socialmente excluídos.

Acreditamos que a escola pública é espaço privilegiado para a discussão de tais questões em vista que crianças e adolescentes forjam suas personalidades e caráter com base também na forma com que a sociedade trata destes fenômenos. Ao mesmo tempo, o espaço escolar é propício para a reflexão acerca destes fenômenos com o intuito de enfrentar as piores formas de desigualdade social que se expressa, em última análise, nas opressões de gênero, raça e classe.

Diversos indicadores sociais apontam para a desigualdade salarial entre homens e mulheres, entre brancos e negros e, algumas vezes, entre heterossexuais e LGBT. Além desta desigualdade, os indicadores de violência contra a mulher e LGBT são alarmantes, tornando-se uma das formas mais humilhantes de relações entre pessoas.

Em uma sociedade que privilegia determinados padrões culturais e discrimina outros, o grupo busca no multiculturalismo crítico a orientação e o embasamento para assim materializar alternativas de mudanças. Com resistência e contra a marginalização imposta pelo sistema capitalista.

Segundo Filho (2010), a educação física em diferentes momentos da sociedade abrangeu diversos aspectos e necessidades, coerentes com os períodos em que se constituía a sociedade naquele momento, como por exemplo, as influências por ela sofrida pelas instituições militares e a categoria profissional dos médicos, com conotação de reforço por ela exercido com o comportamento masculino e feminino, fortalecimento de uma eugenia branca, ou concretização de uma identidade moral e cívica Brasileira, princípios de segurança nacional.

O projeto surge como uma possibilidade de mudança diante das opressões sociais que



atingem aqueles que ficam à margem do sistema capitalista. Trata-se de um movimento político que busca através da problematização das desigualdades, do respeito às diferenças e da valorização do indivíduo a transformação da sociedade contraditória, e esse conjunto de reflexões e iniciativas surgem também de pesquisas e estudos que estamos realizando no Grupo de Estudos Organização do Trabalho Pedagógico da Educação Física na ESEF/UFPEL.

Para o Coletivo de Autores (1992), a Educação Física é uma disciplina que na escola, detêm um conhecimento denominado aqui de cultura corporal, é uma prática pedagógica que, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal. Onde

O homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agnóstico, o estético ou outros, que são representações, ideias, conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de "significações objetivas". Em face delas, ele desenvolve um "sentido pessoal" que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.41).

DECISÕES METODOLÓGICAS

Apoiados numa concepção histórico-crítica da educação física procuramos dar indícios de uma educação transformadora.

A metodologia na perspectiva crítico-superadora defendida neste livro implica um processo que acentue, na dinâmica da sala de aula, a intenção prática do aluno para apreender a realidade. Por isso, entendemos a aula como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.62).

O Projeto teve seu início em outubro de 2018, cadastrado no Sistema de Extensão da UFPEL, em que os primeiros momentos foram de estudos e planejamento das atividades a serem realizadas: oficinas nas escolas e seminários para estudantes de graduação. O projeto conta, atualmente, com 3 estudantes de graduação em EF, 4 estudantes de mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação Física (PPGEF) da ESEF/UFPEL e 2 professoras mestradas em EF, além de um do professor da ESEF/UFPEL coordenador do projeto.

Em novembro de 2018, realizamos o I Seminário Educação Física e Opressões que teve como tema: “Violência contra a mulher e a necessidade de enfrentar as opressões”, participaram dessa atividade, aproximadamente, 100 pessoas entre estudantes de graduação, professores e



professoras da rede pública de ensino e professores e professoras da graduação em EF da ESEF/UFPel. O II Seminário Educação Física e Opressões, realizado em maio de 2019 teve como tema: “Transformar a educação e o mundo para combater o racismo”, que teve a participação de, aproximadamente, 60 pessoas entre estudantes de graduação e professores e professoras da Educação Básica e Superior.

A partir do início do ano letivo de 2019, realizamos oficinas de cultura corporal que possibilitaram a reflexão temática sobre as opressões, envolvendo atividades e discussão sobre machismo, racismo e LGBTfobia.

Com o intuito de apresentar os resultados, dividimos a seção de análise de resultados em duas partes distintas, expressas pelas ações do projeto de extensão: os seminários para formação do professorado e as oficinas realizadas para estudantes da Educação Básica.

Seminários de formação do professorado de EF

Como uma das ações do projeto de extensão, foram realizados dois seminários de formação para a comunidade universitária - estudantes de graduação e professora da UFPel - e também para o professorado da Educação Básica de Ensino. O primeiro seminário abordou o tema da violência contra a mulher e as opressões machistas na Educação Física escolar e não-escolar; o segundo seminário abordou as questões raciais e as necessidades de uma educação transformadora anti-racista, especialmente nas aulas de Educação Física na escola.

Em cada etapa, aproximadamente 100 participantes estiveram presentes, com destaque para a representatividade de mulheres na mesa do primeiro seminário e negros e negras no segundo. Após as falas de palestrantes, o público teve a oportunidade de questionar e refletir as questões apresentadas levantando outros elementos da realidade de opressões vividas que acabam por impactar diretamente na apropriação da cultura corporal por parte dos grupos sociais oprimidos.

Em relação às mulheres, uma série de restrições sociais se apresentam como limitantes para a realização de práticas corporais na escola e fora dela. A histórica separação de gêneros nas aulas de Educação Física, acabam por privilegiar o desempenho de meninos na escola e para as meninas as atividades acabam por não garantir o pleno acesso às manifestações da cultura corporal. Alguns exemplos disso foram assinalados durante a discussão, tais como: meninos ocupam a quadra esportiva da escola por mais tempo durante a Educação Física e as meninas realizam praticas recreativas não sistematizadas nas aulas; de forma geral, as meninas só



começam a jogar futebol nos anos finais do Ensino Fundamental, enquanto os meninos desde os primeiros anos de idade já são estimulados a esta prática esportiva.

No ambiente não-escolar, as mulheres que realizam praticas corporais enfrentam questões sociais de opressão que impõem limites as suas vivências. Os exemplos mencionados no seminário apontam que as atividades realizadas em ambiente externo (ruas, praças, avenidas etc) a todo o momento são interpeladas por homens através de falas opressoras também chamadas de “piadas, cantadas etc”, além de, por vezes, inclusive formas mais invasivas de assédio moral e sexual são comuns durante a prática corporal. Em academias de ginástica, as mulheres também sofrem com a violência física e simbólica nesses espaços em que a exposição de seus corpos são mais evidentes.

Um importante debate se fez em torno do senso-comum na Educação Física e de orientação de profissionais que, com intuito de estimular a prática de atividades físicas, indicam que as pessoas, por exemplo, desçam do ônibus um pouco antes de sua residência para realizar uma caminhada. Porém, tal orientação não leva em conta que as mulheres quando estão na rua são mais assediadas e correm diversos riscos à sua integridade física e mental ao depararem-se com o machismo e que as restringem de sair às ruas para uma simples caminhada.

Oficinas de Cultura Corporal nas escolas

As oficinas desenvolvidas nas escolas tiveram como objetivo refletir acerca das opressões de gênero e raciais na formação de estudantes da Educação Básica, especialmente dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio (etapas em que foram realizadas as oficinas). Essas oficinas foram desenvolvidas junto às escolas, com autorização da equipe diretiva e professorado de Educação Física, da rede pública municipal e federal de ensino da cidade de Pelotas-RS.

O planejamento das atividades das oficinas foi elaborado coletivamente nas reuniões da equipe executora do projeto de extensão. A cada oficina, uma equipe de três professores e professoras realizaram as atividades propostas nas escolas. Através de práticas corporais e reflexivas, as oficinas permitiram ~~em~~ que os estudantes da Educação Básica tivessem acesso a dados sobre a violência contra a mulher e negros e negras, as desigualdades existentes no mercado de trabalho entre homens/mulheres e brancos/negros e dados sobre feminicídio e assassinatos da população pobre e negra no país.

Nosso ponto de partida, nas oficinas, problematizaram o modo de vida hegemônico em



que, desde os primeiros anos de vida, as crianças se deparam com um mundo segregado entre homens e mulheres no qual os papéis sociais se diferenciam de acordo com as demandas da produção da existência em uma sociedade dividida em classes sociais. Em uma das atividades, até mesmo a escolha de um balão rosa ou azul já aponta a sociabilidade opressora em que as crianças são forjadas. Ao recuperar as brincadeiras infantis, ficou evidente essa separação das funções sociais: às meninas cabem jogos e brincadeiras que as localizam como responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidado da família, por exemplo: brincadeiras de casinha, cozinha, bonecas-bebê, costura de roupas etc; aos meninos, a reprodução de uma sociabilidade de “chefe da casa” em que sua função é proteger o território e garantir a subsistência da família com o trabalho, por exemplo: brincadeiras de armas, lutas, brincadeiras de rua, simulação de profissões como atletas, pilotos, militares etc.

Em todas as oficinas, a sistematização do conhecimento produzido apontou para reflexões que buscam superar tais elementos opressores e segregadores. Em geral, estudantes apontaram que o caráter desigual entre meninos/meninas e brancos/negros são inaceitáveis em uma sociedade que se pretende transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que foi desenvolvido por meio do projeto de extensão, ainda que imerso nas determinações da forma de sociabilidade capitalista, apontou possibilidades de modificações do trato com o conhecimento e com a organização do trabalho pedagógico da Educação Física, tanto na Educação Básica como na formação do professorado de Educação Física no Ensino Superior.

O contato com as escolas para o desenvolvimento das oficinas, bem como com o professorado da rede pública, permitiram também a alteração da organização do trabalho pedagógico na continuidade das aulas de Educação Física nas escolas em que se desenvolveram as atividades. Em vista que, tanto estudantes como o professorado agora se apropriam de compreensões que superam as desigualdades, preconceitos e discriminações existentes na sociedade e reproduzidas, por vezes, nas escolas.

Ao abordarmos a totalidade das relações sociais que produzem a existência humana em uma sociedade dividida em classes, é fundamental observar que há uma sinalização de que crianças e jovens se dispõem a mudanças radicais nas relações entre si. Ao problematizar tais práticas opressoras, concebem-se possibilidades de erradicação de qualquer forma de



preconceito e opressão.

Por fim, reconhecemos que a avaliação positiva do projeto de extensão não é suficiente para que se modifique a estrutura social na qual a Educação Física se desenvolve e que diversas outras iniciativas devem ser implementadas para enfrentar a dramática situação de exploração e opressão que a classe trabalhadora vivencia em seu cotidiano. Acreditamos que a continuidade de iniciativas como estas podem ser capazes de ampliar a mobilização de sujeitos comprometidos com as necessárias transformações sociais que o mundo moderno necessita.

REFERÊNCIAS

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas: Papirus, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** (Coleção Magistério 2º grau - Série Formação do Professor). São Paulo: Cortez, 1992.

PINTANO, Sandro de Castro. NOAL, Elena Rosa. **Opressão cultural na escola: um estudo ancorado no pensamento de Paulo Freire.** (S.D)

IBGE. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira: 2017 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2017 147p. - (Estudos e pesquisas. Informação demográfica socioeconômica, ISSN 1516-3296; n. 37). Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br> > Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

GAÚCHA ZH. Matéria publicada no sítio eletrônico. Disponível em:< <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2019/01/feminicidios-aumentam-41-no-rio-grande-do-sul-cjqp6qh30q6u01pi16ztccpg.html> >. Acesso em 07 de maio de 2019.

IBGE. **Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil.** 2018. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf >. Acesso em 07 de maio de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire – 49ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 143 p.



UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: O CORPO EM DESTAQUE 2012-2018.

Alderise Pereira da Silva Quixabeira

Ruhena Kelber Abrão

Esta pesquisa relata reflexões feitas em torno da temática a percepção do corpo na pós-modernidade, a partir de uma análise de alguns periódicos de Educação Física, com publicação na área das ciências humanas, entre os anos de 2012 até 2018. Como procedimento metodológico esta pesquisa se constitui como um estudo bibliográfico no qual como resultado foi possível evidenciar que o culto ao corpo é uma forte tendência de comportamento e uma das dimensões dos estilos de vida construídos, pelo consumo, nas sociedades contemporâneas.

Palavras-chaves: Corpo. Mídia. Periódicos de educação física.

ANALYSIS OF THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE IN PHYSICAL EDUCATION NEWSPAPERS: THE BODY IN FEATURE 2012-2018.

This research reports reflections on the thematic perception of the body in postmodernity, based on an analysis of some periodicals of Physical Education, published in the area of human sciences, between the years of 2012 and 2018. As a methodological procedure this research is constituted as a bibliographical study in which as a result it was possible to evidence that the cult of the body is a strong tendency of behavior and one of the dimensions of lifestyles built by consumption in contemporary societies.

Keywords: Body. Media. Physical education periodicals.

UN ANÁLISIS DE LA PRODUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO EN PERIODISIS DE LA EDUCACIÓN FÍSICA: EL CUERPO DEL PROYECTO 2012-2018.

Esta investigación relata reflexiones hechas en torno a la temática la percepción del cuerpo en la posmodernidad, a partir de un análisis de algunos periódicos de Educación Física, con publicación en el área de las ciencias humanas, entre los años de 2012 a 2018. Como procedimiento metodológico esta la investigación se constituye como un estudio bibliográfico en el cual como resultado fue posible evidenciar que el culto al cuerpo es una fuerte tendencia de comportamiento y una de las dimensiones de los estilos de vida construidos por el consumo en las sociedades contemporâneas.

Palabras claves: Cuerpo. Los medios de comunicación. Periódicos de educación física.

INTRODUÇÃO

O ser humano ao longo da história tem sofrido marcas profundas em todas as suas dimensões. Marcas estas que carregamos até nossos dias, de forma muito acentuada e registrada



no inconsciente coletivo. Corpo que foi queimado, esquarterado, torturado, moldado, modelado, docilizado, escravizado, canonizado, apedrejado, explorado, fragmentado (LE BRETON, 2009).

Segundo os estudos de Le Breton (2006), a reflexão de que o corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados, contraditórios até mesmo para nossa lógica aristotélica do terceiro excluído, segundo a qual se a coisa é comprovada, seu contrário é impossível.

De modo geral, o culto ao corpo envolve não só a prática de atividades físicas, mas, também, as dietas, as cirurgias plásticas, o uso de produtos cosméticos. Enfim, tudo que responda à preocupação de se ter um corpo bonito ou saudável (LE BRETON, 2006, 2009).

Para tanto, neste estudo, propomo-nos a mapear a produção do conhecimento envolvendo a temática corpo, nos principais periódicos da área da Educação Física, por meio de uma pesquisa bibliográfica. Assim, as discussões sobre a temática nos periódicos pesquisados apontam que o culto ao corpo está cada vez mais evidenciado e que as mídias são fortes influenciadoras desse processo. Por fim, trazemos as considerações na qual apontamos que o culto ao corpo é uma forte tendência de comportamento e uma das dimensões dos estilos de vida construídos, pelo consumo, nas sociedades contemporâneas.

O CORPO HUMANO E SUA HISTÓRIA NA CIVILIZAÇÃO

Para iniciarmos a discussão, buscamos embasamento teórico em Soares (2006), na qual o autor descreve a designação do corpo da seguinte maneira: *Corpus* designava, em latim, o corpo em oposição à alma, de onde vem o sentido de cadáver, conservado pela memória de muitas línguas modernas; o inglês chama o corpo morto de *corpes*; o francês vale-se da expressão *levé du corps* – literalmente, “levantamento do corpo” – como sinônimo de “encomendação do defunto”.

Para Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 24), a história do corpo humano é, paralelamente, a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, ao passo que constroem as particularidades do seu corpo, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, criando os seus próprios padrões.

Os autores supracitados abrem questionamentos como: “Quem somos nós, humanos? O que é ser um corpo? O que é ter um corpo? O que é hoje na nossa corporeidade? Que possibilidades nos são abertas e que experiências nos são possíveis?” Relatam ainda, que “para



se conhecer os sentidos construídos para o corpo humano no presente, será necessário fazer uma caminhada, ainda que breve, pela História e observar as diferentes formas de tratar o corpo, a sexualidade, os gêneros” (ibidem, 2011, p. 33).

Desse modo, para Dallo e Paludo (2011) em uma breve perspectiva histórica, o corpo sacralizado, cristão e religioso, constituía-se na preocupação de sua ocultação. Com o avanço histórico, compreende-se o corpo por meio de conhecimentos fisiológicos e anatômicos, uma visão funcional que substitui a religiosa. Seguindo-se uma lógica industrial, o corpo passa a ser visto como força de trabalho e, com a psicanálise, uma dimensão pulsional e erógena.

Sendo assim, levando em consideração o ponto de vista de Santos (2011), somos levados a refletir que como qualquer outra realidade da dimensão do mundo humano, o corpo também é socialmente construído de acordo com modelos e representações vigentes. O corpo não se resume somente na sua esfera orgânica. Ele é uma recriação do ambiente físico, cultural e social em cada período histórico.

O autor reforça ainda, que por certo, para cada época existe um tipo específico de corpo idealizado. As representações sociais que se fazem do corpo, nem sempre foram as mesmas para todas as épocas, espaços e culturas. Cada cultura tem sua maneira própria de pensar e evidenciar o corpo dar-lhe um sentido e atribuir-lhe um lugar na esfera social.

Para Costa (2011), ao analisar a história do corpo o mesmo tem percebido a submissão conceitual ao dualismo psicofísico (o material e o não material) com a tendência de ver as coisas dentro do simplismo do pensamento primitivo, em que o mundo somente poderia ser percebido em duas dimensões, acima e abaixo do olhar (terra e céu). Assim, é importante salientar que os períodos considerados não se constituem de forma independente uns dos outros, mas encaixam-se uns nos outros ao longo do tempo.

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA AO CULTO DO CORPO MODERNO

Ao iniciarmos a discussão compreendemos como necessário entendermos o conceito de mídia. Para tanto, descrevemos o mesmo a partir dos conceitos de Lima (2003), que articula uma definição mais precisa do que mídia significa hoje nos estudos a que nos referimos. Segundo ele, mídia pode ser entendida como o conjunto de instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Ainda do ponto de vista de Lima (2003), vale dizer que a mídia implica na existência de um intermediário tecnológico para que a comunicação se realize. Assim, a comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação mediatizada.



Para Leitzke (2016), ao tratarmos das questões de corpo é indispensável considerá-las para muito além do biológico, pois o corpo é passível de influências históricas, culturais, sociais, políticas e tecnológicas, portanto, é muito mais que um aglomerado de órgãos, mas é também suas roupas, acessórios, tecnologias acopladas, modos de ser e agir. O corpo também se modifica a partir de intrincadas relações que se dão por meio da produção de significados, ou seja, a partir das representações, onde se tem a construção de conceitos e preconceitos, saberes e identidades diversas, assim como de corpos com características diversas. Significados acerca do corpo são construídos, veiculados, afirmados e reafirmados por meio de diversas mídias as quais nos interpelam, pelo que é exibido e pelo que é ocultado (LIMA, 2003).

No que se refere o fenômeno do culto ao corpo na contemporaneidade, de acordo com Knopp (2008), tal ocorrência emerge, no Brasil, a partir da década de 1920, com a chegada do cinema, crucial na formulação de um ideal físico. Nesse mesmo período, ocorre o advento da dieta como forma de controle pessoal do peso. Emerge a necessidade de os indivíduos tomarem para si a responsabilidade de desenhar o seu próprio corpo, como forma de definir a sua identidade.

Assim, percebe-se que a idolatria ao corpo é uma questão emergente na sociedade contemporânea, visualizado, por exemplo, pelos altos índices de cirurgias plásticas, a preocupação com a beleza e modelamento do corpo torna-se cada vez mais presente na vida da sociedade moderna, sendo, para muitos, o centro ordenador da sua existência (KNOPP, 2008).

Segundo Fernandes (2005, p.13),

o corpo está em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento...alta frustração. Alvo do ideal de completude e perfeição, veiculado na pós modernidade, o corpo parece servir de forma privilegiada, por intermédio da valorização da magreza, da boa forma e da saúde perfeita, como estandarte de uma época marcada pela linearidade anestesiada dos ideais.

Muitas são as questões de relevância e influência ao pensarmos sobre a construção dos corpos na contemporaneidade. Nesse sentido, Leitzke (2016), ressalta que ao considerarmos o corpo enquanto um construto sócio histórico entendemos que este se molda a partir de múltiplas influências que determinam modos de ser e agir, influenciando desta forma as maneiras como o corpo é percebido, construído, sentido, divulgado, vendido.

Nesse sentido, a partir do ponto de vista de Leitzke (2016), a mídia em geral tem posição de destaque. Ao ensinar modos de ser e estar aos indivíduos na contemporaneidade, a mídia executa complexos processos que objetivam, dentre outras coisas, conformar sujeitos a



determinadas padrões e relações de poder.

No que tange ao corpo, a partir dos conceitos de Barbosa, Matos e Costa (2011), percebemos que a história do corpo humano é a história da civilização. Cada sociedade e cultura agem sobre o corpo determinando-o, construindo as particularidades dos seus corpos, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, criam os seus próprios padrões. Surgem, então, os padrões de beleza, de sensualidade, de saúde, de postura, que dão referências aos indivíduos para se construírem como homens e como mulheres (LE BRETON, 2006).

De acordo com Goellner (2013), o corpo como é visto, percebido, sentido e falado, se molda e se modifica na construção de significados e representações culturais e sociais, igualmente mutáveis, passíveis de múltiplas influências: históricas, regionais, temporais, econômicas, dentre outras.

A SOCIEDADE DE CONSUMO: O CORPO É MÍDIAL

Conforme Campos (2010), os meios de comunicação são na sua grande maioria tendenciosos, não divulgam as notícias com imparcialidade e, geralmente, colocam-se a serviço da classe dominante e do capital. Ao mesmo tempo em que publicam uma notícia sobre o corpo visando à saúde e o bem-estar, publicam inúmeras promovendo a doença, seja física ou psíquica. Promovem a doença física, com incentivo ao fumo, ao álcool, a práticas e intervenções cirúrgicas visando à estética e, provavelmente, servindo a um padrão imposto pelo capitalismo.

Ainda para Campos (2010) na sociedade de consumo, a mídia tem forte influência sobre os sujeitos, principalmente no que se refere ao padrão de corpo, apresentando assim, o corpo consumo, o corpo mercadoria, incorporado por modelos que se encontra dentro dos padrões de beleza que a mídia canoniza. No contexto atual, no qual as pessoas estão sofrendo psicologicamente por não se encontrar nos padrões de beleza que a mídia nos impõe, por falta de condições financeiras para as práticas corporais modificadoras, ou por não conseguir atingir este padrão, sente-se excluída, marginalizada, ridicularizada.

Campos (2010) relata que os publicitários perceberam que é possível fazer o inconsciente do consumidor trabalhar em favor do lucro. Acrescentam ainda, que o inconsciente não é ético e nem antiético. Que o inconsciente é amoral e funciona de acordo com a lógica da realização imediata dos desejos que na verdade não é tão individual como pensamos.

Em relação à publicidade do corpo idealizado, Campos (2010), ressalta que o processo é o mesmo. O ser humano procura adquirir tudo o que as propagandas colocam como objetos de satisfação pessoal, os corpos se transformam em busca de satisfação que, na grande maioria das



vezes, deve gerar angústia, pois as propagandas estão servindo aos interesses do sistema capitalista daquele momento.

Diante de tais mudanças ocorridas no corpo, em função da influência da mídia e tendo como base a teoria de Campos (2011), somos levados a pensar que há uma preocupação em manter ou adquirir a forma corporal de beleza ou de força exaltada pela sociedade. O sujeito contemporâneo procura se encaixar a padrões impostos pela mídia e ao fazer isto, esta se adaptando, obedecendo e se identificando com algo externo a ele, portanto, como acontecia há séculos, tornando-se dócil, submisso e obediente para que tudo ande conforme o capital quer, e com isto, perdendo sua individualidade, sua singularidade, sua essência.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Por se tratar de um estudo de revisão bibliográfica não possuímos controle sobre as variações temáticas a serem reveladas dentro de um corpus específico de fontes; o que por consequência, vai dar um panorama do tema em um dado contexto específico ou especializado de fontes.

Desse modo, o texto aqui realizado, é também de caráter panorâmico-monográfico sobre a literatura, pois como menciona Lakatos e Marconi (1992, p. 43-44) este tipo de pesquisa parte.

Do levantamento de toda bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e impressa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulações de suas informações.

Muito embora, entendemos que ao recortar os limites das fontes o estudo perde um pouco sua conotação panorâmica e passa a ser monográfico, isso acontece na medida em que elegemos o corpo nas produções da Educação Física nos estudos dentro de um tema maior: o culto do corpo. No entanto, ele retoma sua característica panorâmica na medida em que não fazemos vários estudos monográficos sobre inúmeros temas que existem dentro do tema geral, assim, entendemos as temáticas encontradas como aquelas que se diversificam dentro do tema geral. Que por ser geral acaba sendo panorâmico, pois a tendência é lidar com pequenos componentes temáticos que constituem o geral.

A amostra eleita para nossa análise foram os textos completos de doze periódicos da Educação Física brasileira (conforme Quadro 01), avaliados pelo *Qualis* periódicos da CAPES com o conceito A2, B1, B2, B3 e B4: Movimento/UFRGS, Motriz/SP, Revista Brasileira de Ciências do Esporte/CBCE, Revista Brasileira de EF e Esporte/USP, Revista de EF da UEM,



Licere/UFMG, Motrivivência/UFSC, Pensar a Prática/UEG, Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Revista Brasileira de Ciência e Movimento/UCB, Revista Mackenzie de EF e Esporte e Kinesis/UFMS.

No primeiro momento, o levantamento dos dados empíricos foi realizado no banco de dados dos periódicos utilizando a ferramenta de busca disponível *online*, selecionando o filtro “título” para aplicar os seguintes termos de busca: corpo, culto ao corpo; mídia; midiático; corpo e comunicação; corpo e televisão; corpo e cinema.

Posteriormente, fizemos a leitura dos resumos dos textos encontrados e excluímos os resumos em que as palavras corpo ou corpos não apareciam. Ainda a fim de refinar a nossa amostra, efetivamos algumas exclusões conforme os seguintes critérios: a) textos de anais de evento publicados nas revistas; b) textos apresentados como resumos; c) resenhas; e) textos em que no resumo as palavras “corpo” e “comunicação” e “mídia” tinham um sentido diferente ao proposto na pesquisa; f) textos buscados com a palavra “revista” que faziam alusão a apresentações editoriais.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Como apresentado no procedimento metodológico, no primeiro momento, fizemos um levantamento dos textos de acordo com nosso objeto de investigação, nos 12 periódicos citados. Essa busca acarretou 234 textos. Após a leitura dos resumos, excluímos aqueles em que as palavras ‘corpo’ ou ‘corpos’ não apareciam com o enfoque que gostaríamos de ressaltar, resultando um total de 12 textos selecionados, conforme podemos observar no quadro abaixo.

Quadro 01 – quantitativo de texto por periódico

Revista	Total de textos	Total temática “corpo”
Brasileira de Atividade Física e Saúde	16	0
Ciência e Movimento	25	1
Kinesis	11	0
Licere	15	1
Mackenzie	6	0
Motrivivência	49	5
Motriz	12	0
Movimento	45	2
Pensar a Prática	22	1
RBCE	11	0
RBEFE/ USP	13	1
UEM	5	1
Total	234	12

Fonte: autores.



Tendo como base o quadro 01, analisamos que boa parte da produção identificada está publicada em duas revistas – *Motrivivência* e *Movimento* – que se posicionam como periódicos de caráter eminentemente sociocultural, o que permite supor um entendimento sob o viés das humanidades quando o objeto em questão é o “corpo”. No quadro 02, apresentamos um panorama da produção encontrada.

Quadro 02 – Textos com título, autoria, periódico e ano.

VENDRUSCOLO <i>et al)</i>	A concepção de obesidade e padrão corporal por mediações ideológicas da mídia.	Pensar a Prática	2014
SILVA, <i>et al.</i>	Insatisfação e checagem corporal e comportamento alimentar em estudantes de Educação Física, Nutrição e Estética.	Ciência & Movimento	2017.
MEZZARROBA <i>et al.</i>	A gestão do desejo dos corpos através da comunicação e mídia: um estudo panorâmico-monográfico dos periódicos da Educação Física brasileira.	Motrivivência	2018.
SILVA <i>et al</i>	Beleza e feminilidade: o corpo feminino nas páginas da Revista <i>Vida Capichaba</i> (1925-1939).	Motrivivência	2015.
CHAVES <i>et al</i>	Construindo diálogos entre a mídia-educação e a EF: uma experiência na escola (Motrivivência	2015.
HEROLD JUNIOR	Corpo e educação no escotismo a partir da Revista <i>O Tico Tico</i> (1921-1933	Movimento	2015.
FINCO; FRAGA.	Corpo joystick: cinema, videogames e estilo de vida ativo	Licere	2013
SCHWENGBER <i>et al.</i>	Espraiamento discursivo da cultura do fitness na contemporaneidade	Movimento	2018
PINTO <i>et al.</i>	Identidade(s) feminina(s) e cuidado de si na Revista <i>AG</i> .	Motrivivência	2012.
FERREIRA <i>et al.</i>	O CORPO-futurível: ensaio sobre as recentes (re) descrições do corpo humano rumo à pós-organicidade	Motrivivência	2018
RIGONI <i>et al.</i>	O culto ao corpo e suas formas de propagação na rede social facebook: implicações para a Educação Física Escolar.	Motrivivência,	2017
JUBÉ <i>et at.</i>	Os “avatars” do corpo rascunho: experiência de jovens universitários nas redes sociais.	Licere	2014

Fonte: autores.



ANÁLISANDO ALGUNS DAS PRODUÇÕES: O CORPO EM DESTAQUE

Analisamos algumas produções, tais como: O culto ao corpo e suas formas de propagação na rede social *facebook*: implicações para a educação física escolar, de autoria Rigoni *et al* (2017). Os autores destacam que o modo como a mídia influencia na construção de padrões de beleza corporal não é uma novidade. A rápida evolução tecnológica das últimas décadas promoveu importantes transformações na maneira como acessamos as informações e nos comunicamos com os outros. Destacam ainda que, somos cotidianamente bombardeados por imagens e textos que educam nossos corpos e nos mobilizam no sentido de tentarmos alcançar padrões estéticos, que são divulgados como superiores e necessários. A novidade não reside no fato de constatarmos o poder da mídia na educação das gerações, mas talvez no modo como ela mesma se adequa e se moderniza em suas formas

A imagem é utilizada pelas mídias como meio de construir subjetividades. Ela consegue, de modo geral, provocar em nós as mais diversas emoções e sentimentos. A imagem é capaz de causar maior impacto do que um texto escrito, pois por meio dela é possível conceber ideias (imagens mentais) de maneira mais rápida. O texto exige mais tempo, atenção e reflexão (2017, p. 131).

Os autores citam Featherstone (1991), que coloca a imagem como principal recurso da cultura do consumo. Para ele, o consumo depende do cultivo de um vasto arsenal de imagens. A recompensa pelo trabalho exercido em função da aparência do corpo é compensada pela imagem de um “eu mais vendável”.

O segundo artigo que analisamos traz como título: O corpo-futurível: ensaio sobre as recentes (re) descrições do corpo humano rumo à pós-organicidade, dos autores Ferreira *et al* (2018). Nesse artigo, os autores destacam que, assistimos aos avanços científicos da informática, dos modos de comunicação e da biotecnologia aliarem-se às intermináveis sortes de desejos de aprimoramento do corpo. Estamos dando vida às criaturas que apenas habitavam nossos sonhos, especulações desmedidas e histórias de ficção.

Apropriam-se das teorias de Le Breton (2009), para afirmar que o corpo encarna um vocabulário em permanente elaboração, programado pelo próprio homem para que possa ser apagado e (re)descrito posteriormente – quantas vezes forem concebidas/demandadas pelos poderes e saberes vigentes. Acrescentam que o corpo existe como uma criação cultural moderna marcada pela capacidade de ser corpo-receptáculo de sucessivas descrições.

Ferreira *et al* (2018) afirmam que, nas últimas décadas os mecanismos de construção de nossas identidades passaram a dialogar com um estado de alto investimento simbólico do corpo.



Tomado por produto e coisa, o corpo sofre com a constante necessidade de operar transformações em uma interminável luta pela boa forma e pelo bem-estar.

O terceiro artigo a ser analisado, traz como título: *Espraiamento discursivo da cultura do fitness na contemporaneidade*, dos autores Schwengbe *et al* (2018). Os autores deste artigo discorrem acerca da cultura do *fitness*, e iniciam por nos levar a refletir que a emergência na contemporaneidade mostra-se como um espaço discursivo que se espraia, produzindo certa memória social, reforçando a ideia de que há um espraiamento da expressão *fitness*, uma espécie de proliferação discursiva que vai além do campo da Educação Física, englobando também moda, arquitetura, alimentação, economia, cultura e sociedade.

Schwengbe *et al* (2018) ressaltam que e contemporaneamente, as formações discursivas a respeito do *fitness* têm ganhado popularidade no campo dos exercícios, academias, alimentação, suplementos, dietas, bebidas, controle das emoções, eventos, conversas e aplicativos, até diversões, músicas, hábitos e modos de vestir, de comer, de socializar.

Ainda sobre o assunto, Schwengbe *et al* (2018, p. 1176), afirmam que:

A partir da discussão apresentada até o momento, destacamos que é em torno de certos padrões e valores de corpos magros, tonificados e trabalhados que a cultura do *fitness* se associa, representando sujeitos com vitalidade, saúde, controle, poder, utilidade. Ser “frango” ou sarado, franzino ou “monstro” dizem respeito não só à forma física, mas a modos de subjetivação. Assim, supomos que há correlações de forças que atuam e servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto da cultura *fitness*.

Desse modo, os autores destacam que ser um sujeito detentor de um corpo sarado, que apresenta vitalidade e energia, é representativo da cultura do *fitness*. Esse fato tem caracterizado as sociedades ocidentais contemporâneas e marca um *status* no qual existe um imperativo de que homens e mulheres cuidem e desenvolvam atleticamente os seus corpos.

O quarto artigo analisado tem como título: *A gestão do desejo dos corpos através da comunicação e mídia: um estudo panorâmico-monográfico dos periódicos da Educação Física brasileira*. Tem como autores: Mezzaroba; Zoboli e Correia (2018). Os autores iniciam afirmando que o incessante fluxo de afecções geradas pela mídia constrói corpos que refletem subjetividades que organizam ações corpóreas de relações. Assim, o desejo de um sujeito não é fechado em si mesmo, nem estagnado, mas modificado a partir dos encontros que esse sujeito faz.

Isso significa que os processos de subjetivação são inseparáveis da forma com que os sujeitos são afetados, isto é, produzir subjetividades se refere à capacidade de ser afetado, de entrar em um regime de afecção que sustenta certas práticas sociais,



comportamentos, maneiras de pensar e agir, de gostar ou não de alguma coisa (MEZZAROBÀ; ZOBOLI E CORREIA, 2018, p. 260)

Mezzarobà; Zoboli e Correia (2018) destacam que na contemporaneidade, uma das estruturas que mais produz regimes de afecções e, conseqüentemente, modos de subjetivação, é a cultura midiática. Seja pela sua diversidade, seja pela sua intensidade, bem como, também, pela sua onipresença em nosso cotidiano, as mídias são fortes gestoras de nossos desejos e da circulação de afetos. As mídias convidam – ou forçam – meu corpo a se confrontar com um fluxo de sensações que não posso relacionar a uma presença física nem traduzir a uma abstração sistemática.

Ao analisarmos o conjunto de textos selecionados, identificamos que o corpo feminino predomina nessas produções, o que reforça a conceito de que o corpo feminino é aquele que, hegemonicamente, aparece e é consumido midiaticamente, pois o sujeito contemporâneo sofre a influência de identidades sociais e estereótipos nas mais diversas formas de sociabilidade. Percebemos que, no conjunto das produções analisadas, a intencionalidade de criação de feminilidades, que ao longo dos períodos históricos vão sendo transformadas, mas estão sempre presentes, “querendo” algo das mulheres que ainda lhes faltam.

À guisa de fechamento, pode-se considerar que as produções científicas em Educação Física nos leva a refletir de que a relação do corpo com a cultura midiática se passa necessariamente por regimes de afecções por meio do consumo de imagens e discursos que geram o desejo a ponto de ter a intenção de criar determinadas formas de feminilidade; a circulação e sustentação de padrões corporais ligados à necessidade de consumo de certos produtos e a valoração da magreza e juventude em detrimento da obesidade.

CONSIDERAÇÕES

Ao final deste estudo compreendemos que nos últimos anos tem se elevado o número de produções científicas que versam a respeito da temática corpo, bem como a influência da mídia ao culto do corpo moderno, pois percebemos que o processo midiático e os processos de mudanças do corpo, ocorridos na contemporaneidade, têm causado fortes influências no culto ao corpo, principalmente a partir da década de 1920, com a chegada do cinema, crucial na formulação de um ideal físico. Percebemos ainda que ao tratarmos das questões de corpo é indispensável considerá-las para muito além do biológico; percebendo que o corpo como é visto,



percebido, sentido e falado, e se molda e se modifica na construção de significados e representações culturais e sociais, igualmente mutáveis, passíveis de múltiplas influências.

Ao discorrermos acerca da sociedade de consumo, corpo e mídia, para percebemos que os meios de comunicação são, em sua maioria, tendenciosos e que a mídia tem forte influência sobre os sujeitos, principalmente ao que se refere ao padrão de corpo. Isso devido os sujeitos contemporâneos estarem procurando se encaixar a padrões impostos pela mídia e ao fazerem isto, estão se adaptando, obedecendo e se identificando com algo externo a elas, isso devido à mídia possuir ingredientes que fazem parte do processo de hipnose e sedação produzidas pelas imagens.

A realização desse estudo nos evidencia que o culto ao corpo está presente na sociedade contemporânea e que a mídia tem fortes influências sobre o mesmo, assim, pode-se considerar que as produções da Educação Física nos levam a refletir que a relação do corpo com a cultura midiática se passa necessariamente por regimes de afeções por meio do consumo de imagens e discursos que geram o um impacto negativo na formação dos sujeitos. Sendo assim, somos levados a pensar que em todas estas instâncias o corpo é produzido, controlado, falado, representado, descortinado, dissecado, subjetivado, normalizado à medida que também resiste neste jogo de relações de poder.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M. e COSTA, M. E.. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. Universidade do Porto, Portugal. **Psicologia & Sociedade**; v.23 (1): 24-34, 2011.
- DALLO, L; PALUDO, K. **Idolatria ao corpo na sociedade contemporânea**: Implicações aos adolescentes. Pontifca Universidade Católica do Paraná. Curitiba, novembro de 2011. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4318_2894.pdf . Acesso em: Jul.2018.
- FEATHERSTONE, M.; BURROWS, R. **Cyberspace/cyberbodies/cyberpunk**: cultures of technological embodiment. Sage, 1996.
- FERNANDES, M. H. **Corpo. Clínica psicanalítica**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo. Livraria e editora Ltda, 2005.
- FERREIRA, A. *et al* O Corpo-futurível: ensaio sobre as recentes (re) descrições do corpo humano rumo à pós-organicidade. **Motrivivência**, v. 30, n. 53., p. 181-195, maio/2018.
- GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G L; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.



KNOPP, G. C. **A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea.** Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador-Bahia, 2008. Material impresso.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LEITZKE, A T. da S. **Construindo o corpo na “Medida Certa”? Discursos estratégicos de um dispositivo midiático televisivo.** Pelotas, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3758/1/Angelica%20teixeira%20da%20Silva%20Leitzke.pdf>. Acesso em Dez. 2018.

LIMA, V.A. **Sete teses sobre a relação Mídia e Política.** Mimeo, 2003.

MEZZAROBA, C. *et al.* A gestão do desejo dos corpos através da comunicação e mídia: um estudo panorâmico-monográfico dos periódicos da Educação Física brasileira. **Motrivivência**, v. 30, n. 55, p. 258-273, setembro/2018.

RIGONI, *et al.* O culto ao corpo e suas formas de propagação na rede social *facebook*: implicações para a Educação Física Escolar, **Motrivivência**. v. 29, n. esp., p. 126-143, 2017.

SOARES, C. L. (org.). **Corpo e história.** 3ª ed. (Coleção Educação Contemporânea). Campinas-SP: Autores Associados 2006.

SANTOS, L. A.. “O corpo na cultura e a cultura da ‘reforma’ do corpo”.

RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 30: 406-414; ISSN 1676-8965, Dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. Acesso em mai.2019.

Schwengbe *et al.* Espriamento discursivo da cultura fitness na contemporaneidade, Revista **Movimento**. v. 24, n. 4, p. 1167-1178, out./dez. de 2018.



A EDUCAÇÃO FÍSICA NALENTE DE PERSPECTIVAS FOUCAULTIANAS: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES DA REVISTA MOVIMENTO NA DÉCADA 2008-2018

Vítor Tavares da Silva

Catiúcia Almeida de Souza

José Alberto Coutinho da Silva

Natália Silveira Antunes

Franciele Roos da Silva Ilha

Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas

Resumo: A fim de descrever os estudos que tratam da Educação Física numa perspectiva foucaultiana nas publicações da Revista Movimento (UFRGS), este estudo se valeu de 13 artigos publicados na revista nos últimos 10 anos (2008-2018), os quais se mostraram tratar da Educação Física com a colaboração da obra de Michel Foucault. Os temas de pesquisa dos artigos destacaram questões curriculares, da ordem da legislação, manifestações da cultura corporal e suas respectivas formas de tanto vivê-las socialmente, como de praticá-las profissionalmente. As perspectivas foucaultianas implementadas nos trabalhos fomentaram o modo de análise dos objetos de estudo, a maneira que os autores lançaram mão de noções da obra de Foucault, compondo várias ferramentas analíticas. Com isso, concluímos que há um cenário de escassos estudos no *locus* investigado, onde alguns conceitos/ideias se sobressaíram nas discussões, como o caso do discurso, enunciado, (relações de) poder, governamentalidade, biopolítica, produção de sujeitos e cuidado de si.

Palavras-chave: Educação Física, Foucault.

PHYSICAL EDUCATION IN THE LENS OF FOUCAULIAN PERSPECTIVES: AN ANALYSIS OF THE PUBLICATIONS OF THE MAGAZINE MOVIMENTO IN THE DECADE 2008-2018

Abstract: In order to describe the studies that deal with Physical Education in a Foucaultian perspective in the journals of Revista Movimento (UFRGS), this study used 13 articles published in the last 10 years (2008-2018), which have been shown to deal with Education Physics with the collaboration of Michel Foucault's work. The topics of research of the articles emphasized curricular issues, the order of the legislation, manifestations of the corporal culture and their respective ways of both living them socially, as well as practicing them professionally. The foucaultian perspectives implemented in the works fostered the way of analyzing the objects of study, the way the authors used notions of Foucault's work, composing various analytical tools. Thus, we conclude that there is a scenario of scarce studies in the locus investigated, where some concepts / ideas excelled in the discussions, such as the discourse, statement, (relations of) power, governmentality, biopolitics, subject production and self care.



Key-words: Physical Education, Foucault.

LA EDUCACIÓN FÍSICA EN LA INVESTIGACIÓN DE PERSPECTIVAS: UN ANÁLISIS DE LAS PUBLICACIONES DE LA REVISTA MOVIMIENTO EN LA DÉCADA 2008-2018

Resumen: A fin de describir los estudios que tratan de la Educación Física en una perspectiva foucaultiana en las publicaciones de la Revista Movimiento (UFRGS), este estudio se valió de 13 artículos publicados en la revista en los últimos 10 años (2008-2018), los cuales se mostraron tratar de la Educación Física con la colaboración de la obra de Michel Foucault. Los temas de minúscula de los artículos destacaron cuestiones curriculares, del orden de la legislación, manifestaciones de la cultura corporal y sus respectivas formas de tanto vivenciarlas socialmente, como de práctica profesionalmente. Las perspectivas foucaultianas implementadas en los trabajos fomentaron el modo de análisis de los objetos de estudio, la manera que los autores lanzaron mano de nociones de la obra de Foucault, componiendo varias herramientas analíticas. Con ello, concluimos que hay un escenario de escasos estudios en el locus investigado, donde algunos conceptos / ideas se sobresalieron en las discusiones, como el caso del discurso, enunciado, (relaciones de) poder, gobierno, biopolítica, producción de sujetos y cuidado de sí.

Palabras clave: Educación Física, Foucault.

INTRODUÇÃO

Os estudos de perspectiva foucaultiana constituem-se como fundamentação teórica para diferentes campos de saberes, como a filosofia, a história, a medicina, disseminando-se cada vez mais, até alcançar as ciências sociais, ciência política e educação.

Neste sentido, a presente proposta volta olhares para como estas pesquisas são constituídas, identificando e analisando conceitos e enfoques dentro da perspectiva foucaultiana. Ela é um recorte de um projeto de pesquisa intitulado “O estudo da Educação Física na lente de perspectivas foucaultianas” da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPEL).

Portanto, esta pesquisa justifica-se pela importância de conhecer, identificar, analisar e divulgar uma perspectiva das perspectivas exploradas na Educação Física: os estudos foucaultianos. Em vista dessas reflexões, esse projeto investe em estudos que envolvam a seguinte pergunta de pesquisa: como se delinearão os estudos que tratam da Educação Física numa perspectiva foucaultiana?

A partir de tal questão norteadora, elaboramos o seguinte objetivo para esta pesquisa: descrever os estudos que tratam da Educação Física numa perspectiva foucaultiana nas



publicações da Revista Movimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Com isso, esperamos contribuir com o fortalecimento da Educação Física em seus enfoques na perspectiva foucaultiana, considerando a riqueza analítica que esta propicia para as diferentes áreas de conhecimento.

As enunciações deste estudo são importantes para se pensar sobre a produção científica na área, bem como os modos que ela conduz as reflexões e formulações que envolvem a analítica de práticas, processos formativos e políticas públicas para o campo da Educação Física nesta perspectiva teórica.

DECISÕES METODOLÓGICAS

Este trabalho caracteriza-se como qualitativo do tipo descritivo, delineado pelo empreendimento no Estado da Arte. Romanowski (2006, p. 258) explica que estudos dessa natureza são reconhecidos “por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar” [...] tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares”.

Utilizamos como *corpus* da pesquisa artigos publicados na Revista Movimento (UFRGS) numa perspectiva foucaultiana. A definição da Revista Movimento levou em conta os seguintes critérios: escopo; publicação em português; *qualis* A2 da área 21 da CAPES.

A seleção dos artigos foi executada por meio de uma busca no próprio *site* da revista, considerando o período compreendido entre 2008 e 2018. A coleta foi realizada em 9 de setembro de 2018. Para tal, empregamos os descritores: “Foucault” OR “Foucaultianas”. Como resultado da busca obtivemos 13 publicações. Após a leitura dos resumos, todos os artigos foram inclusos para a analítica da presente pesquisa.

No intuito de compreender como a Educação Física é tratada em tais trabalhos, fizemos a leitura dos estudos na íntegra, identificando os seguintes aspectos: a) temática sensível à Educação Física; b) caminhos metodológicos adotados; c) dimensão privilegiada a partir da perspectiva foucaultiana.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A seguir, apresentamos uma descrição dos estudos que compuseram o *corpus* da pesquisa. Cabe destacar que não houve aqui a intenção de realizar uma revisão de cada um



deles, mas na verdade, indicar como as temáticas ligadas à Educação Física foram investigadas a partir da perspectiva foucaultiana.

Bossle (2008) com o objetivo de discutir o cuidado de si como uma possibilidade de mediação profissional entre o professor de Educação Física que atua como *personal trainer* e seu cliente. A autora recorre ao conceito desenvolvido por Michel Foucault na medida em que tenciona os princípios elencados pelo autor com a prática profissional dos treinadores personalizados.

Para Foucault, o cuidado de si envolve um regime que não estabelece somente uma medida de ordem corporal, mas também de ordem moral. Com isso, a autora utiliza-se de um aporte teórico que conta com obras de pensadores contemporâneos, como Zigmund Bauman e Jean Baudrillard, fazendo emergir questões que atravessam o cuidar-se, tais como: individualismo, consumo, liberdade de experimentação. Desta maneira, Bossle (2008) considera que o trabalho do *personal trainer* tem ultrapassado as fronteiras do treinamento físico para atingir o cuidado do cliente, no sentido de um agente do estilo de vida.

Outro estudo anexo a esta análise é o de Schwengber (2009), o qual dedicou-se a investigar como o discurso das práticas corporais e esportivas regula e governa os corpos grávidos, produzindo identidades maternas na contemporaneidade. O *corpus* analítico é composto por exemplares da “Revista Pais & Filhos”, publicados no período de 1968 a 2005, sendo esta uma a revista que retrata a família brasileira há quase quarenta anos. A autora afirma que no século XX há uma afirmação da importância das práticas corporais e esportivas para as mulheres, incluindo as gestantes. As posições de sujeito produzidas tem sido a de mãe esportiva (que cuida e se cuida); a que abriga e protege; a carinhosa e protetora, responsável pelo filho perfeito.

Já Teixeira e Caminha (2010) investigaram as formas de manifestação da supervitalidade em academias de ginástica. Por meio de entrevistas com mulheres frequentadoras de academias de ginástica, o estudo evidenciou uma mudança de compreensão do corpo e de relação de poder: da disciplinarização de corpos dóceis à excitação de corpos produtivos.

A partir do conceito de supervitalidade, a pesquisa pode sinalizar as transformações socioculturais e os investimentos em tecnologias e estratégias de poder no processo de tornar a vida mais potente. Os autores concluem que o modo como a supervitalidade se manifesta nas academias de ginástica pode ser analisado por meio de sua estrutura de funcionamento e das práticas corporais por elas oferecidas, envolvendo a exibição de corpos como forma de



excitação, bem-estar; bem como a promoção do exercício físico como estratégia para trazer mais disposição, melhorar o corpo, e diversificar interações.

Agora em uma pesquisa-ação envolvendo estudantes do curso de bacharelado em dança, Fortin, Vieira e Tremblay (2010) analisam um discurso dominante da dança que abrange aspectos do corpo ideal, performance e sucesso profissional; bem como o discurso da educação somática considerado como marginalizado no campo da dança, mesmo sendo caracterizado como sensível às exigências corporais e individuais.

A realização da pesquisa envolveu aulas teóricas e práticas da dança somática. Os resultados foram agrupados em três eixos: 1) apropriação: aderência ao discurso dominante; 2) acomodação: há crítica, mas não há ação, e; 3) resistência: faz a crítica ao discurso dominante e concebe outros modos de fazer dança, incluindo suas experiências e necessidades. Por fim, os autores sinalizam que “a educação somática, pode ser concebida como uma tecnologia do *self* que combate o discurso dominante e apoia a transformação das relações de poder na dança” (FORTIN, VIEIRA, TREMBLAY; 2010, p.75).

Encaminhando-nos ao estudo de Bossle e Fraga (2016), os autores analisaram a matriz curricular do curso de Educação Física da UFRGS, no intuito de compreender a materialização do movimento de cientificação da racionalidade biomédica na formação em Educação Física, que procurava dar solidez acadêmica ao curso entre os anos 1970 e 1990. Esse movimento tinha como propósito a eliminação da formação de professor-treinador e a implementação do investimento na formação do professor-pesquisador, como observado nos documentos empíricos da instituição de ensino. Em suas conclusões, os autores destacam que a legitimação da racionalidade biomédica do modo de ser professor-pesquisador do curso de Educação Física da UFRGS demonstrou um alinhamento visceral com o fenômeno esportivo no currículo da instituição, de maneira a compor uma “racionalidade biomédica desportiva” inédita.

Ainda compondo o *corpus* desta análise, Rigo e Santolin (2012) buscaram compreender como a obesidade vem sendo tratada na legislação brasileira. A partir da análise de 46 leis encontradas no *site* “Jusbrasil” relacionadas aos termos obesidade e sobrepeso, os autores puderam constatar que há um predomínio do discurso biomédico na constituição das mesmas. A obesidade é tratada como uma doença a partir de uma classificação limitada ao discurso clínico, enquadrando as pessoas como saudáveis e doentes, a maneira que se baseia puramente em índices antropométricos que indicam um modelo de corpo universal, desconsiderando as individualidades contexto peculiares ao cotidiano. A perspectiva foucaultiana assumida pelos



autores auxilia a compreender uma “série normativa de estereótipos classificatórios que atua como verdade proveniente de um biopoder socialmente criado pelos discursos e pelos saberes médicos, jurídicos, psicológicos e educativos” (RIGO; SANTOLIN, 2012, p.290). Esse poder sobre a vida se articula com a política sobre a vida (biopolítica) vista sob ótica de que o direito à saúde seria sanado por meio da utilização de produtos considerados como sinônimo de saúde.

Agora com objetivo de explorar a emergência do conceito de obesidade, Santolin e Rigo (2015) conduziram uma pesquisa histórica a qual assumiu como referência teórico-metodológica a análise de discurso arqueogenealógica de Michel Foucault. A pesquisa dedicou-se a inflexões estéticas, ético-morais, religiosas e biológicas dentro do contexto histórico da patologização do excesso de gordura corporal (obesidade). Os autores concluem que dentre os séculos XVII e XIX, os discursos médicos investiram na patologização dos corpos que extrapolavam os padrões de beleza da época, considerando que este aspecto se manifestava por meio do excesso de gordura, do pecado da gula dos e do vício da vida. Com o estabelecimento da medida de massa corporal (avanço experimentado no século XIX) destacaram-se fundamentos biopolíticos da estatística populacional, os quais após a 2ª Guerra Mundial, passaram a pautar-se por uma política da governamentalidade e conceberam a sua legitimidade por meio de conceitos como o de risco e de expectativa de vida.

Encaminhando a apreciação dos estudos, a pesquisa de Borges (2017) buscou examinar os discursos sobre a Educação Física em três documentos curriculares da rede municipal de Sorocaba. A análise parte de uma perspectiva foucaultiana e de estudos de orientações curriculares pós-críticas. No entendimento de que as produções curriculares examinadas seguem a lógica da volatilidade do mundo contemporâneo, o estudo mobiliza algumas noções da arqueologia dos saberes de Foucault para caracterização de sujeitos nos documentos analisados, valendo-se da compreensão de enunciado, formação discursiva e discurso.

Ao examinar as políticas curriculares expressas nos três documentos, o autor identifica diferentes enunciados de currículo da Educação Física. A primeira prática discursiva se destaca por meio do enunciado “Psicomotor e Desenvolvimentista”, remetendo-se a confecção de um sujeito integral baseado na garantia do desenvolvimento dos aspectos funcionais de aprendizagem, os que serviram de esteio para outras disciplinas.

Nos meandros de um segundo enunciado de currículo emergiu o “Esportivo e Saudável”, em que o que importa se destaca na produção de um sujeito competitivo e empreendedor. Ou seja, a produção do sujeito autogovernável. Diante de tais pressupostos curriculares, o autor



constata uma heterogeneidade discursiva envoltos de diferentes e, eventualmente, contraditórias, perspectivas de currículo da Educação Física. Esta heterogeneidade possibilita a produção de diferentes tipos de sujeitos, mesmo que em uma única proposta curricular.

Em outro estudo, objetivando problematizar o estatuto de verdade assumido pelo esporte no Brasil, o qual o produz como um direito garantido pelo Estado a todo e qualquer cidadão, Silva e Silva (2015) assumem enquanto investimento metodológico ferramentas da genealogia foucaultiana para a análise de leis e decretos. Na ênfase dos princípios de inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade em que os discursos devem ser tratados, as autoras invocam estes reguladores das pesquisas genealógicas de Michel Foucault para a análise da Constituição de 1988 a qual institucionalizou o Esporte como um direito no Brasil, sendo constituído por enunciados que o legitimaram juridicamente, desde uma prática do cotidiano e de lazer, até uma ferramenta estatal de potencialização da vida das populações - visto que as grandes transformações sociais experimentadas nas cinco décadas anteriores a constituinte de 1988 foram enfatizados valores nacionalistas, de disciplina e de rendimento no esporte.

Entretanto, com a nova constituição, os anos 1990 foram acompanhados de uma reinvenção na relação entre o Estado e o Esporte, de forma a garantir o esporte com uma diversificada e constante forma de atuação no cotidiano das pessoas, um direito a cada um dos cidadãos brasileiros. A Lei Zico de 1993 expandiu esse Esporte até conceitos mais integrais em âmbito individual e social, processo este, entendido como libertador do esporte frente a algumas amarras puramente biológicas e políticas das décadas anteriores, e com isso, alcançando mais pessoas.

Neste estágio, a classificação do fenômeno esportivo já tinha definições como educacional, de participação e de rendimento, evidenciando um regime de verdades que toma a prática esportiva para o desenvolvimento integral dos indivíduos por meio e com o auxílio do fenômeno esportivo, produzindo-o como uma verdade que invade a vida das pessoas, tornando-se assim naturalmente aceita por todos.

Já no estudo de Ilha e Hypolito (2017), os autores discutem as linhas de força do dispositivo da esportivização através da análise das relações de poder. As linhas de força – ou o poder do dispositivo – são abordados por meio de três dimensões: 1) pelo discurso da necessidade dos professores de Educação Física em atender aos interesses dos alunos por certas modalidades esportivas; 2) pelas disputas entre professor de Educação Física experiente e diretor de escola com professores de Educação Física iniciantes, e; 3) pelos embates suscitados pelo



status da Educação Física e seus saberes.

O discurso da necessidade dos professores de Educação Física em atender aos interesses dos alunos por certas modalidades esportivas envolve relações de poder, principalmente, entre professores e seus alunos. Os discentes apresentam força potente nesse jogo de poder, ainda que os docentes não aceitem, sem resistência e negociações, incorporar nas práticas curriculares da Educação Física atividades e conteúdos solicitados pelos alunos. O uso do espaço físico também imprime relações de força no quadro curricular da Educação Física. As disputas se evidenciaram entre professores de Educação Física de uma escola (iniciante com experiente) e entre o professor de Educação Física iniciante e o diretor de outra escola. Nestas duas situações, o exercício do poder pelo professor experiente e o diretor mostraram força frente aos professores iniciantes. Por fim, o status da Educação Física como campo de saber é abjeto, quando comparado a outros campos de saberes (disciplinares).

Prosseguindo para a pesquisa de Nunes e Neira (2017), os autores sinalizam à racionalização do espaço no currículo da Licenciatura em Educação Física de uma instituição de ensino privada, tendo como pressupostos teóricos a noção de governamentalidade proposta por Michel Foucault. O neoliberalismo e seus princípios são analisados nesta mesma perspectiva, como arte de governar, celebrando o Estado ao colocá-lo a serviço do mercado. Com a instituição de tal lógica, tecnologias de subjetivação são pensadas para a promoção de novas subjetividades aliadas ao desenvolvimento do capitalismo. Para os autores, “a concepção de currículo aqui apresentada inclui todas as formas de organização do espaço, do tempo, dos conhecimentos, das verdades e das práticas que ocorrem no interior da instituição” (NEIRA, NUNES, 2017, p.897).

Nesta direção, o espaço assume o caráter de dispositivo pedagógico do currículo, conduzindo a condutas dos sujeitos a ele vinculados, subjetivando-os. Diante de tais pressupostos analíticos, Neira e Nunes (2017) descrevem o espaço do *Campus* em questão, bem como a estrutura do curso de Educação Física, concluindo que ambos remetem para a instauração de uma cultura acadêmica, profissional e de vida que fogem aos padrões tradicionais.

Em outra investigação, considerando que a atividade epistemológica é histórica, e que com isso o conhecimento pode ser reorganizado e ressignificado ao longo do tempo, Mendes e Gleyse (2014), objetivaram contribuir com o debate acerca dos estudos epistemológicos direcionados à Educação Física, destacando que a ciência brasileira aponta em suas produções



discursos e práticas sobre corpo e saúde os quais transcendem padrões de estilo de vida dentro de um ideal saudável hegemônico.

Com isso, as autoras argumentam que torna-se válido problematizar os cuidados com o corpo em busca de ideais de saúde e o papel do movimento neste processo. Metodologicamente, o estudo considerou uma revisão de literatura em bases de dados brasileiras e francesas, evidenciando a escassez de estudos que tematizam o conceito de “cuidado de si”. Porém, a pesquisa lhes permitiu apresentar os momentos em que são abordados os saberes e as práticas relacionadas ao cuidado de si, e com isso, constatam que em um primeiro momento cuidar de si significa ocupar-se consigo mesmo. Preocupar-se consigo. Ou seja, “cuidar de si está relacionado com conhecer-se, cuidar de si para cuidar dos outros” (MENDES; GLEYSE, 2014, p. 512), logo tratando-se de uma atividade política.

Considerado o exposto, Mendes e Gleyse (2014) destacam que as reflexões sobre a Educação Física podem se dar a maneira que essa discussão problematiza o reforço ao culto ao corpo e os imperativos da vida saudável na atualidade, assumindo que a sociedade contemporânea é uma sociedade de aparências.

A prática do consumo enquanto feito condicionante de felicidade oferece estímulos para uma peregrinação em direção a perfeição corporal e adoção de um estilo de vida ativo, em que o individualismo é reforçado por meio da aparência corporal como uma conquista do indivíduo. Compreendendo isso, a “Educação Física poderá proporcionar práticas de liberdade por meio do uso dos prazeres, seja por meio de técnicas de concentração ou por outras práticas corporais capazes de proporcionar uma prática refletida sobre si mesmo e de quem está ao seu redor” (MENDES; GLEYSE, 2014, p. 512), visto que as demandas atuais os cuidados com o corpo em busca de saúde requerem a multidisciplinaridade.

Já Damico (2013) objetivou analisar determinadas formas de governamento da juventude por meio do esporte e do lazer em Grigny Centre (subúrbio de Paris). O autor recorreu a uma abordagem metodológica que dialoga com estudos de gênero e da antropologia política, a maneira que se vale de perspectivas que propõem uma aproximação crítica com a teorização foucaultiana.

A nível do corpus analisado no estudo, o autor se utilizou de documentos de imprensa; anotações das recordações de campo e entrevistas. Em suas conclusões, é evidenciado que a “racionalização” das políticas públicas na perspectiva neoliberal, contribuiu para uma corrida por resultados que acabam contribuindo para a marginalização de práticas esportiva e de lazer. Os



educadores sociais de Grigny Centre prescrevem, significados ou representações de condutas juvenis consideradas adequadas para um determinado tempo e espaço, às quais assumem caráter normativo e de prevenção, visto que a maioria das ações propõe como um dos seus objetivos a diminuição da violência.

A descrição dos trabalhos supracitados mostra as diversas possibilidades de se pensar com Foucault e utilizar a sua caixa de ferramentas conceitual de modos variados. Nas pesquisas aqui detalhadas, muitos conceitos circularam e mostraram-se potentes nas discussões apresentadas. Discursos, enunciados, verdades, sinalizaram modos de dizer e ver os temas abordados, assim como as relações de poder, ganharam destaque no olhar das práticas sociais sensíveis a Educação Física. O modo como os sujeitos são produzidos na relação com os outros, diante desses discursos permeados pelo exercício de poderes; e a sua produção na relação consigo mesmo, que traz à tona o conceito de cuidado de si, estudado por Foucault na sociedade grega; movimentaram a construção e desenvolvimento dos trabalhos.

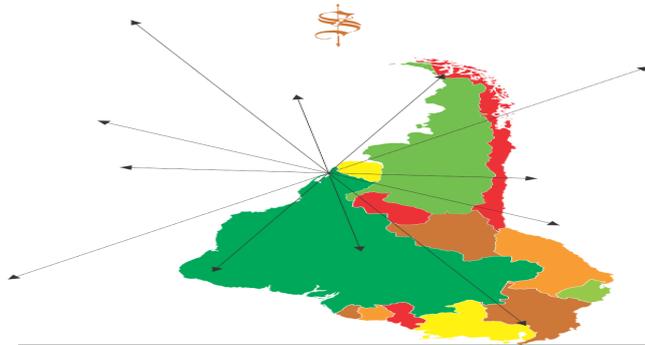
Estas breves constatações reforçam a ideia de como a obra de Michel Foucault é vasta e complexa. Assim, na tentativa de facilitar a compreensão dos caminhos trilhados, dos enfoques teóricos dados e dos delineamentos conceituais feitos pelo autor, alguns estudiosos organizaram a sua obra sistematicamente em três fases: arqueológica, genealógica e ética. Com uma proposta semelhante, Veiga-Neto (2007) é um dos pesquisadores brasileiros que mais estuda a obra de Michel Foucault, e prefere abordar os "Três Foucaults", por meio dos "Domínios Foucaultianos": o ser-saber, ser-poder e ser-consigo. Ainda que esse se fundamente na ontologia do presente, enquanto a ideia das fases esteja ligada ao tempo cronológico ou metodológico.

Importa destacar que estes domínios são categorizados pela sua ênfase e não exclusividade, pois saberes, poderes e subjetividade estão constantemente entrelaçados na obra de Michel Foucault. Inclusive, a intenção inicial era utilizá-los como eixos-norteadores no descrever dos resultados de pesquisa, com a identificação dos conceitos e ideias-chave dos trabalhos pesquisados. No entanto, a leitura empreendida no *corpus* de pesquisa potencializou a impossibilidade de enquadramento da perspectiva em questão.

Diante disso, o quadro abaixo apenas expõe aspectos gerais do *corpus* da pesquisa.

Quadro 1 – Publicações da Revista Movimento numa perspectiva foucaultiana na década 2008-2018

AUTOR	TEMA	MÉTODOS/PRODUÇÃO	DIMENSÃO
-------	------	------------------	----------



VII EXTREMOS DO SUL

(ANO)		DE DADOS	PRIORIZADA
Bossle (2008)	O personal trainer e a mediação profissional	Diálogo teórico	Cuidado de Si
Schwengber (2009)	A educação da mãe carinhosa e o discurso das práticas corporais e esportiva nas páginas da Pais & Filhos	Análise documental da Revista Pai & Filhos, no período de 1968 a 2004	Produção de Sujeitos
Fortin, Vieira e Tremblay (2010)	Dança e a educação somática	Pesquisa-ação	Discurso
Teixeira e Caminha (2010)	Academias de ginástica	Entrevistas com mulheres frequentadoras de academias de ginástica	Biopolítica
Rigo e Santolin (2012)	Obesidade na legislação brasileira	Análise documental da legislação	Biopolítica
Damico (2013)	Gestão da vida a partir do esporte e lazer	Documentos de imprensa Diário de campo Entrevistas	Governo
Mendes e Gleyse (2014)	O Cuidado de si em Michel Foucault: Reflexões para a Educação Física	Diálogo teórico	Cuidado de Si
Santolin e Rigo (2015)	Obesidade	Análise documental da legislação	Discurso



Silva e Silva (2015)	O Esporte como um direito	Análise documental da legislação	Verdade
Bossle e Fraga (2016)	Matriz curricular do curso de Educação Física da UFRGS	Análise documental do currículo	Condições de Possibilidade
Ilha e Hypolito (2017)	Os professores de Educação Física iniciantes e as relações de poder na escola	Entrevistas com professores de Educação Física iniciantes na carreira docente e um estudo de caso	Relações de Poder
Borges (2017)	Políticas de currículo da Educação Física	Análise documental de currículos	Produção de Sujeitos
Nunes e Neira (2017)	O espaço na Educação Superior	Observação sistemática	Governamentalidade

Conforme observado no quadro, dentre os 13 artigos encontrados os temas de pesquisa caminham por questões curriculares, da ordem da legislação, manifestações da cultura corporal e suas formas de vivenciá-las socialmente e práticas profissionais difundidas na área de Educação Física, demonstrando as diferentes frentes e seus objetos de pesquisa, bem como as possibilidades de serem olhadas pelas lentes foucaultianas.

A perspectiva foucaultiana destacou-se nos trabalhos por fomentar um modo de ver os objetos de estudo, a maneira que os autores lançaram mão de noções de sua obra, compondo várias ferramentas analíticas. Alguns conceitos ou ideias se sobressaíram nas discussões, como o caso do discurso, enunciado, (relações de) poder, governamentalidade, biopolítica, produção de sujeitos, cuidado de si.

A noção de discurso desencadeado nas pesquisas, tem nas palavras de Foucault (2013, p.66) que este “não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que diz” (FOUCAULT, 2013, p.66), ele está alicerçado em uma certa ordem



discursiva, de um campo de saber, em uma formação discursiva que tem todo um regime discursivo na definição do que pode ser dito, por quem e em que lugar.

Numa perspectiva foucaultiana, discurso, poder e saber formam uma tríade de elementos inseparáveis, na medida em que um estará sempre implicado no outro, produzindo-o. Como afirma Foucault (2014, p.109), “é justamente no discurso que vem a se articular poder e saber. E, por essa mesma razão, deve-se conceber o discurso como uma série de elementos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável”.

Permeado por discursos e relações de poder, o sujeito se constitui. Entretanto, “haverá sempre uma relação consigo que resiste aos códigos e aos poderes; a relação consigo é, inclusive, uma das origens desses pontos de resistência” (DELEUZE, 2005, p.111). O sujeito nada mais é do que uma construção histórica. Sendo, portanto, passível de transformação.

CONCLUSÃO

Diante da descrição dos trabalhos elencados para o presente estudo podemos constatar que a década 2008-2018 de publicações da Revista Movimento, no que tange a perspectiva foucaultiana, apresentou diferentes temáticas imbricadas à Educação Física, bem como variados modos de pensar o tema com o autor Michel Foucault.

Os trabalhos fundamentados nesta linha de pensamento possibilitam uma discussão incomum na área de Educação Física. Abrem caminhos e eixos investigativos problematizadores das relações de poder inerentes às práticas sociais; como as práticas sociais se constituem como discursos; como os discursos produzem sujeitos e como os sujeitos também se produzem na relação consigo mesmo.

O número de treze artigos encontrados para este estudo também permite concluir uma escassez de pesquisas desenvolvidas sob perspectivas foucaultianas que alcançam a fase de publicação em uma das mais importantes revistas científicas da Educação Física, como a Movimento (UFRGS). Os motivos e interesses atrelados a este cenário instigam reflexões acerca da possibilidade de receber maior atenção por parte da comunidade científica, impulsionando investigações profícuas e exitosas, visto que a nível epistemológico, análises fundamentadas pelas obras, legados e perspectivas de Michel Foucault já são consolidadas nas ciências sociais e humanas.

REFERÊNCIAS



BORGES, C.C.O. Políticas de currículo da Educação Física e a constituição dos sujeitos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3., p. 841-854, jul./set. de 2017.

BOSSLE, C.B. O personal trainer e o cuidado de si: uma perspectiva de mediação profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 187-198, janeiro/abril de 2008.

BOSSLE, C.B.; Fraga, A.B. A Racionalidade biomédica desportiva e materialização do fazer científico na matriz curricular do curso de Educação Física da UFRGS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 877-888, jul./set. de 2016.

DAMICO, J. Gestão da vida a partir do esporte e lazer em Grigny Centre - França. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 11-31, jan/mar de 2013.

DELEUZE, G. **Foucault**. 5. ed. Tradução de Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FORTIN, S.; VIEIRA, A.; TREMBLAY, M. A experiência do Discurso na Dança e na educação somática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 71-91, abril/junho de 2010.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

ILHA, F.R.S.; HYPOLITO, A.M. Linhas de Força de um dispositivo: os professores de Educação Física iniciantes e as relações de poder na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4., p. 1421-1434, out./dez. de 2017.

MENDES, M.I.B.S.; GLEYSE, J. O Cuidado de si em Michel Foucault: Reflexões para a Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 507-520, 2014.

NUNES, M.L.F; NEIRA, M.G. A racionalização do espaço como dispositivo da Educação Superior. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3., p. 895-906, jul./set. de 2017.

RIGO, L.C.; SANTOLIN, C.B. Combate da obesidade: uma análise da legislação brasileira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 02, p. 279-296, abr/jun de 2012.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p.37-50, set./dez. 2006.

SANTOLIN, C.B; RIGO, L.C. O nascimento do discurso patologizante da obesidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 81-94, jan./mar. de 2015.

SILVA, R.M.; SILVA, M.R. O esporte como um direito: traços e tramas da constituição de uma verdade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 69-80, jan./mar. de 2015.

TEIXEIRA, F.L.S.; CAMINHA, I.O. A supervitalidade como forma de poder: um olhar a partir das academias de ginástica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 203-220, julho/setembro



de 2010.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ESPORTE E LAZER NA PRISÃO: REFLEXÕES DO NORTE DO BRASIL

Diego Ebling do Nascimento

Wellington Macedo Coutinho

Andre Augusto Luis da Silva

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discorrer a respeito da situação do Norte do país no que tange ao sistema prisional e as atividades de lazer e esporte. Para tanto, tomamos por base dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, bem como pesquisas em material bibliográfico, assim como envio de questionários eletrônicos às unidades prisionais. Por fim, compreendemos que o lazer no presídio existe, sendo que este não pode ser negado. Ao negá-lo ou concordar que este não deveria estar presente neste momento de reclusão, seria compreender que os sujeitos privados de liberdade, além de estarem à margem da sociedade devem estar à margem relações sociais.

Palavras-Chave: Prisão, Lazer, esporte.

SPORT AND LEISURE IN PRISON: REFLECTIONS OF NORTHERN BRAZIL

Abstract

This study aims to discuss the situation in the North of the country regarding the prison system and leisure and sports activities. To do so, we took as a basis data from the National Survey of Penitentiary Information, as well as searches on bibliographic material, as well as sending electronic questionnaires to the prison units. Finally, we understand that leisure in the prison exists, and this can not be denied. When denying it or agreeing that it should not be present at this moment of imprisonment, it would be to understand that the subjects deprived of freedom, besides being at the margin of society should be at the margin social relations.

Key words: Prison, Leisure, Sport.

DEPORTE Y LAZER EN LA PRISIÓN: REFLEXIONES DEL NORTE DEL BRASIL

Resumem

Este trabajo tiene por objeto discurrir sobre la situación del Norte del país en lo que se refiere al sistema penitenciario y las actividades de ocio y deporte. Para ello, tomamos por base datos del levantamiento nacional de informaciones penitenciarias, así como investigaciones en material bibliográfico, así como envío de cuestionarios electrónicos a las unidades penitenciarias. Por último, comprendemos que el ocio en la cárcel existe, y éste no puede ser negado. Al negarlo o



acordar que éste no debería estar presente en este momento de reclusión, sería comprender que los sujetos privados de libertad, además de estar al margen de la sociedad, deben estar al margen de las relaciones sociales.

Palabras Clave Prisa, ocio, deporte.

INTRODUÇÃO AOS PERCUSOS DA PESQUISA

O cárcere, em geral, é compreendido como ambiente em que predomina a retribuição penal, não obstante o debate humanista e a luta dos chamados Direitos Humanos para estabelecer intramuros um ambiente de maior dignidade humana, o que de fato se registra e que se encorpa no imaginário social é a velha flâmula de que a justiça só ocorre por meio do sofrimento daquele que deu causa ao dano sofrido por alguém, ou mais precisamente pela vítima, para sermos contemporâneos, a justiça virá com o sofrimento de quem comete ato tipificado antijurídico e culpável (SILVA, 2014).

Desse modo, longe é o caminho a ser percorrido pela justiça restaurativa, e mesmo pela proposta em que para se julgar se carece estar límpido de culpa (JOÃO, 1993). Vivemos um universo bem classificado por Beccaria (2003) que, ao descrever em seu clássico livro, *Dos Delitos e das Penas*, como são forjadas as leis, de seu tempo para nosso período, apreciamos que as coisas só se tornaram mais sofisticadas na articulação entre uma nefasta axiologia societária e a lógica de controle e dominação das gentes⁷⁷.

No presente artigo, tomamos por base alguns dados da pesquisa Diagnóstico dos Serviços Prisionais no Brasil, realizada pelos autores para o Ministério da Justiça (MJ), Secretaria de Assuntos Legislativos da Presidência da República (SAL), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e com adaptações para o Ministério do Esporte (ME), hoje Secretária Especial de Esporte. Neste estudo, nos propomos a sopesar o cárcere, especialmente na Região Norte do Brasil, articulando a lógica de que a convivência humanizada por meio do esporte e lazer pode contribuir para um cotidiano carcerário intramuros menos dramático e mais propício ao retorno para a sociedade, possibilitando a mitigação da violência e facilitando as ações da denominada política de reintegração social dos governos estaduais e federal.

Este estudo é um se efetiva por meio de uma pesquisa bibliográfica como afirma Severino (2007, p. 122), “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses entre outros. Para além disso, tomamos por base documentos de matriz oficial e dados do Levantamento Nacional

⁷⁷ Embora tenha que realizar a ressalva do termo “sofisticado” quando remeto o juízo para a casa de leis tupiniquim.



de Informações Penitenciárias (INFOPEN) do ano de 2014, pois, posterior a essa dado, não foram levantados dados mais recentes do que extraímos e aparecessem ao logo do nosso estudo.

Posteriormente a esse levantamento entramos em contato, por meio eletrônico, com todos os gestores das unidades prisionais da Região Norte do país objetivando averiguar as atividades de lazer e esporte das unidades prisionais dos estados elencados e, na medida, que eles achassem possível repassarem o questionário aos profissionais responsáveis por estas atividades aos que optarem por contribuir com a pesquisa, na qual foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo - CEPSAP. Porém, infelizmente, foram devolvidos apenas 4 questionários, no qual diversos gestores alegaram não repassarem o questionário por questões ligadas à segurança.

PERSPECIVAS INTRAMUROS

“Você não sabe como é viver na mira de uma ‘HK’, metralhadora alemã ou de Israel estraçalha ladrão que nem papel. Na muralha, em pé, mais um cidadão ‘José’. Servindo o Estado, um ‘PM’ bom. Passa fome, metido a ‘Charles Bronson’. Ele sabe o que eu desejo. Sabe o que eu penso. O dia tá chuvoso. O clima tá tenso...”

A música “Diário de Um Detento”, dos Racionais Mc’s, cantada dentro das prisões do Brasil, no final da década de noventa, e no primeiro quartel dos anos dois mil, demonstra um pouco o cenário que se forja por detrás do simbolismo dos muros das prisões. De fato, um simbolismo, pois que tais muros não separam em quase nada aqueles que dentro estão, do mundo externo, a população carcerária interage significativamente com o universo extramuros, esse é um dos motivos, dentre vários que nos convence de que se falar em reintegração e mesmo em ressocialização é um discurso ou falacioso, o que é mais comum, ou de quem ainda não entende o que discursa o que também não é incomum (SILVA, 2014).

Em uma ignóbil armadilha de controle associados, Estado e Poder Econômico, forjam uma ardilosa armadilha, colocam membros da mesma classe, que são submetidos ao mesmo “chicote” para se autogerirem no caldo dramático do sofrimento, vejamos que o poeta foi capaz de interpretar na letra da citada música a miséria do representante do Estado, e tal letra fora cantada como deboche pela população carcerária, demonstrando que sabia que a suposta “autoridade” representada pelo agente da lei era mera fantasia de momento, que de fato, era mais um explorado pelo sistema.

Esse caldo, associado à revolta, ao tempo e às condições precárias, aos castigos, enfim a toda sorte de carências e evidentemente ao vício e seu preço que sempre é alto, determina um



ambiente propício para a barbárie, mais ainda, a insaciável busca pelas benesses produzidas pela sociabilidade, dentre elas o prazer em suas mais variadas dimensões, forjam uma axiologia explosiva intramuros (SILVA, 2016).

A vida então recebe em seu cotidiano uma aguda ampliação dos valores egoístas, e o individualismo impera em altos níveis, sempre se associando a um coletivismo de interesses, nessa seara tudo é forja de violência e barbárie (BECCARIA, 2003).

Evidentemente os aspectos estruturais de superlotação e rotinas, amplificam a dureza do existir, enfim é um ambiente em que todos os que ali habitam encarcerados, visitantes e funcionários, são, cada qual a seu modo, atingidos pela violência própria do mundo do cárcere, violência que é produzida e reclama seu quinhão de existência, ou seja, que se reproduza naquele e por meio daquele em que ela própria fora produzida (CRAIDY, 2010).

Para tanto, podemos mencionar que o lazer no Sistema Prisional é privado de um espaço adequado para a sua efetivação. Basicamente o lazer não é oferecido pelo Sistema Prisional, tal sistema não dispõe de uma estrutura tampouco uma preocupação em fornecer meios para que ele seja realizado. Porém, mesmo assim, o Lazer resiste e se desenvolve em diversos espaços adversos a ele, e contribui de forma profícua no espaço prisional (ALMEIDA, 2003).

Em juízos anteriores averiguávamos que no cárcere se urdem mentes flamejantes do capital, verdadeiras expressões do “homem econômicos”, se tal análise possui nexos de realidade, o ambiente intramuros é em vários sentidos impróprios para a convivência de humanos (SILVA, 2014, 2016).

A autoimagem que o cotidiano carcerário forja é realmente algo medonho, a percepção do outro é totalmente limitada uma vez que a expressão também possui seus limites, sejam dados pelo nexos do código carcerário seja pelo sentido das rotinas e comportamentos próprios do sistema penitenciário e suas autoridades intramuros. Nesse norte imaginemos o tipo de julgamento que faríamos de nós mesmos, logo após estarmos ou sob suspeita por sentença judicial transitória ou mesmo por determinação do trânsito em julgado e com nosso nome constando no livro dos culpados, a autoestima intramuros pode chegar a níveis suicidas, tanto é assim que sobreviver ao cárcere poderá representar a maior rebeldia (CRAIDY, 2010).

Para Melo (2003), quando se remete aos estudos do Lazer, em geral, as pessoas não têm a ciência de como este tema pode modificar a vida dos sujeitos. O autor ainda faz um contraponto de como as práticas de lazer das classes mais favorecidas economicamente é bem maior do que a menos favorecidas. Isso acontece porque as camadas menos favorecidas são desprovidas do que ele chama de lazer digno.



O lazer, numa suposta escala hierárquica de necessidades humanas, seria menos importante que a educação, a saúde e o saneamento (com certeza tidas essas dimensões humanas são fundamentais, mas por que seria o lazer menos importante? Além disso, existe relação direta entre lazer e saúde, lazer e educação, lazer e qualidade de vida, as quais não podem ser negligenciadas (MELO, p. 35, 2003).

Nesse sentido, em esforço significativo para um ambiente mais digno, e uma aproximação ao que discorre a Constituição Federal de 1988, as leis mais abrangentes que definem conceitos gerais como a Organização Mundial de Saúde – OMS ao discorrer sobre a saúde, até a Lei de Execução Penal – LEP, todas atingindo a seu modo à população carcerária, e mesmo assim, se verifica que as atividades como as denominadas de laborterapia se acotovelam intramuros entre aquelas eminentemente de labor e as de terapia ocupacional em intenso esforço por existir.

Nesse meio termo, quase que inexistente se encontram algumas atividades relacionadas também à atividade física, evidentemente com certo sentido recreativo que são mais difundidos como os jogos e entre eles o de futebol, e poucas atividades físicas direcionadas por profissional adequado.

Considerando o dramático cenário de violência e barbárie vivido intramuros que recentemente teve seu acirramento alargado, apostar em atividades que diminuem a tensão das relações intramuros e estabelecem vínculos sociais mais próximos com o que se entende de dignidade humana é fundamental para o sistema prisional e sua população carcerária, uma vez que diminui o que chamamos de “esquizofrenia do cárcere”, que reduz a uma sociedade totalmente distinta daquela extramuros o sujeito, todavia, na suposta intencionalidade de aprimorá-lo para o retorno a sociedade que fora segregado (SILVA, 2014).

CENÁRIOS ABSTRUSOS

A pena dependendo do nexos que se interprete da mesma, poderá nos levar a cenários diversos esse é o horizonte aqui já encaminhado, o direito de resistência já fora objeto de análise legítimo para paisagens cruentas⁷⁸, assim se questiona a finalidade da pena, porém é comum a defesa do trabalho, inclusive em modelos como o da Apac (Associação de Proteção e Amparo aos Condenados) como elemento essencial à pena, evidentemente falamos em trabalho explorado, àquele que rende graças ao mercado e fornece a força de trabalho dócil, dificilmente

⁷⁸ Embora significativa parte da filosofia se oriente pelo sentido de obediência, insistimos na necessidade de se buscar a tensão societária como elemento de aprimoramento, nesse aspecto, talvez possa concordar com *Nietzsche* em suas reflexões sobre a origem da filosofia no seio do povo grego.



se averigua que a pena deverá ter caráter diferente daquele que enseja o crivo da retribuição, principalmente no Brasil, de fato, em algumas singularidades no mundo, poderemos verificar tratativas penais diferentes, como nos demonstra a prisão de Bastoy e sua incrível taxa de reincidência e custo, seu sucesso nos estimula a outras possibilidades para o sistema prisional brasileiro (SANTOS E SILVA, 2012).

No entanto o velho desejo de vingança ainda nos impulsiona para as prisões “modelo” medieval, e assim vivemos o caos do sistema prisional brasileiro. Nesse interim esporte e lazer são artigos indesejados na prisão, pelo senso comum, que avalia a prisão a seu modus raso, e por oportunistas que fazem fortuna da tragédia coletiva denominada cárcere (SILVA 2014).

O fato é que o esporte e o lazer deveriam ser tratados em sua própria natureza, qual seja direito da população carcerária de terem dignidade humana, acesso a um serviço que se analisado de maneira inteligente, demonstra cabalmente sua contribuição para um ambiente menos tenso, evidentemente que o lazer e o esporte propiciam esse contexto, além de permitir o desenvolvimento de talentos (MARCELINO, 2016).

Entretanto, sobre o esporte, Barbanti (2006) entre outros, pondera a perspectiva cultural e o caminho histórico que percorreu para se chegar hodiernamente a um contexto de disputa, individualismo e meritocracia. Como se sabe que no capital tudo se transforma em mercadoria com o advento do mercado⁷⁹, evidentemente o esporte e o lazer seguiu esse curso, considerando sua fragmentação como elemento cultural e sua estruturação para o consumo e transmissão de uma axiologia voltada ao negócio. “É no bojo da sociedade capitalista, portanto, que se funda o esporte como conhecemos hoje”. (SANTOS E SILVA, 2012, p.179).

No Brasil, a trajetória de uma sociedade marcada pela lógica militar determina ao esporte um sentido próximo do homem forte e de valores positivistas, elementos interessantes à estruturação de uma sociedade em que predomina uma autocracia burguesa cruenta e ávida por manter suas benesses mesmo que uma pátria inteira seja corroída pelo capital transnacional. Para tanto, se veja as análises de Netto (1996) e as configurações do mosaico internacional que segue o curso da sociedade brasileira apoiada pela autocracia burguesa, utilizando-se do militarismo como instrumento nodal a seu intento.

⁷⁹ “Ó tu, amado regicida; caro divorciador da mútua afeição do filho e do pai; brilhante corruptor dos mais puros Leitões do Himeneu! Valente Marte! Tu, sempre novo, viçoso, amado galanteador, cujo brilho faz derreter a virginal neve do colo de Diana! Tu, deus visível, que tornas os impossíveis fáceis, e fazes com que se beijem! Que em todas as línguas te explicas para todos os fins! Ó tu, pedra-de-toque dos corações! Trata os homens, teus escravos, como rebeldes, e, pela tua virtude, arremessa-os a todos em discórdias devoradoras, a fim de que as feras possam ter o mundo por império” (SHAKESPEARE apud MARX, 2001, p. 168).



Tendo suas origens marcadas pela influência das instituições militares – contaminadas pelos princípios positivistas e uma das que chamaram para si a responsabilidade pelo estabelecimento e manutenção da ordem social, quesito básico à obtenção do almejado Progresso, - a Educação Física no Brasil, desde o século XIX, foi entendida como um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo “forte”, “saudável”, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo de sua condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquele século, buscava construir seu próprio modo de vida. (CASTELLANI FILHO, 2010, p.30)

Sendo esse contexto realidade, as instituições recebem tal traço característico e evidentemente que as instituições penais também receberam e recebem essa orientação, assim o esporte como elemento em que se considera a constituição de práticas características da estruturação do indivíduo “forte”, é observado com certa cautela e mesmo inapropriado para as populações carcerárias.

Se o lazer é mitigado pelo sentido de retribuição contido no bojo da pena, o esporte recebe o mesmo tratamento pela lógica de controle necessário àqueles que estão encarcerados e nesse âmbito quanto mais vulneráveis mais controláveis. Dessa feita, veremos o cenário perdulário que os dados apresentam quando consideramos a população carcerária da Região Norte.

Um primeiro aspecto para nossa ponderação é o quantitativo estimado de pessoa presa, conforme a tabela abaixo:

I. População carcerária da região norte.
II.

Estado	Masculino	Feminino
Amapá	2.539	124
Acre	4.002	242
Amazonas	8.151	717
Tocantins	5.480	292
Roraima	1.432	172
Rondônia	16.715	1.272
Pará	11.245	713
Total	49.564	3.532

Fonte: INFOPEN/Dezembro, 2014.

Veja-se que embora a Região Norte se encontre como a maior extensão territorial do País, sua ocupação populacional apresenta em números concretos apenas 8% conforme dados do IBGE (2010), com um total de 15.864.454 habitantes. Ora desse total, mesmo considerando dados demográficos de 2010, em 2014 sua população carcerária em relação aos dados demográficos, corresponde nessa proporcionalidade, a aproximadamente 8% da população da Região.



Essa lógica de encarceramento determina evidentemente uma política com cerne de controle e punitivismo em um cenário de óbvia desigualdade social na Região e mais, a evidente contramão em que opera a política criminal brasileira ávida pela lógica do encarceramento.

Ressaltamos esse contexto para aprofundarmos que nesses elementos estruturais sequer se avista uma melhor condição de vida e mesmo a condição de vida digna intramuros, o que evidentemente, determina a mitigação do esporte e do lazer nesse espaço. Para compreendermos melhor o espaço que cabe a cultura e seus assemelhados vejamos a tabela abaixo:

Membros da população carcerária envolvidos em atividades educacionais complementares (videoteca, atividades de lazer, cultura, etc.).

Estado	Masculino	Feminino
Amapá	-	26
Bahia	94	-
Espírito santo	171	167
Minas Gerais	386	59
Mato Grosso do Sul	-	8
Mato Grosso	6	47
Pará	23	-
Pernambuco	543	-
Paraná	415	74
Rio de Janeiro	-	1
Rio Grande do Sul	10	-
Santa Catarina	173	5

Os Estados que não estão na tabela não possuem essas atividades.

Fonte: INFOPEN/Junho, 2014.

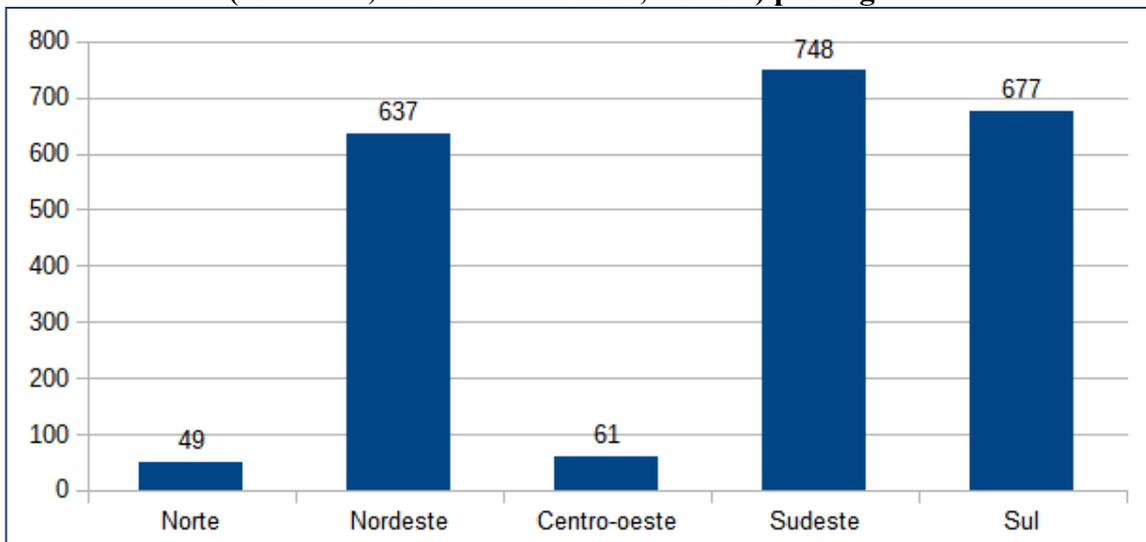
Assim a população carcerária em 2014 foi 53.096, apenas 49 pessoas na Região Norte em atividades que envolvam a cultura e semelhantes, como o lazer e o esporte segundo dados oficiais. Alguns Estados, com expressiva população, como, por exemplo, o Amazonas, sequer aparece nessa estatística. Acre, Rondônia, Roraima, Amapá, e Tocantins são outros estados que ficaram de fora.

Percebemos que nesse cenário nada mais natural que um ambiente de extrema tensão e mesmo violência, o que em certa medida responde ao ocorrido no Complexo Penitenciário Anísio Jobim em Manaus/AM, no dia primeiro de 2017 com um saldo de 56 mortes. Sopesamos que é possível em unidades menores, com a cautela em ações como o lazer e o esporte que mitigam a tensão, além de um bom serviço de inteligência, que essa realidade do dia primeiro de 2017 fosse bem diferente.

O gráfico a seguir evidencia o atraso que encorpa a Região Norte no quesito cultura e



Gráfico I. Pessoas presas envolvidas em atividades educacionais complementares (videoteca, atividades de lazer, cultura) por região.



Fonte: INFOPEN/Junho, 2014.

A Região Norte é a última no Brasil em participação de pessoas presas em atividades de cultura, esporte e lazer, nesse caminho vejamos como os dados nos apoiam referentes à disposição dos serviços prisionais:

III. Estados do norte com profissionais de Educação Física⁸⁰.

Estado	Quantidade
Amapá	3
Pará	1
Amazonas	Não informa a quantidade

Em toda a Região, conseguimos registros de quatro profissionais e nos demais Estados

⁸⁰ AMAPÁ – Portal da Transparência do Amapá (DEZEMBRO/2017). Disponível em: <<http://www.transparencia.ap.gov.br>>, Acesso em: 08 de fev de 2019.
 PARÁ – SEAD. Secretaria de Estado de Administração. Disponível em: <http://www.sead.pa.gov.br/sites/default/files/dem_remun_pessoal_jan_2018_parte_4.pdf>, Acesso em: 08 de fev de 2019.
 AMAZONAS – SEAP. Secretaria de Estado de Administração Penitenciária 2 anos. Manaus: SEAP, 2017. p. 111.



sequer existe esse campo de tabulação, a importância dada para o esporte e o lazer, que deveria ser considerados vitais nesses ambientes, chega a ser algo medonho, o que evidencia a pouca coerência nos discursos de reintegração ou de ressocialização.

Todavia é interessante se perceber que nas atividades de ponta, ou seja, junto aos profissionais que atuam no cotidiano carcerário, é sentido a necessidade do esporte e do lazer, infelizmente às ações estruturantes para sua existência efetiva, não existem. Vejamos algumas reflexões das entrevistas da pesquisa, assim teremos os seguintes elementos:

Nós temos o que, aquele bandido que é pobre, aquele bandido que é baixa escolaridade e que pra ele é considerado como estigma. Se eu mantiver uma criança foca, mantiver uma criança focada no estudo e no esporte, eu tenho infinitamente mais chances de produzir o que ela tem de melhor, entendeu, ou seja, ela não vai ficar ociosa com que quer, ela vai fazer o que precisa, também na educação podemos combater isso, então acho que essa seria a ideia (Profissional da Educação Física Pará).

De maneira geral o trabalho nosso é vinculado a um grupo multiprofissional, que de maneira sumária está vinculada a reinserção social, aí existe alguns eixos que a gente acaba desenvolvendo, eixo de educação formal, eixo de educação não formal, trabalho e atividades profissionalizantes, ocupação do tempo livre, lazer, tudo voltado ao interno. É um trabalho muito vinculado, pelo menos teoricamente, a finalidade do sistema prisional, que é munir essa pessoa que no momento está privada de liberdade, de ferramentas que possibilitem ela retornar a sociedade, para ele se integrar de maneira mais harmoniosa, desvinculando, a medida do possível, essa pessoa do ambiente criminoso, então normalmente, a lógica do trabalho ela é com a equipe multiprofissional, que desenvolve ações que de alguma maneira, uma hora ou outra mais pontual, uma hora ou outra mais abrangente, consiga trazer esse tipo de demanda para o sistema prisional, que vá além, da mera disciplinarização, da mera custódia, entoa a proposta de ter um professor de educação física, é compor essa equipe. A contribuição específica do professor de educação física, embora ele tenha um caráter abrangente, ele desenvolve especificamente a atividades de lazer, que envolve esporte, a ocupação do tempo livre, a educação. De maneira ampla, apontando para a reintegração social, contato com a família, de maneira geral o trabalho é esse (Profissional da Educação Física/Amapá)

Tendo por base os excertos acima, salientamos que um dos objetivos da realização de atividades quem envolva esporte e lazer, no interior das unidades prisionais brasileira são, de acordo com o pensamento de Almeida (2003), fomentar a necessidade do controle e da disciplina. Tal fato para o autor supracitado caracteriza o processo de ressocialização perseguido no contexto da prática da privação de liberdade.

Para Melo (2014), a prática de atividade física nas unidades prisionais, além de contribuir na socialização dos detentos, auxilia na disciplina e manutenção da ordem, pois quando o tempo ocioso dos detentos é ocupado com práticas de lazer, tal fato corrobora para a tranquilidade da unidade.



Das atividades de Lazer e esporte elencadas por estes profissionais, destacam-se:

Televisão, há espaços de convívio comum que aparecem esse aparelho, há, também a presença de alguns televisores em celas. Tal aparelho assume uma função de destaque nas unidades prisionais, pois acaba sendo um contato com o mundo externo, e, muitas vezes, para alguns indivíduos o único contato.

Banho de sol, ou hora do pátio, na qual acontecem diversas atividades, como por exemplo musculação com equipamentos improvisados, corrida, jogos de tabuleiro tais como dama e xadrez, ou, simplesmente ficar parado ou conversando. Cabe ressaltar que não há equipamentos específicos de lazer, sendo que os próprios sujeitos ali encarcerados organizam e improvisam estes espaços.

Futebol, geralmente com sua quadra (improvisada) no meio do pátio da unidade prisional, sendo que existe, na maioria das vezes, um tempo determinado para cada grupo ou time treinar, e, algumas vezes, ocorre campeonatos entre os sujeitos privados de liberdade.

Festas, estas ocorrem apenas em momentos especiais, tais como dia das mães, pais, crianças e natal, sendo que a família tem o “direito” de ficar com o familiar o dia inteiro na unidade prisional. Cabe salientar que para estes momentos o profissional que faz essa intermediação é o Assistente Social, pois nos outros momentos quem assume na maioria das vezes a função é o agente penitenciário.

Porém temos avançado no que tange as discussões envolvendo práticas de lazer e esporte nas unidades prisionais, pois em 2013, houve a tentativa que a Lei de Execuções Penais, em seu artigo 126, LEP - Lei nº 7.210 de 11 de Julho de 1984. O condenado que cumpre a pena em regime fechado ou semiaberto poderá remir, por trabalho ou por estudo, parte do tempo de execução da pena. (Redação dada pela Lei nº 12.433, de 2011), passasse a ter a seguinte redação: “o Condenado que cumpre a pena em regime fechado ou semiaberto poderá remir, por trabalho, por estudo ou por desporto parte do tempo em execução de pena”.

O objetivo de tal adendo à lei era auxiliar no resgate a dignidade das pessoas privadas de liberdade favorecendo uma política de redução de danos e diminuição do nível de



vulnerabilidade desse grupo social, segundo os autores Paulo Teixeira (PT-SP), Jô Moraes (PCdoB-MG) e Romário (PSB-RJ), no qual se previa a remição de um dia da execução da pena para cada 12 horas de frequência em atividades esportiva. Para tentar justificar a inclusão deste item, os autores justificaram que uma atividade desportiva dentro das unidades prisionais se denota como uma alternativa saudável e eficiente para o cumprimento da sanção penal, incutindo valores e aptidões imprescindíveis à vida em sociedade, dizem os autores.

CONSIDERAÇÕES

O cárcere brasileiro é entoado pela cantiga da retribuição penal, os gestores não entendem a importância em propiciar um ambiente mais digno e harmonioso para o desenvolvimento das relações pessoais intramuros, e se entendem não se dignam em lutar por algo diferente ao que gestam. Fato este que justifica o motivo de muitos gestores não terem devolvido os questionários.

De fato, ao fim e ao cabo, o que ocorre é a segregação do indivíduo de um espaço social extramuros que por diversas variáveis determinou seu aprisionamento, para um espaço social intramuros com regras próprias a esse ambiente, um dado “Código Carcerário”. Uma análise séria verificará dada “esquizofrenia de gestão”, no qual as ações estão inversamente proporcionais aos supostos objetivos elencados nos discursos.

Entendemos por meio deste estudo que o Lazer de pessoas de classes econômicas diferentes possui uma grande diferença. Tal fato pode ser exemplificado por um sujeito que não dispõe de recursos financeiros para a prática de lazer, na qual, muitas vezes, acorda muito cedo e perde horas de deslocamento até seu local de trabalho, ou nas poucas ocasiões que tem de ir a praia, cachoeiras ... enfrenta grandes dificuldades de deslocamento por conta do sistema público de transporte, enquanto as pessoas de alto poder aquisitivo podem fazer realizar esses trajetos de forma mais confortável, por exemplo. Agora se esse cenário é transferido para o sistema prisional, percebemos que as pessoas de baixa renda estão negadas ao lazer tanto na situação de liberdade quanto da privação desta.

Cabe destacar que os estudos que envolvem a temática do Lazer, representam atividade de nível complexo, na qual, infelizmente as Políticas Públicas do Sistema Prisional não fazem jus ao seu caráter educativo. Tendo por base a pouca literatura científica existe nesse âmbito, podemos afirmar que o lazer, nestes espaços, acontece apenas de maneira utilitarista, na qual a intenção é o esgotamento das energias dos detentos, muitas vezes, por meio do jogo de futebol,



acreditando que, dessa forma, cansados fisicamente estariam menos suscetíveis a rebeliões.

Para não ficarmos nesse sentido e incorrerem em ingenuidade e romantismo teórico, resta à óbvia análise de que o cárcere é instrumento de controle e eliminação de dada franja social e enquanto esse for o tom institucional e em dada mediada, social, resta para aqueles que têm “olhos de ver”, a necessária “guerra de trincheira”, em que cada polegada em que se forja a negatividade ao capital é fundamental para um novo modelo carcerário possível em que exista dignidade e concomitantemente o esporte e o lazer à população carcerária, nos resta, portanto a luta.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. B. Lazer e Reclusão: Contribuições da Teoria da Ação Comunicativa. 2003. 158 f. Dissertação (Mestrado) - **Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas**, Campinas, 2003.
- BARBANTI, V. **O que é esporte?**. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, v. 2, p. 54-58, 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RBAFS/article/viewFile/833/840> Acesso em: 16. fev. 2018.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Assuntos Legislativos **Dar à luz na sombra: condições atuais e possibilidades futuras para o exercício da maternidade por mulheres em situação de prisão**. Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos. -- Brasília: Ministério da Justiça, IPEA, 2015. 92 p. : il. – (Série Pensando o Direito, 51).
- BECCARIA, C. **Dos delitos e das Penas**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- CASTELANNI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2010.
- CRAIDY, C. M. (Org). **Educação em prisões: direito e desafio**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- MARCELINO, N. C. **Estudo do Lazer: uma introdução**. Campinas SP, Autores associados 2016.
- MARX, Karl. **Miséria da Filosofia: Resposta à Filosofia da Miséria de Proudhon**. Trad. Paulo Ferreira Leite. São Paulo: Centauro, 2001.
- MELO, V. A. **Introdução ao Lazer**. Barueri SP: Manole, 2003.
- MELO, V. A. Lazer, esportes e presidiários: algumas reflexões. **Revista Digital Efdesportes**, Buenos Aires, ano 11, n. 106, mar. 2007. Disponível em: <http://www.efdesportes.com/efd106/lazer-esporte-e-presidiarios-algumas-reflexoes.htm> Acesso



em: 16 MAIO. 2019.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós – 64.** São Paulo: Cortez Editora, 1996.

SANTOS, E.; SILVA, G. **Contribuição sobre megaeventos esportivos: quebrar ilusões para um debate necessário.** Caderno de Debates da Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física, Feira de Santana, v. 14. p. 176 – 191. julho 2012.

SILVA, André Luiz Augusto da. **Retribuição e Historia: Para uma Crítica ao Sistema Penitenciário Brasileiro.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014.

SILVA, André Luiz Augusto da. DUARTE, Samuel Correa. **A Questão Penal e o Direito de Resistencia: Controle, Direitos Humanos e Capitalismo.** Curitiba: CRV Editora, 2016.

SOARES, B; SILVA, I. **Prisioneiras: vida e violência atrás das grades.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SPORT CLUB INTERNACIONAL: SOBRE O FUTEBOL DE MULHERES NO CLUBE DO POVO

Ana Laura Eckhardt de Lima⁸¹

Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer⁸²

RESUMO

Este artigo toma por tema central o futebol de mulheres do Sport Club Internacional. Tal delimitação compôs parte de uma pesquisa que visou diagnosticar a relação entre mulheres e futebol no Rio Grande do Sul. Através de conversas com integrantes da comissão técnica da equipe de mulheres do Internacional e da busca por acontecimentos implicados com o tema, acompanhamos e descrevemos a reativação do departamento de futebol de mulheres desse clube no ano de 2018. Concluímos que o que compôs o cenário que tornou possível tal reativação foi a aproximação das mulheres com o clube desde o princípio, a história de conquistas do antigo departamento, as legislações em conjunto com a necessidade de adequação do clube para poder disputar competições importantes do futebol de homens (Profut, CONMEBOL), além de pessoas determinadas a desenvolver o futebol de mulheres e uma diretoria que se propôs a abrir as portas para a modalidade.

Palavras-chave: Mulheres. Futebol. Sport Club Internacional.

SPORT CLUB INTERNACIONAL: ON THE FOOTBALL OF WOMEN IN THE CLUB OF THE PEOPLE

⁸¹ Graduada em Educação Física Licenciatura, Universidade Federal do Rio Grande, analaura_eck@hotmail.com.

⁸² Doutor em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande, felipao.rg@hotmail.com.



ABSTRACT

This article focuses on the women's soccer of the *Sport Club Internacional*. This delimitation was part of a research that aimed to diagnose the relationship between women and football in Rio Grande do Sul, south of Brazil. Through talks with members of the technical team of the women's team from *Internacional* and the search for events related to the theme, we follow and describe the reactivation of the women's football department of that club in the year 2018. We conclude that what made the scenario that made possible such a reactivation was the approach of women to the club since the beginning, the history of achievements of the old department, the legislations along with the need for suitability of the club to be able to play important men's football competitions (Profut, CONMEBOL), as well as people determined to develop women's football and a board that proposed to open the doors to the modality.

Keywords: Women. Soccer. Sport Club Internacional.

SPORT CLUB INTERNACIONAL: SOBRE EL FÚTBOL DE MUJERES EN EL CLUB DEL PUEBLO

RESUMEN

Este artículo tiene por tema central el fútbol de mujeres del Sport Club Internacional. Esta delimitación compuso parte de una investigación que visó diagnosticar la relación entre mujeres y el fútbol en Rio Grande do Sul, sur de Brasil. A través de conversaciones con integrantes de la comisión técnica del equipo de mujeres del Internacional y de la búsqueda de acontecimientos implicados con el tema, acompañamos y describimos la reactivación del departamento de fútbol de mujeres de ese club en el año 2018. Concluimos que lo que compuso el escenario que hizo posible tal reactivación fue la aproximación de las mujeres con el club desde el principio, la historia de conquistas del antiguo departamento, las legislaciones en conjunto con la necesidad de adecuación del club para poder disputar competiciones importantes del fútbol de hombres (Profut, CONMEBOL), además de personas determinadas a desarrollar el fútbol de mujeres y una dirección que se propuso abrir las puertas a la modalidad.

Palabras clave: Mujeres. Fútbol. Sport Club Internacional.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa, cujo tema central é o futebol de mulheres do Sport Club Internacional. Entendemos que a relação das mulheres com o futebol dentro do clube vem sendo construída há muitos anos, ao passo que algumas barreiras têm contribuído para uma história marcada por descontinuidades, principalmente quando nos referimos ao futebol jogado dentro das quatro linhas, tendo em vista que, já nas décadas de 1980 e 1990, o Internacional possuía uma equipe bastante vitoriosa de mulheres, revelando, inclusive, atletas para a seleção brasileira da época. Todavia, nos anos seguintes uma lacuna se estabeleceu adormecendo a modalidade que ressurgiria somente anos mais tarde.



Entre lacunas e continuidades, ao longo de sua história, o Internacional sempre valorizou a presença das mulheres no futebol, seja na arquibancada, no âmbito do conselho deliberativo ou nos gramados. No ano de 1918, Maria Von Ockel⁸³ se tornou a primeira mulher sócia de um clube de futebol no Brasil. Através das arquibancadas do Internacional, Maria nos dá o primeiro registro da história das mulheres no futebol dentro do clube. História essa que se estendeu para o conselho deliberativo, o qual anos mais tarde contou com a presença da primeira mulher conselheira de um clube de futebol, a Jessy Bellomo Mancuso⁸⁴. Já em 1940 o Internacional contava com um departamento de futebol “feminino”, na época chefiado por Alayde Fagundes⁸⁵, que também foi responsável por oficializar a primeira torcida colorada. Além disso, o Internacional conta, atualmente, com o maior número de mulheres associadas⁸⁶ a um clube de futebol no Brasil, representando 25% do número total do quadro social.

Assim sendo, este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso⁸⁷ produzido no ano de 2018 e tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa que toma a relação entre mulheres e futebol como problemática, tendo seu escopo delimitado no futebol de mulheres do Internacional. Para tanto, acompanhamos a reativação do departamento de futebol “feminino”⁸⁸ do clube e descrevemos alguns acontecimentos que nos deparamos nos quais a relação entre mulheres e futebol mostrou-se evidente ao longo da história do Internacional.

DECISÕES DE MÉTODO

Para dar consequência ao objetivo posto ao artigo, descrevemos aqui as duas principais decisões de método que tomamos. Tais decisões são relativas aos procedimentos operacionais que tornaram possível: primeiro, o acompanhamento da retomada do futebol de mulheres no Internacional, partindo da reativação do seu departamento de futebol e para o qual optamos pela realização de conversas com algumas pessoas envolvidas; segundo, a descrição de alguns

⁸³Disponível em: <<https://www.esporteinterativo.com.br/posts/24585-primeira-associacao-feminina-a-um-time-de-futebol-no-brasil-completa-100-anos>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

⁸⁴Disponível em: <<http://memoriadointer.blogspot.com/2017/03/lugar-de-mulher.html>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

⁸⁵Disponível em: <<https://www.esporteinterativo.com.br/posts/24585-primeira-associacao-feminina-a-um-time-de-futebol-no-brasil-completa-100-anos>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

⁸⁶Disponível em: <<https://radaresportivoufsm.wordpress.com/2017/03/12/a-estruturacao-do-futebol-feminino-no-inter-um-projeto-ambicioso/>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

⁸⁷Apresentado e aprovado no curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande no ano de 2018, sob o título “Futebol e mulheres: o acontecimento CONMEBOL e a reativação do departamento de futebol feminino do Sport Club Internacional”.

⁸⁸Utilizamos a palavra feminino entre aspas, pois entendemos que não há um futebol feminino (enquanto características de feminilidade), mas sim um futebol praticado por mulheres. Contudo, em alguns casos recorremos a palavra “feminino” por uma questão de grafia, visto que a palavra “mulheres” é muito utilizada nesse artigo.



acontecimentos em que a relação entre mulheres e futebol mostrou-se evidente e com os quais nos encontramos ao buscar pela história das mulheres no clube colorado⁸⁹, buscando tais acontecimentos em sites, blogs, artigos acadêmicos e livros.

Desse modo, a decisão pela realização de conversas esteve relacionada com o desejo de estabelecer um diálogo; sem preocupação com estrutura; sem que houvesse ritual de início, meio e fim; e, sem uma noção de segurança (GONÇALVES, 2018). Buscávamos assim, conversas ocasionais, embora houvesse clareza dos objetivos que nos levavam a realizar tais conversas. De acordo com Gonçalves (2018, p. 23) “a conversa é ordinária, ocorre por ocasião”. Para Certeau (2003):

[...] as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras “de situações de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares-comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis”. (p.50)

As conversas ocorreram de dois modos, guardadas as especificidades de cada ocasião e sem um padrão pré-estabelecido: presencial e em vídeo via *Facebook*, de modo individual. Nos preocupamos em informar sobre a realização da pesquisa antes de cada conversa e, para tanto, todas as conversas foram gravadas em áudio, após a autorização das pessoas conversadas. Além disso, em respeito aos aspectos éticos da pesquisa, posteriormente à realização das conversas, solicitamos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, principalmente para os casos de uso destes registros.

No que se refere ao encontro com acontecimentos que colocam a relação entre mulheres e futebol em evidência, nos dedicamos a uma busca em fontes heterogêneas, assumindo que não visamos a totalidade destas. No entanto, vale destacar que poucas foram as fontes encontradas que tratam do futebol de mulheres no Internacional, evidenciando uma carência de pesquisas e, inclusive, de notícias referentes a trajetórias das mulheres no clube colorado. Neste ponto, consideramos importante salientar que uma das fontes utilizada com bastante frequência foi o livro “Sabe aquele gol que o Pelé não fez? Eu fiz! A trajetória esportiva de Duda” da autoria de Suellen Ramos e Silvana Vilodre Goellner, o qual retrata a história de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda), ex-atleta e atual coordenadora técnica do departamento de futebol de mulheres do Internacional. A constância dessa referência ao longo da parte que segue desse artigo se dá

⁸⁹Colorado é uma expressão usada para se referir ao Sport Club Internacional e seu/sua torcedor/a (colorado/colorada).



em virtude deste ser o único livro, até o momento, e um dos poucos trabalhos que encontramos que traz a história do futebol de mulheres no Internacional, embora muito entrelaçado com a trajetória esportiva de Duda.

MULHERES E FUTEBOL NO SPORT CLUB INTERNACIONAL

O futebol de mulheres no Internacional compõe um capítulo significativo da história das mulheres dentro do futebol no estado do Rio Grande do Sul. Ramos e Goellner (2018) afirmam que a primeira equipe do clube colorado que se tem registro foi criada em 1983, tendo como base o time de Porto Alegre, Pepsi Bola. Um ano mais tarde, o clube promoveu a primeira seletiva para formar a equipe adulta. Sobre esse fato, as autoras contam uma curiosidade: não havia categorias de base na época e muito menos escolinhas de futebol para meninas, sendo que os times eram formados por mulheres adultas e as meninas mais novas deviam se encaixar na equipe, caso quisessem jogar futebol.

As autoras destacam ainda que já nesse período o Internacional provinha de uma infraestrutura básica para a equipe, com materiais de treino e jogo, uma comissão técnica com “treinador, preparador físico, preparador de goleiras, tesoureiro, etc.” (p. 34) e locais de treinamento (Gigantinho⁹⁰ e campo suplementar do Beira-Rio⁹¹). No entanto, o clube não viabilizava as viagens para a equipe disputar as competições, ficando a cargo das próprias atletas e familiares realizarem “vaquinhas” para arrecadar dinheiro. De acordo com o site Memória do Inter⁹², “Durante vários anos, no Rio Grande do Sul, não existiram relatos de outra instituição com a estrutura do Inter apoiando o Futebol Feminino”.

Esse apoio gerou frutos e a equipe começou a se sobressair em alguns campeonatos. No ano de 1987, o Internacional conquistava o tricampeonato gaúcho e o terceiro lugar no Campeonato Brasileiro⁹³. No entanto, segundo Ramos e Goellner (2018), a partir de 1988 iniciava-se um período de escassez de competições para o futebol de mulheres gaúcho, tanto em nível nacional quanto estadual. Por esses fatores, o Internacional optou por extinguir o departamento de futebol de mulheres.

Durante o pequeno período de atividades do departamento na década de 1980, algumas

⁹⁰O Gigantinho é o ginásio de esportes pertencente ao Sport Club Internacional.

⁹¹O Beira-Rio é o estádio oficial do Sport Club Internacional.

⁹²Disponível em: <<http://memoriadointer.blogspot.com/2016/10/futebol-feminino-pioneirismo-no.html>>. Acesso em: 16 de outubro de 2018.

⁹³Disponível em: <<http://memoriadointer.blogspot.com/2016/10/futebol-feminino-pioneirismo-no.html>>. Acesso em: 16 de outubro de 2018.



atletas se destacaram, dentre elas Eduarda Marranghello Luizelli, a Duda. De acordo com Ramos e Goellner (2018), Duda iniciou jogando futebol nos gramados do clube colorado e compôs a primeira equipe formada em 1984, tendo apenas 13 anos. Segundo as autoras, Duda marcou a trajetória do futebol de mulheres no Internacional enquanto jogadora, com passagens também pelo futebol italiano e pela Seleção Brasileira, mas quando retornou

[...] da Itália, no segundo semestre de 1995, Duda tinha como objetivo abrir uma escolinha de futebol somente para meninas no Sport Club Internacional. Por já ter participado do elenco de futebol do clube na década de 1980, as portas estavam abertas para a atleta. (p. 60)

Iniciou-se, assim, uma nova era do futebol de mulheres no Internacional, consolidada através da escolinha de futebol da Duda, especificamente para meninas, que funcionava dentro do Internacional, no Parque Gigante⁹⁴. Neste contexto, a parceria da franquia de Escolas da Duda com o Internacional não acarretaria em custos ao clube, já que a ligação se daria por intermédio do Centro de Ensino e Treinamento do Internacional e diante dessa condição, a diretoria aceitou a proposta.

Duda lutava por espaço nas dependências do Internacional. Conquistou sua primeira vitória no dia 07 de setembro 1996, quando a equipe de futebol de mulheres fez seu primeiro treino oficial no campo suplementar do estádio Beira-Rio. Elas faziam um jogo preliminar do Campeonato Brasileiro de homens. Seu engajamento em prol do futebol de mulheres começava a dar resultados. A partir dali, consolidava-se a modalidade dentro do clube colorado, e Duda se tornava referência não só dentro do campo, mas fora dele também. (RAMOS; GOELLNER, 2018, p. 64)

De acordo com o site Memória do Inter⁹⁵, com a retomada do futebol de mulheres a partir da iniciativa de Duda, o Internacional viu a modalidade deslançar, consagrando-se campeã em várias competições, seja em campo ou em quadra, já que no futsal as atletas também demonstravam sua força e participação. Além disso, o clube colorado foi responsável por ceder várias atletas à Seleção Brasileira ao longo de sua história. Bel, Sônia, Maria, Priscilla, Solange, Rosana e Karina, além de Duda, foram algumas das jogadoras que vestiram a camisa verde e a amarela representando o clube colorado.

No entanto, a alegria durou pouco. No ano de 2001, o departamento de futebol de mulheres do Internacional começou a passar por dificuldades, principalmente de cunho

⁹⁴O Parque Gigante é uma área pertencente ao Sport Club Internacional destinada à recreação e lazer dos sócios. Além disso, comporta um Centro de Treinamentos (CT) com estrutura padrão FIFA, que desde 2012 é utilizado pela equipe principal do futebol de homens do clube colorado.

⁹⁵Disponível em: <<http://memoriadointer.blogspot.com/2016/10/futebol-feminino-pioneirismo-no.html>>. Acesso em: 16 de outubro de 2018.



financeiro. Em janeiro do mesmo ano, o Jornal Correio do Povo anunciava os riscos do departamento ser encerrado por falta de patrocínio, já que “Esse parece ser um dos obstáculos enfrentados pelo futebol de mulheres dentro dos clubes de camisa: a troca de direção. A inconstância de investimentos é algo que permeia o futebol de mulheres” (RAMOS; GOELLNER, 2018, p. 78).

Embora com as ameaças de fechamento, o departamento resistiu até o ano de 2004, quando teve de encerrar suas atividades. Para Ramos e Goellner (2018),

Três fatores apareceram como determinantes para o encerramento das atividades: o acúmulo de ações trabalhistas de jogadoras contra o clube, o fim do incentivo à modalidade com a troca da diretoria e a mudança do modelo do clube em seu projeto de escolinhas, que entrava em conflito com o que Duda desenvolvia no Parque Gigante. (p. 93)

Tatiele, treinadora da equipe de futebol de mulheres do Internacional e ex-atleta do clube, em nossa conversa, apontou outro motivo que levou ao fechamento do departamento de futebol de mulheres em 2004: a falta de competições no nível nacional, enfraquecendo o argumento que sustentava a manutenção da equipe, uma vez que as competições foram se tornando escassas até não serem mais realizadas. Tal indicação corroborou com o que, em outra ocasião, Duda também destacou: “Não lembro de termos jogado naquela época algum campeonato de maior expressão. Praticamente não existiam escolinhas femininas para jogarmos contra” (RAMOS; GOELLNER, 2018, p. 92).

Para Ramos (2017)⁹⁶, o futebol de mulheres tem como característica interrupções e descontinuidades. No estado do Rio Grande do Sul, de 2004 a 2008 foram quatro anos de lacuna de campeonato estadual, o qual não foi desenvolvido por nenhuma entidade. A autora reafirma que além de não existirem competições, os departamentos de futebol de mulheres do Internacional e do Grêmio, principais clubes do estado, encerraram suas atividades nesse período.

No ano de 2007, após 3 anos sem atividades vinculadas ao futebol de mulheres, o Internacional estabelece nova parceria com a Escola da Duda para disputar a Copa do Brasil Feminina. De acordo com uma notícia⁹⁷ vinculada no site do Internacional em outubro de 2007, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) convidou a equipe colorada para participar da

⁹⁶Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/gurias-da-bola/>>. Acesso em: 17 de outubro de 2018.

⁹⁷Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=5850>>. Acesso em: 17 de outubro de 2018.



primeira edição da competição em função de ser uma das melhores colocadas no ranking nacional. Sem equipe de futebol de mulheres, o Internacional recorreu à Duda para, mais uma vez, acertar uma parceria com a escolinha de futebol que já participava de competições na modalidade.

Ainda na reportagem, o diretor da época Bernardo Stein explica: “Vamos reativar o departamento, a princípio, para participar da Copa do Brasil. A Duda está trazendo suas jogadoras e comissão técnica e nós vamos disponibilizar toda a nossa estrutura, como campo de treino, fardamento, equipe médica, fisioterapia e logística”. Como previsto, a parceria se encerrou ao final da competição. Tatiele, durante a conversa, atribui o convite da CBF para participar da Copa do Brasil à referência que era a equipe de mulheres do antigo departamento, principalmente no início dos anos 2000, onde os resquícios do sucesso não tiraram por completo o Internacional do cenário nacional.

No ano de 2016, Duda obtém a primeira conquista para o futebol de mulheres colorado, no que se transformaria, mais tarde, em mais uma nova fase para o futebol de mulheres no Internacional. Após alguns anos insistindo na implementação do futebol de mulheres no clube, em 2016 a diretoria aceita a proposta da escolinha da Duda funcionar dentro do Parque Gigante. Para Tatiele, essa conquista refletiu no primeiro passo para o retorno no futebol de mulheres ao clube, conforme sua fala: “Eu acho que o primeiro contato que a Duda retornou o futebol feminino dentro do clube, através dessa parceria com o espaço. Então nós tínhamos a escola feminina da Duda dentro do espaço, estrutura do Inter que era o Parque Gigante” (Conversa com Tatiele, 15/08/2018). A ex-treinadora ainda menciona uma curiosidade “[...] a gente mandou fazer o uniforme da escolinha vermelho, aí tinha o símbolo do Inter de um lado e o logo da Duda no outro, levava dois escudos a Escola” (Conversa com Tatiele, 15/08/2018).

Ao relatar este fato, Tatiele também comenta sobre uma relação entre a sinalização do Internacional a respeito do futebol de mulheres por meio da parceria com escolinha da Duda ao Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (Profut), sancionado por meio da Lei nº 13.155, de 4 de agosto de 2015, que tem como objetivo ajudar as entidades desportivas profissionais de futebol a quitarem suas dívidas com a União. Para tanto, o Art. 4º apresenta as condições exigidas para que as entidades desportivas se mantenham no Profut, dentre as quais destaca-se no inciso X: “manutenção de investimento mínimo na formação de atletas e no futebol feminino e oferta de ingressos a preços populares, mediante a utilização dos recursos provenientes”.



Essa relação sinalizada por Tatiele nos convida a pensar que se os clubes devem, a partir da Lei do Profut, manter um investimento mínimo no futebol “feminino” sem nenhuma especificidade do que seria esse investimento, no que se refere ao valor investido, a estrutura provida, entre outros tipos de investimentos necessários para que o futebol de mulheres se desenvolva, talvez torne a legislação vaga nesse quesito. Isso, por exemplo, respalda a parceria entre o Internacional e a Escola da Duda, no que tange o funcionamento da escolinha dentro do Parque Gigante como um investimento mínimo, ou seja, o Internacional estaria adequado a essa legislação vigente, mesmo provendo apenas o espaço.

Apesar disso, no mesmo ano em que a Escola da Duda se estabeleceu no Parque Gigante, ocorreu a divulgação do novo Regulamento de Licenças da CONMEBOL contendo algumas modificações, das quais destaca-se a obrigatoriedade de equipe de futebol de mulheres vinculada aos clubes de futebol de homens. Podemos dizer que sim, foi um “gol de placa” da Duda, já que se constituiu em um cenário perfeito para o princípio de um desenvolvimento adequado do futebol de mulheres dentro do Internacional. Duda, que já era uma referência para o clube enquanto jogadora, com a escolinha presente mais uma vez no Parque Gigante, também se tornou uma referência enquanto gestora.

Segundo Tatiele, após a divulgação do novo regulamento da CONMEBOL, a diretoria do Internacional estabeleceu um primeiro contato com a Duda, com o intuito de retomar o futebol de mulheres no Internacional, a partir da reativação do seu departamento de futebol. Assim, em fevereiro de 2017, o Internacional anuncia oficialmente o retorno do futebol de mulheres ao clube, tendo Duda como coordenadora técnica e Cézar Schunemann como diretor de futebol “feminino”, sob a gestão do presidente Marcelo Medeiros. Contudo, o departamento de futebol de mulheres ficou vinculado à vice-presidência de relacionamento social e não à vice-presidência de futebol.

Considerando este feito como uma vitória fora de campo, Ramos e Goellner (2018) ressaltam que o clube reativou o seu departamento com o objetivo de ser tornar uma das potências dentro do futebol de mulheres no estado e no Brasil. Na reportagem do site do Internacional que anuncia a retomada da equipe de mulheres⁹⁸, alguns objetivos para os próximos anos são colocados: “a formação de equipes em condições de buscar o título estadual em todas as categorias; a consolidação da estrutura do departamento; a busca de parceiros comerciais; e a participação no campeonato nacional em 2018”.

⁹⁸Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/conteudo?modulo=2&setor=18&codigo=37508>>. Acesso em: 06 de outubro de 2018.



Seguido do anúncio do retorno do futebol de mulheres no Internacional, iniciou-se um intenso trabalho para montar a equipe. Segundo o relato de Tatiele, a Escola da Duda já possuía uma equipe de futebol de mulheres adulta, a qual era a atual campeã do Campeonato Gaúcho. Contudo, a Seleção Gaúcha convocou muitas das atletas, as quais deixaram o vínculo com a Duda para fazer parte da seleção que havia estabelecido uma parceria com o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense para disputar o Campeonato Brasileiro A1. Dessa forma, a equipe adulta da escolinha da Duda estava com poucas atletas e que não eram tecnicamente as melhores. Assim, o clube sentiu a necessidade de realizar uma “peneira”, ou seja, uma avaliação técnica,

Considerada a segunda maior peneira da história do futebol de mulheres, recebeu mais de 700 meninas e mulher no Centro de Treinamento Morada dos Quero-Queros, em Alvorada. Elas foram avaliadas entre as categorias sub-13, sub-15, sub-17 e adulta. (RAMOS; GOELLNER, 2018, p. 108)

Vale salientar que as atletas vieram de vários estados do país em busca de um clube que lhe abrisse as portas e oportunizasse realizar o sonho de jogar futebol. Para tanto, Suellen, preparadora física da equipe, atribui o sucesso da peneira à carência de espaços para as mulheres jogarem futebol:

Em fevereiro, se não me engano, não me lembro muito bem, aconteceu a peneira, que é uma das maiores peneiras do Brasil, que reuniu em média 700 atletas querendo fazer parte do clube. Pra tu vê *né*, como a modalidade carecia desse retorno, não só do Inter, mas como tem muita mulher que joga futebol e não tem onde jogar. Então, foi isso o que nos refletiu, assim, essa peneira, *né*”. (Conversa com Suellen, 18/06/2018)

Tais investimentos voltaram a dar retorno ao clube. Nas categorias de base, Ramos e Goellner (2018) comentam sobre as conquistas no sub-15 e no sub-17, que ainda em 2017, tiveram a oportunidade de disputar o Campeonato Gaúcho. Na categoria sub-15 o Internacional ficou com o vice-campeonato e já na categoria sub-17 sagrou-se campeão. Enquanto isso, a equipe adulta tinha como principal objetivo o Campeonato Gaúcho para retornar ao cenário nacional em 2018. Com uma campanha arrebatadora, a equipe foi para a final com 100% de aproveitamento, tendo como adversário a equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, ou seja, a final do campeonato seria nada menos que um Gre-Nal, o maior clássico gaúcho.

Novamente o trabalho do grupo rendeu frutos, sendo o principal deles disputar a final do Campeonato Gaúcho dentro do Beira Rio, ao lado da torcida colorada. Tatiele ressalta que o clube abriu as portas para a equipe de mulheres devido ao trabalho desenvolvido ao longo do ano, que na reta final resultou num maior apoio do clube à equipe, principalmente em termos de investimento. Diante desse cenário, a equipe sagrou-se campeã gaúcha de 2017, garantido a



oportunidade de disputar a seletiva do Campeonato Brasileiro A2 em 2018. Assim sendo,

A retomada do futebol feminino trouxe resultados meteóricos a curto prazo. O projeto foi elaborado para colocar o clube gaúcho no topo da elite nacional em três anos, com o objetivo de participar de competições nacionais. Será mais uma equipe de camisa lutando por espaço. (RAMOS; GOELLNER, 2018, p. 112)

Em 2018, a equipe se classificou na seletiva do Campeonato Brasileiro A2, contudo, foi eliminada na semifinal da competição. De qualquer forma, tal resultado não abalou o grupo num primeiro momento, nem mesmo seu departamento, que no segundo semestre de 2018 disputou o Campeonato Gaúcho almejando o bicampeonato, que também não veio. Por ter se classificado entre as quatro melhores equipes no Campeonato Brasileiro A2, as Gurias Coloradas, como carinhosamente ficou conhecida a equipe, ascenderam para a Série A1⁹⁹.

Portanto, a história do futebol de mulheres no Sport Club Internacional é muito rica, principalmente no que se refere às conquistas no gramado e fora dele. O bom desempenho da equipe são apenas reflexos do investimento e da responsabilidade da diretoria do clube com a modalidade. Até o momento percebemos que há um incentivo promissor para o futebol de mulheres no Internacional, mas ressaltamos que ainda há muito o que se fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos de uma pesquisa que visou diagnosticar a relação mulheres e futebol no Rio Grande do Sul e, no caso deste artigo, no Sport Club Internacional. O que aqui apresentamos localiza-se neste quadro, tomado por nós como problema, no qual o futebol de mulheres esteve implicado. Acompanhar e descrever como se deu e se dá esta implicação, de modo localizado, em um clube de futebol profissional nos ajudou à complexificar algumas explicações que nos pareciam ter fácil acolhimento e que estão ao lado de relegar as mulheres a um plano menos visível e menos importante. Como se dão tais desenvolvimentos? Como se tem um quadro contemporâneo com tais características? Como explicam as próprias mulheres envolvidas com os acontecimentos localizados? Perguntas deste tipo nos acompanharam na investigação, nos forçaram a tomar decisões de método para tentar respondê-las e permitiram que construíssemos o quadro aqui apresentado.

Em síntese, podemos destacar que os resultados alcançados, diferentemente daqueles que fazem atribuições unicasais, apontam para um conjunto de acontecimentos que passam pela

⁹⁹Salientamos que, em 2019, a então treinadora da equipe, Tatiele, não teve o contrato renovado com o clube.



aproximação das mulheres desde o princípio do clube, a história de conquistas do antigo departamento de futebol de mulheres, as legislações e a necessidade de adequação do clube para poder disputar competições importantes do futebol de homens, em conjunto com pessoas determinadas a desenvolver o futebol de mulheres e uma diretoria que se propõe a abrir as portas para a modalidade. Ou seja, o que encontramos foi uma rede de acontecimentos nos quais as mulheres protagonizam, em diferentes oportunidades, disputas por espaços que não nos permitem acatar qualquer explicação unicausal ou na qual as próprias mulheres não assumam protagonismo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.155, de 4 de agosto de 2015. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 05 de ago. 2015, p. 1.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CONMEBOL, Confederación Sudamericana de Fútbol. **Reglamento de Licencias de Clubes de la CONMEBOL**. 2016.

GONÇALVES, Vanessa Bugs. **Táticas e estratégias: uma desconstrução da noção de indisciplina no cotidiano escolar**. 2018. 151 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

MOREL, Marcia; SALLES, José Geraldo do Carmo. Futebol Feminino. In: COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro. 2006. p. 8.264-8.265.

RAMOS, Suellen dos Santos; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Sabe aquele gol que o Pelé não fez? Eu fiz! A trajetória esportiva de Duda**. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2018.

RAMOS, Suellen dos Santos. Gurias da Bola: futebol e mulheres no Rio Grande do Sul. **Ludopédio**. 2017. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/gurias-da-bola/>>. Acesso em: 17 de outubro de 2018.



MULHERES NO ESPORTE: O COMEÇO DO PORTAL ESPNW NO BRASIL

Fernando Godinho Lima¹⁰⁰

Joanalira Corpes Magalhães¹⁰¹

RESUMO: O artigo analisa o começo do portal ESPNW no Brasil, discutindo as questões relacionadas às mulheres no esporte. Fundamentamos este estudo a partir do campo teórico dos estudos culturais e de gênero, nas suas vertentes pós-estruturalistas. O material empírico compreende o portal ESPNW e o seu vídeo de divulgação “*Invisible Players*”. Para as análises utilizamos as noções de modos de endereçamento. Entendemos que o portal ESPNW emerge de algumas questões de gênero presentes historicamente nos esportes e da falta de espaço de discussão para estas temáticas. O vídeo *Invisible Players* apresenta uma série de estratégias para demonstrar a falta de reconhecimento e visibilidade das mulheres no esporte e estabelece um modo de endereçamento para pessoas ligadas a este assunto. Neste artigo percebemos que o portal ESPNW provoca certas rupturas em relação ao espaço que a mulher ocupa no esporte.

PALAVRAS-CHAVES: ESPNW. Mulheres. Esportes

WOMEN IN SPORT: THE BEGINNING OF THE ESPNW PORTAL IN BRAZIL

ABSTRACT: The article analyzes the beginning of the ESPNW portal in Brazil, discussing issues related to women in sports. We base this study from the theoretical field of cultural and gender studies, in its poststructuralist aspects. The empirical material includes the ESPNW portal and its "Invisible Players" disclosure video. For the analysis we use the notions of addressing modes. We understand that the ESPNW portal emerges from some issues of gender historically present in sports and the lack of discussion space for these issues. The video *Invisible Players* presents a series of strategies to demonstrate the lack of recognition and visibility of women in sports and establish a way of addressing people related to this subject. In this article we notice that the ESPNW portal causes certain ruptures in relation to the space that women occupy in sports.

KEY WORDS: ESPNW. Women. Sports

MUJERES EN EL DEPORTE: EL COMIENZO DEL PORTAL ESPNW EN BRASIL

RESUMEN: El artículo analiza el comienzo del portal ESPNW en Brasil, discutiendo las cuestiones relacionadas con las mujeres en el deporte. Fundamentamos este estudio a partir del campo teórico de los estudios culturales y de género, en sus vertientes post-estructuralistas. El material empírico comprende el portal ESPNW y su video de divulgación "Invisible Players".

¹⁰⁰ Doutorando do PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde.

¹⁰¹ Doutora em Educação em Ciências da FURG. Professora adjunta do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação: Educação em Ciências: Química da vida e saúde e Educação da FURG.



Para los análisis utilizamos las nociones de modos de direccionamiento. Entendemos que el portal ESPNW emerge de algunas cuestiones de género presentes históricamente en los deportes y de la falta de espacio de discusión para estas temáticas. El video Invisible Players presenta una serie de estrategias para demostrar la falta de reconocimiento y visibilidad de las mujeres en el deporte y establece un modo de direccionamiento para personas ligadas a este asunto. En este artículo percibimos que el portal ESPNW provoca ciertas rupturas en relación al espacio que la mujer ocupa en el deporte.

PALABRAS CLAVES: ESPNW. Mujeres. Deportes

1. INTRODUÇÃO

Em 2017, nos dias 13 e 19 de julho, duas entrevistas chamaram a atenção pela falta de visibilidade e reconhecimento das mulheres no contexto esportivo. A primeira delas foi concedida pelo tenista Andy Murray durante o torneio de Wimbledon, quando na coletiva de imprensa o jogador foi questionado sobre a participação de um tenista norte-americano nas finais do campeonato depois de certo tempo sem nenhum representante daquele país. Então, Murray interrompeu a fala do jornalista e lembrou que era um período de tempo sem tenistas homens nas finais, pois mulheres norte-americanas constantemente alcançam grandes resultados no torneio. A segunda entrevista foi feita por uma jornalista esportiva com o, naquele momento, treinador de futebol do Sport Club Internacional, Guto Ferreira. Na referida entrevista, após uma pergunta relacionada à partida realizada minutos antes, o treinador se negou a responder em virtude da jornalista ser mulher e provavelmente não conhecer o funcionamento do esporte.

Sobre o esporte, Goellner (2003) destaca-o como generificado, um espaço em que batalhas foram travadas ao longo dos anos para a inserção e manutenção das mulheres. A mesma autora ainda lembra que as vitórias feministas no esporte ainda estão aquém dos espaços que elas ocupam em relação aos homens. Na esfera competitiva os menores salários, visibilidade, premiações e patrocínios demonstram isto (ADELMAN, 2006).

A ausência das mulheres nos espaços esportivos ou a fraca visibilidade feminina é diretamente relacionada à grande visibilidade dos homens atletas. As mulheres carregam narrativas históricas da representação hegemonicamente masculina do esporte. Por vezes invisíveis e em outras diminuídas. A presença das mulheres sucumbiu historicamente à construção dos esportes culturalmente destinados a corpos masculinos (GOELLNER, 2004).



Sobre a imagem da mulher no esporte, constituiu-se uma exploração dos seus contornos corporais, com intuito de torná-lo sensual (FISCHER, 2001).

Estes dois episódios sexistas citados anteriormente nos fizeram pensar sobre o quanto ainda temos que debater a questão do reconhecimento e as formas de visibilidade das mulheres no esporte. E, a partir disto, nos instigou olhar para o portal ESPNW, pois entendemos o mesmo como um artefato cultural que interpela os sujeitos com intenção de produzir discursos sobre o espaço das mulheres nos esportes.

O portal ESPNW é um segmento da ESPN¹⁰² (Entertainment and Sports Programming Network) e foi lançado em alusão aos assuntos de interesse das mulheres. O portal se autodeclara “espaço de discussão das mulheres no esporte” e promete “um olhar diferenciado para as questões ligadas ao espaço e aos direitos das mulheres”. A utilização da letra “W” é referente à sua origem norte-americana (*woman*). Sua criação é datada no ano 2009, nos Estados Unidos, mas só chegou ao Brasil em 2016 com a campanha “*Invisible Players*”, que tinha o vídeo de divulgação nas propagandas da ESPN.

Com este artigo analisamos o começo do portal ESPNW Brasil, discutindo as questões de gênero a partir dos modos de endereçamento do portal e do seu vídeo de divulgação.

2. DECISÕES METODOLÓGICAS

Sobre o material empírico, neste artigo, analisamos o portal ESPNW Brasil e o vídeo de divulgação do mesmo, intitulado “*Invisible Players*”¹⁰³.

Referente à escolha dos artefatos culturais em questão, destacamos que os mesmos demonstram certa relevância numa sociedade educativa, onde as pedagogias culturais se mostram cada vez mais presentes (BARBERO, 2014). Neste sentido, Wortmann (2008) notabiliza a importância dos Estudos Culturais, os quais nos possibilitam perceber e analisar as mídias como espaços que ultrapassam a mera disseminação de informação e lazer, mas como atuantes na fabricação e/ou produção discursiva das informações. Douglas Kellner (2001) corrobora destacando a noção de que não somos sujeitos passivos frente às mídias, este autor relativiza o papel da mídia e do público, descaracterizando o público como mero assimilador de mensagens difundidas pela mídia.

Para o *modus operandi* desta pesquisa, estipulamos e utilizamos noções do modo de

¹⁰² Canal de televisão por assinatura que é referência internacional nos esportes.

¹⁰³ <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.



endereçamento como ferramenta analítica. Elizabeth Ellsworth (2001) explica que o modo de endereçamento está na “diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer – e o que é dito” (ELLSWORTH, 2001, p. 47).

Segundo Ellsworth (2001), existe uma ligação sólida entre os artefatos culturais e seus/suas espectadores/as, ou seja, um caminho entre a produção audiovisual e sua audiência imaginada/audiência real. Fazendo uma analogia das publicações do portal ESPNW Brasil e do vídeo de divulgação com os filmes, destacamos um trecho do livro de Ellsworth em que a autora explica que o modo de endereçamento

...tem a ver com o desejo de controlar, tanto quanto possível, como e a partir de onde o espectador ou a espectadora lê o filme. Tem a ver com atrair o espectador ou a espectadora a uma posição particular de conhecimento para com o texto, uma posição de coerência, a partir da qual o filme funciona, adquire sentido, dá prazer, agrada dramaticamente e esteticamente, vende a si próprio e vende os produtos relacionados com o filme (2001, p. 24).

Indo ao encontro de Ellsworth, Itania Gomes (2004) destaca que esta relação produto e espectador/a é social e historicamente construída, já que o modo de ver é uma construção. Assim, a partir do portal ESPNW Brasil e do seu vídeo de divulgação (*Invisible Players*) buscamos caracterizar o modo de endereçamento destes artefatos culturais, articulando a sua intencionalidade com o público alvo, as pessoas que se interessam pelos assuntos referentes às mulheres no esporte.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

3. 1. Caracterização do Portal ESPNW Brasil

Negar discursos machistas e hegemonicamente encontrados no meio esportivo foi o intuito inicial do portal ESPNW Brasil. Ou seja, quebrar paradigmas e inserir o discurso feminista no esporte vem para “desmistificar a ideia que o esporte é reduto preferencialmente masculino”¹⁰⁴. No Brasil, as notícias, reportagens, postagens ou assuntos deste segmento podem ser encontrados em quatro áreas de atuação: notícia, *lifestyle*, especiais e blogs e são encontradas

¹⁰⁴ Tiramos esta afirmação do próprio site da ESPN: www.espnw.espn.uol.com.br/. Acessado em 21 de novembro de 2016.



em uma aba específica no próprio site da ESPN, no FACEBOOK e no TWITTER. Cada um desses artefatos tem um caráter específico. As páginas FACEBOOK e TWITTER apresentam uma tendência de maior participação e opinião daquelas pessoas que o acessam. No site existe uma gama de postagens diárias e uma constante atualização e o programa trás para discussão pessoas ligadas mais diretamente ao esporte, estes espaços seriam das vozes privilegiadas¹⁰⁵.

As plataformas de veiculação da ESPNW Brasil são produzidas exclusivamente por mulheres. São ex-atletas como Magic Paula (basquete), Ana Moser (vôlei), Flavia Delaroli (natação), Juliana Cabral, (futebol), Danielle Zangrando (judô). Além delas, também fazem parte profissionais da emissora ESPN, a apresentadora Juliana Veiga e a repórter Gabriela Moreira.

Este espaço de discussão faz-se necessário, visto que as mulheres alcançaram um espaço historicamente demarcado como masculino, como lembram Elias e Dunning (1992), a concepção inicial do desporto era reservada exclusivamente para os homens.

Com a presença do portal ESPNW na grade de programação as ESPN outra questão deve ser levantada, o endereçamento deste novo seguimento. Elizabeth Ellsworth (2001), explica que os modos de endereçamento são específicos nas mídias em geral e dizem muito a respeito daquilo que é esperado. Existe expectativa e desejo por parte de quem cria o seu produto. Esta mesma autora nos possibilita pensar que a relação da mídia com seu/sua espectador/a vai além de uma simples questão de definir o público-alvo, a autora parte do pressuposto do envolvimento do/a espectador/a. É um evento que transcende a relação produto e receptor, leva em consideração o lugar social, as experiências e o lugar de vida do/a espectador/a. A história e o/a espectador/a ou público devem estabelecer uma relação, uma interação para que funcione.

O portal ESPNW Brasil, apresenta significados para seus/suas espectadores/as e, os seus modos de endereçamento, referentes às mulheres (machismo, gravidez e participação olímpica), podem ser exemplificados nos três próximos recortes do portal ESPNW Brasil (figuras 1, 2 e 3).

Figura 1: Machismo no esporte

¹⁰⁵ Para mais: FOUCAULT, M. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FURG
50 anos
Um passado de histórias. Um futuro de histórias.

VII
EXTREMOS
DO SUL

espnw.espn.uol.com.br/patricia-freitas-vela-entrevista/

espnW

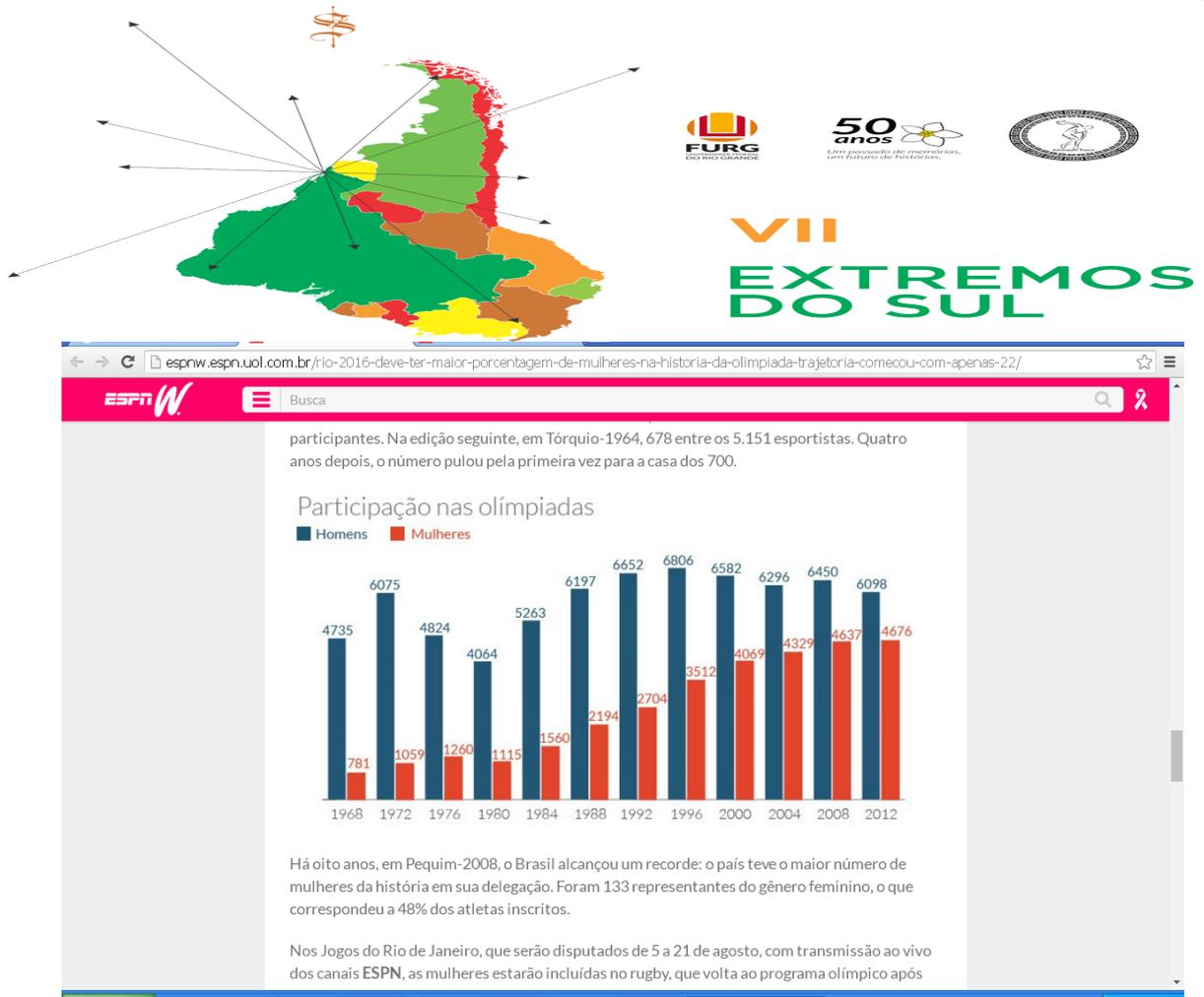
Com exclusividade, Patrícia Freitas fala de machismo, quebra de paradigmas na Vela e Rio 2016

Notícias 1 semana

FREITAS
BR

Fonte: www.espnw.espn.uol.com.br/patricia-freitas-vela-entrevista/. Acessado em 20 de maio de 2016.

Figura 2: Histórico da participação nos jogos olímpicos



Fonte: www.espn.uol.com.br/rio-2016-deve-ter-maior-porcentagem-de-mulheres-na-historia-da-olimpiada-trajetoria-comecou-com-22/. Acessado em 20 de maio de 2016.

Figura 3: Contratos “antigravidez”



Fonte: www.espn.uol.com.br/liga-de-basquete-da-espanha-pode-demitir-jogadoras-que-ficarem-gravidas/.

Acessado em 20 de maio de 2016.

Um dos endereçamentos da ESPNW Brasil é a luta contra o machismo. Na figura 1,



Patrícia Freitas, que é velejadora e já participou de diversas competições internacionais da vela, fala em entrevista ao portal sobre as dificuldades encontradas no esporte em que pratica. A atleta lembra que ao longo da sua trajetória, a vela sempre teve um maior número de atletas homens, levando em conta que é considerado um esporte radical e perigoso, que exige muita exposição ao tempo e tem certa brutalidade. Todo esse contexto apresentado pela atleta e a diferenciação de capacidade física apontada para a vela, elencando-a como um esporte masculino ou masculinizado, traz um endereçamento ao público que se sente representado pela busca de equidade entre os gêneros no esporte¹⁰⁶.

Outra possibilidade de endereçamento são as lutas feministas por reconhecimento de espaço. Na figura 2, a ESPNW Brasil apresenta uma evolução da participação das atletas mulheres nos jogos olímpicos. Fazendo uma relação direta com os movimentos feministas, lembrando que em 1896, nos primeiros Jogos Olímpicos da época moderna, a participação das mulheres foi zero, a reportagem lembra que somente em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, depois de uma lenta e gradual luta por reconhecimento, as mulheres somaram 34% do total de atletas, atingindo uma marca histórica de um terço dos participantes. A reportagem destaca também que, após esta “emancipação” das mulheres nos jogos olímpicos, os espaços foram sendo ocupados, chegando ao ponto de em 2012, nos Jogos Olímpicos de Londres, todos os países envolvidos nos jogos tiveram ao menos uma representante feminina na sua delegação e, nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, 45% dos participantes eram mulheres. Os movimentos feministas, que abarcam a importância da participação das mulheres em espaços antes não ocupados, demarcam um endereçamento das mulheres que lutam pelo reconhecimento do gênero feminino nos Jogos Olímpicos¹⁰⁷.

Na figura 3, a questão dos direitos trabalhistas para atletas homens e mulheres revela uma diferenciação significativa. A associação das jogadoras de basquete da Espanha denunciou a cláusula trabalhista que algumas atletas daquele país sofreram dos seus clubes. A cláusula em questão seria “antigravidez”, visto que as atletas que ficassem grávidas durante o período de contrato seriam despedidas sem indenização. A reportagem relata que o número de atletas submetidas a estes contratos é incerto, mas as mulheres que realizaram a denúncia mencionam que são muitas. A reportagem ainda relata que mudanças vêm sendo pensadas para superar essa discriminação. Secretários do estado espanhol, senado e deputados cobram modificações

¹⁰⁶ www.espnw.espn.uol.com.br/patricia-freitas-vela-entrevista/. Acessado em 20 de maio de 2016.

¹⁰⁷ www.espn.uol.com.br/rio-2016-deve-ter-maior-porcentagem-de-mulheres-na-historia-da-olimpiada-trajetoria-comecou-com-apenas-22/. Acessado em 20 de maio de 2016.



legislativas para evitar contratos com cláusulas deste tipo. Eles ainda lembram que estas cláusulas são um dos pontos de interesse de quem luta contra a discriminação das mulheres no esporte espanhol. As mulheres têm menos direitos garantidos no país, como, por exemplo, convênios coletivos que atenderiam as esportistas incapacitadas para competir, assim como acontece com os esportistas homens¹⁰⁸.

Os três exemplos desatacados e contextualizados acima nos possibilitam perceber como o portal ESPNW Brasil estabelece alguns de seus endereçamentos ao tratar em seu conteúdo de assuntos relacionados às mulheres no esporte.

3. 2. *Divulgação do Portal ESPNW no Brasil: vídeo Invisible Players*

Neste subtítulo buscamos fazer uma interlocução entre um artefato cultural, o vídeo “*Invisible Players*”, e a divulgação do mesmo. Através deste vídeo que foi lançado para promover o portal ESPNW Brasil, trabalhamos com a ideia de análise e discussão das imagens e das falas que se relacionam com a proposta de compreender o endereçamento do portal em relação ao esporte e ao gênero e, assim, recortamos aquelas que formam um encaixe potente a ponto de serem destacados e expostos nesta pesquisa.

Assistimos, destacamos e escrevemos sobre: o que havia de comum entre as falas, as reações das pessoas e tudo aquilo que se encaixou com a temática da pesquisa. Ainda, ressaltamos o entendimento que o vídeo tem a intenção de mostrar a pouca visibilidade das mulheres no esporte e, o artefato cultural em questão tem um aporte midiático e apelo comercial, ou seja, não encaramos o vídeo como algo neutro, existe um direcionamento nele e as escolhas dos esportes, das silhuetas sem traços de gênero (como cabelos compridos) e a edição das imagens sugerem isso. O que buscamos aqui é analisar como o vídeo nos possibilita problematizar em relação às questões de gênero.

O vídeo foi veiculado nas propagandas do canal de televisão por assinatura ESPN durante alguns dias – em março de 2016¹⁰⁹ – e em horários diversos, inclusive entre os intervalos de esportes de grande audiência, como o basquete. O artefato cultural trabalhado nesta pesquisa teve boa repercussão, mais de um milhão de pessoas assistiram até a realização deste artigo¹¹⁰. O mesmo tem dois minutos de duração no seu formato original e pode também ser encontrado no

¹⁰⁸ www.espn.uol.com.br/liga-de-basquete-da-espanha-pode-demitir-jogadoras-que-ficarem-gravidas/. Acessado em 20 de maio de 2016.

¹⁰⁹ Março, relacionado ao mês da mulher e 2016, ano de lançamento do portal e do vídeo.

¹¹⁰ 1.306.623 visualizações até dia 09 de maio de 2019.

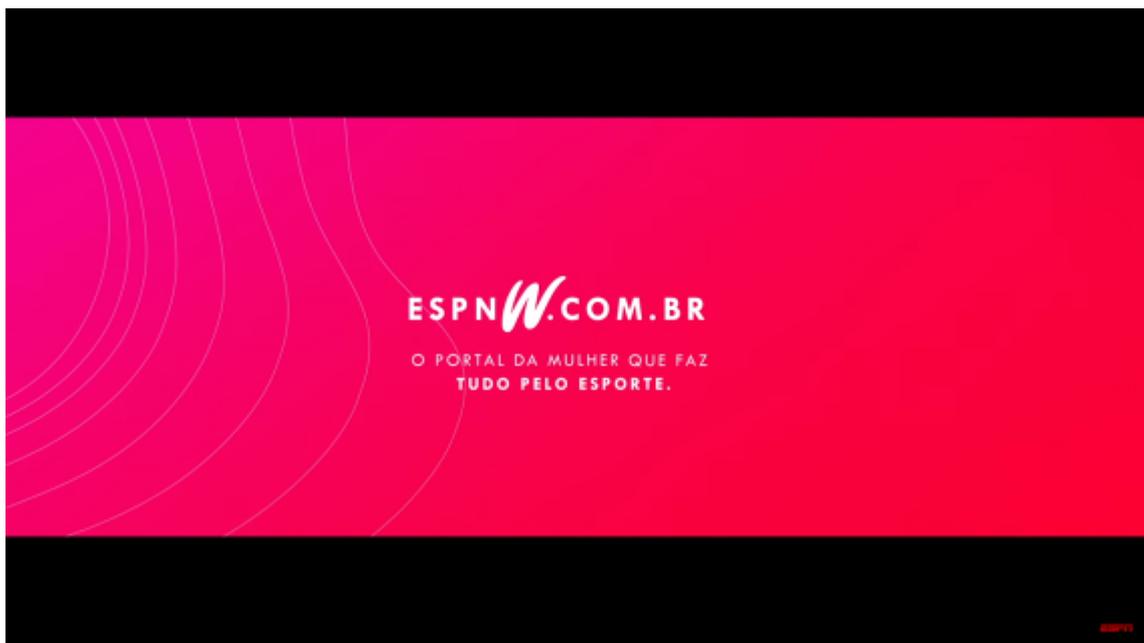


*You Tube*¹¹¹.

O vídeo sugere que, 300 pessoas de ambos os gêneros, que têm algum tipo de envolvimento com esporte, são convidadas a identificar imagens referentes a lances de futebol, basquete e surf. As cenas são estilizadas e mostram somente a silhueta de atletas, que na verdade são três mulheres praticando seus respectivos esportes. As imagens passam e as pessoas devem responder a quem pertencem aquelas silhuetas. Neste momento nenhuma resposta conteve o nome de uma atleta mulher e, ao final das três imagens, mulheres não foram mencionadas.

A imagem presente no *slogan* final do vídeo é uma das caracterizações importantes deste novo espaço de discussão (Figura 4). Ele evidencia o direcionamento do portal e do vídeo.

Figura 4: slogan do portal ESPNW Brasil



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Com um endereçamento bem definido, a promoção do debate do tema esporte e mulheres, o vídeo de divulgação do portal ESPNW Brasil, é exibido pela primeira vez no dia internacional da mulher, mais precisamente em 08 de março de 2016. Para além das noções estruturais do vídeo, a escolha do dia faz uma relação direta entre o artefato cultural e os seus/suas espectadores/as.

Como mencionado anteriormente, depois de analisar as três imagens que passam em um telão, nenhuma das trezentas pessoas que assistiram as silhuetas mencionou alguma mulher

¹¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.



como protagonista nas imagens (Figuras 5, 6 e 7). O vídeo destaca que todas as pessoas que participaram são ligadas aos esportes, são esportes bem distintos e duas das três imagens são de mulheres brasileiras nos seus respectivos esportes. Ao levantar todos estes fatores, o vídeo propaga a suspeita da necessidade de discussão, visto que nenhuma destas atletas foi mencionada nas respostas.

Figura 5: silhueta de um arremesso no basquete



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Figura 6: silhueta da execução de uma manobra no surf



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Figura 7: silhueta chutando uma bola de futebol



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

A figura 7 contém a atleta Marta Vieira da Silva, eleita por seis vezes a melhor jogadora



de futebol do mundo. Outra suspeita levantada pelo vídeo é que mesmo as atletas com certo prestígio internacional, que conquistaram prêmios importantes para o esporte brasileiro não possuem o reconhecimento devido no país.

Não é o caso das modalidades esportivas selecionadas no vídeo, mas o que poderia ter causado certa confusão entre os/as entrevistados/as seria a escolha por modalidades essencialmente consideradas como masculinas. Ainda em 2017 encontramos modalidades classificadas em exclusivamente de determinado gênero – masculino ou feminino – numa clara demonstração de diferenciação entre eles. Vejamos como exemplo, os jogos olímpicos realizados no Brasil, no Rio de Janeiro em 2016, a canoagem, esporte considerado complexo e com muita exigência física, foi disputado exclusivamente pelos homens, enquanto a ginástica rítmica, esporte tido como delicado, só pelas mulheres. Ou então, regras diferentes dentro de uma mesma modalidade como, por exemplo, na ginástica artística, em que as mulheres fazem determinados aparelhos e homens outros. Uma ultrapassada e equivocada separação entre os gêneros.

Ainda sobre os jogos olímpicos do Rio de Janeiro (2016), ao defrontar as respostas da pesquisa com a participação das mulheres nos jogos temos dados interessantes referentes à visibilidade de homens e mulheres. No Rio 2016 as mulheres chegaram com a maior delegação da história, certa de 45% dos/as atletas eram mulheres e, ainda, a maior potência olímpica, os Estados Unidos, apresentou uma delegação feminina superior a masculina. Assim, trazemos dados para pensar: o primeiro é que rompemos com algumas barreiras e conseguimos estabelecer um crescimento na participação das mulheres através das discussões de igualdade de gênero no mundo esportivo, pois foram criadas categorias e abertos novos espaços para as mulheres; o segundo ponto é que mesmo com estas vitórias e o ganho de terreno nos jogos olímpicos, a visibilidade e reconhecimento das mulheres entre espaços de televisão, patrocinadores e premiações continua muito aquém dos homens.

Voltando-nos ao passado, os esportes foram inventados para os homens demonstrarem suas virtudes, sempre relacionadas à sua masculinidade ou virilidade. Com o passar dos anos ainda encontramos resquícios desta época no mundo esportivo, voltado para as performances masculinas, mas o espaço feminino vem crescendo a ponto das mulheres marcarem sua presença de maneira mais significativa (PFISTER, 2003).

O endereçamento do vídeo é alavancado no momento em que nenhuma mulher é mencionada na pesquisa (Figura 8). Ao não encontrar nomes de atletas mulheres nas perguntas



feitas aos entrevistados e às entrevistadas, o objetivo de mostrar a pouca visibilidade das mulheres no meio esportivo é explicitado.

Figura 8: quadro com as respostas dos entrevistados

GOL		CESTA		ONDA	
	MENÇÕES		MENÇÕES		MENÇÕES
NEYMAR	138	M. JORDAN	164	MEDINA	201
MESSI	102	OSCAR	096	MINEIRINHO	052
C. RONALDO	025	L. JAMES	021	K. SLATER	032
PELÉ	016	K. BRYANT	010	M. FANNING	007
MARADONA	008	S. CURRY	006	F. TOLEDO	004
RONALDO	006	J. HARDEN	002	A. IRONS	003
ROMÁRIO	005	S. O'NEAL	002	J. SMITH	001

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Pautamo-nos em Crenshaw (2002), quando a autora destaca que os problemas de gênero devem ser colocados em pauta e destacados nos mais variados espaços de discussão, por vezes ele pode não estar aparente, mas numa busca mais apurada percebemos a sua existência, como no caso deste vídeo, o sexismo.

Outro aspecto relevante é que as próprias mulheres não se viam nas silhuetas, ou seja, constatamos uma construção social de um esporte estilizado masculinamente. Atentamos para o fato de que tanto homens quanto mulheres não reconhecem as mulheres esportistas. É lógico pensar que uma silhueta praticando esporte seja um homem, afinal, os grandes nomes, os ícones ou grandes atletas foram historicamente construídos e constituídos como sendo homens.

O espaço esportivo é um terreno de visibilidades, principalmente no alto rendimento, e nele são associadas figuras heroicas. Historicamente, os atletas homens têm maiores ascensões midiáticas em relação às mulheres, por diversos fatores relacionados às cifras que os mesmos geram, desde patrocinadores até venda de ingressos. O que impulsiona uma cadeia de interesses, quanto mais dinheiro investido, mais visibilidade e maior espaço nas mídias. Assim, identificamos a necessidade de uma ressignificação, de interpelar aquilo que nos parece natural.



Estranhar, desfamiliarizar ou desnaturalizar a tendência de lembrarmos sempre de um homem ao nos remeter a algum esporte. Buscar maior incentivo ou investimento para o esporte feminino é ressignificar algo que já está dado (WORTMANN, 2008).

As imagens apresentadas nas figuras 9 e 10 são expostas quando no vídeo é feita a pergunta: “o quanto você sabe sobre esporte?” e, no término do mesmo, quando afirmando que: “você pode até saber sobre esporte, mas se não acertou as respostas, precisa aprender mais sobre o poder da mulher”. Este fragmento do vídeo apresenta um direcionamento para uma discussão presente nos dias atuais: o empoderamento¹¹² feminino e o reconhecimento das mulheres em diferentes áreas. Com as figuras 7 e 8 observamos uma intenção de mexer com as mulheres, no sentido de impulsioná-las a lutar por seu espaço no meio esportivo e, além disto, entendemos tal artefato como uma das estratégias emergentes de debate nas produções culturais.

Figura 9: mensagem final do vídeo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Figura 10: mensagem final do vídeo

¹¹²Expressão difundida e defendida pelos movimentos feministas contemporâneos que tem por finalidade as causas essencialmente das mulheres, indo além dos debates mais corriqueiros como machismo, o movimento procura empoderar as mulheres dos seus direitos.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Assim como o quadro estatístico das respostas, também podemos analisar as reações faciais e as falas dos/as entrevistados/as. Em certo momento do vídeo as mulheres entrevistadas comentam: “eu acho que existe um bloqueio ainda” ou “quando você pensa em atleta, pensa em homem” ou “fiquei chateada comigo, não falei nome de mulher” (Figura 11). Nestes pequenos trechos percebemos que ao não mencionarem nomes femininos de atletas, as próprias mulheres afastam a possibilidade de fazermos uma leitura unicamente sexista e machista. Espera-se este tipo de respostas dos homens, levando em consideração a sociedade machista em que vivemos.

Figuras 11: expressão facial da entrevistada ao identificar as silhuetas.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Quando as próprias mulheres não se reconhecem capazes de fazer aquelas manobras, gols ou cestas percebemos que as desconsiderações são efeitos de uma construção histórica de identidade, em que a figura esportiva é sinônimo do gênero masculino. Criamos uma identidade que coloca o esporte como espaço masculino, perpetuando a estabilidade do sexo e do gênero. Assim, participamos da construção da identidade do corpo, como aponta Butler (2003). A mesma autora destaca que praticamos a construção da identidade imposta normativamente e regulamentada a partir de verdades sobre sexo e gênero.

Em outro momento, as reações dos/as entrevistados/as quando percebem que não acertaram as silhuetas e que não falaram nomes de mulheres trazem uma noção da pouca visibilidade das mulheres no esporte. As entrevistadas têm reações típicas de surpresa: “uau”, “shii, caraca” são algumas delas.

Historicamente falando, podemos caracterizar este espanto por uma tendência naturalizada das silhuetas dos corpos atléticos remeterem aos homens. Butler (2003) destaca que a estilização do corpo é a forma de fabricar uma ilusão de permanência sexuada, sujeita a heteronormatividade da sociedade, ou seja, uma representatividade de identidade do gênero. Pensar em mulheres com silhuetas ou corpos atléticos seria subverter uma lógica de identidade construída. Nesta perspectiva normatizada de corpo, vivemos numa sociedade em que atividades físicas cumprem objetivos distintos para homens e mulheres. Neste sentido, na sociedade em



que vivemos vislumbra-se que homens procurem adquirir massa muscular e ter corpos mais atléticos e mulheres objetivem perder peso e ficar mais belas.

Dentre as escolhas de edição do vídeo, um homem faz uma fala emblemática. Ele comenta: “nem imaginei que poderia ser uma mulher” (Figura 12). A fala do entrevistado gera a suspeita de obviedade, que uma silhueta praticando esporte seja um homem, desconsiderando que ambos os gêneros são capazes de praticar o esporte em quaisquer circunstâncias. No quesito visibilidade, o momento atual remete ao século XVII ou XIX, quando os esportes eram realizados pelos e para os homens (ELIAS; DUNNING, 1992).

Figura 12: expressão facial do entrevistado ao identificar as silhuetas.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

É inegável que o esporte possui um potencial de mobilização social e tem certo destaque na nossa sociedade. Ao analisá-lo identificamos uma capacidade de reunir diferentes etnias, gêneros, idades, identidades sexuais, classes sociais ou religiões. É um terreno de virtuosa visibilidade, acarretado de significados (LOURO, 1996). Neste sentido, encontramos no meio esportivo um discurso legitimado socialmente e, com esta pesquisa, buscamos contextualizar as condições que produziram e que aceitam ainda hoje este discurso hegemonicamente masculino verdadeiro.

4. CONCLUSÃO



Nos últimos anos evidenciamos certas rupturas em relação ao espaço que a mulher conquistou no ambiente esportivo, o próprio portal ESPNW Brasil é uma prova disto. Ainda, percebemos que os modos de endereçamentos do portal e do vídeo potencializam as discussões de equidade dos gêneros.

Entendemos que o portal ESPNW Brasil emerge de algumas questões de gênero presentes historicamente nos esportes e da falta de espaço de discussão para estas temáticas. Tanto no portal e quanto no vídeo *Invisible Players* podemos perceber uma série de estratégias que demonstram a falta de reconhecimento e visibilidade das mulheres no esporte e estabelece um modo de endereçamento para pessoas ligadas a este assunto.

Entendemos que os artefatos culturais podem ir ao encontro da desconstrução deste cenário de menor visibilidade e reconhecimento das mulheres esportistas, com intuito de descontinuar este discurso sexista. Entendemos tanto o portal quanto o vídeo como importantes ferramentas ideológicas para desarticular algo que é dado como certo. Acreditamos que estes artefatos culturais podem provocar um novo entendimento sobre o sexismo e a equidade de gênero no esporte. Articulando-nos com elementos diferentes podemos apresentar outros modos de pertencer.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, 2006, 12.1.
- BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, 2002, 10.1.
- ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Difel, Lisboa. 1992.
- ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. da (Org.). **Nunca fomos humanos**. BH: Autêntica, 2001.
- FISCHER, R. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre os modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, p. 586-599, n. 2/2001.
- GOELLNER, S. **Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003.

_____. Mulher e esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, A;



KNIJNIK, J. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: Comportamento, gênero, desempenho.** São Paulo: Aleph, 2004.

GOMES, I. Quem o Jornal do SBT pensa que somos? Modos de endereçamento no telejornalismo show. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia,** Porto Alegre, no. 25, p. 85-98, dezembro de 2004.

KELLNER, D. **A cultura da Mídia:** estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOURO, G. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M (org.). **Gênero e saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, pp. 7-18.

PFISTER, G. Líderes femininas em organizações esportivas - Tendências mundiais. **Movimento,** 2003, 9.2.

WORTMANN, M. A visão dos estudos culturais da ciência. **Com Ciência.** no. 100 Campinas 2008.

ⁱ Para mais informações acessar o Portal Municipal de Educação e Desporto de Pelotas: <http://server.pelotas.com.br/educacao/portal/desporto/>

ⁱⁱ Para mais informações acessar a página do projeto: <https://www.facebook.com/minihandebolufpel/>

ⁱⁱⁱ Para mais informações acessar o Portal da Universidade Federal de Pelotas: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2019/03/25/projeto-de-handebol-universitario-e-realizado-na-esef/>